







1607/1834.

# ROMANCES NACIONALES



ROMANCES NACIONAES

---

---

# O TERREMOTO DE LISBOA

ROMANCE ORIGINAL

POR

M. PINHEIRO CHAGAS

---

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.<sup>a</sup>

68, Praça de D. Pedro, 68

1874



*A propriedade d'este livro, pertence a Henrique de  
Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.*



## I

### A aurora de um grande reinado

Estava a sumir-se no horisonte o sol do dia 31 de julho de 1750. No largo do Terreiro de Paço agrupava-se bastante gente, não, como de costume, para gosar a fresca viração do Tejo, mas attrahida por uma visível curiosidade que fazia com que se accumulassem populares, frades, e soldados ás portas do Paço da Ribeira, conversando com os cocheiros das muitas carruagens que alli tambem estacionavam, e interrogando avidamente os serviçaes do palacio, que sabiam e entravam todos azafamados, e com os ares graves de quem está senhor de algum segredo importante.

É que estava nos paroxismos da morte el-rei D. João v. Depois de longo reinado, o faustoso soberano, que já tivera alguns annos antes um ataque fortissimo de paralytia, sentira-se de subito mais seriamente atacado, e começava a cair n'uma tristeza profunda, e n'um grande desalento, que ainda mais tinham ajudado a marcha rapida da doença. Não deixavam de ser estranhos tambem a esses progressos da enfermidade os excessos

amorosos praticados por el-rei na sua existencia de sultão. Ora, como os serralhos que elle escolhera nem sempre tinham sido dos mais profanos, como as suas levianidades amatorias não deixavam de ter o seu quê de sacrilego, D. João v sentia-lhes agora as consequencias: physicamente no rapido declinar da sua saude, moralmente nos terrores religiosos, que mais do que nunca lhe saltejavam o espirito.

Parecia que a morte andara voltitando em torno d'elle, avisando-o de que em breve o viria empolgar. D. João v como que sentiu por mais de uma vez o proximo bater das azas do anjo terrivel. No dia 5 de abril de 1750 morreu o padre jesuita, João Baptista Carbone, o grande mathematico, o sabio eminente que fôra sempre muito da intimidade d'el-rei. A 19 de maio do mesmo anno falleceu o secretario de estado dos negocios estrangeiros, Marco Antonio de Azevedo Coutinho, que fôra dos ministros que mais tinham merecido a regia confiança. Vendo cair em torno de si os homens, que lhe eram dedicados, D. João v principiava como que o sentir-se chamado pelo omnipotente a ir dar-lhe contas dos actos que praticara na terra como homem e como soberano.

Então principiou a sentir-se inquieto e aterrado. Não lhe sorria a idéa da morte; ella effectivamente não é agradável, mas acolhem-n'a os homens com mais ou menos serena frontê, conforme está a consciencia tambem mais ou menos luminosa.

E a consciencia de D. João v reflectiria a luz purissima da sua immaculada virtude? Ardor religioso tinha-o elle sem duvida: Mafra e a Patriarchalahi estavam para o attestar. Mas não se teria fiado demasiadamente no valimento, a que lhe dariam direito essas esplendidas creações sagradas, para se libertar de escrupulos que aliás prendem muitas vezes honestos e singelos christãos que nunca edificaram na sua vida a mais pequena capella? Era isso o que dentro em pouco a justiça divina julgaria. Parecia comtudo que D. João v, chegado a esse momento, perdera um tanto a confiança



na influencia do convento de Mafra, e dos milhões despendidos com obras religiosas, porque se entregava fervidamente ás devoções mais exaggeradas, como quem desejava lavar nos poucos momentos que o separavam do tumulto annos e annos de culpas.

O padre Gabriel Malagrida, que, poucos annos depois, tinha de morrer tão desgraçadamente no ultimo auto de fé que a Inquisição celebrou, dirigia-o ardentemente nos devotos exercicios de Santo Ignacio. No dia 4 de julho, dia de Santa Isabel, sua magestade fidelissima, apesar de se sentir doentissimo, nem por isso quiz deixar de levantar-se para ir ouvir missa na Patriarchal, que então era na propria capella dos Paços da Ribeira. Com isso peiorou, e desde então nunca mais poude sair do seu quarto.

Então começaram-se a ouvir a cada momento os sinos das igrejas chamando o povo ás preces publicas pelo restabelecimento d'elrei. Viam-se a cada instante as procissões percorrendo as ruas da capital, e os frades dos numerosos conventos lisbonensés entoavam com fervor, pelo soberano, para elles tão bemfazejo, os canticos sagrados. Mas a doença caminhava a passos rapidos, e a morte vinha, todas as noites, espiando a preza proxima, abrir as cortinas do regio leito, e sentar-se á cabeceira do pallido monarcha.

No dia 11 de julho resolveu D. João v pedir o vatico. Depois, como os symptomas se tornavam cada vez mais graves, tratou de preparar-se largamente para a ultima jornada. Sendo irmão das ordens terceiras do Santissimo e do Carmo, vieram os commissarios das duas ordens lançar-lhe as absolvições plenissimas. Em seguida o proprio nuncio do papa, Lucas Melchior Tempi, veiu trazer-lhe a benção apostolica e a indulgencia plenaria. Todas as consolações religiosas, todas as absolvições terrestres choviam sobre a fronte livida do rei moribundo, e este comtudo não conseguia a tranquillidade!... E entretanto, quem sabe? n'algum pobre casal das mais remotas terras do seu reino, um velho cam-

ponez, moribundo, via apenas debruçar-se sobre a sua misera cama o rosto evangelico de um simples parochó de aldeia! Não ouvia outras preces que não fossem as de sua mulher e seus filhos, que assistiam, lavados em lagrimas, á piedosa scena, e comtudo no rosto enrugado do camponez humilde espalhava-se talvez essa claridade que é como que o vago reflexo dos esplendores já proximos dos céus: na sua alma espalhava Deus a serenidade e a luz!

E entre os prantos da familia, sob a suave benção dada pelas mãos trémulas do velho cura d'almas, aos ultimos clarões do sol poente que entravam pela choupana e vinham coroar com uma auréola fulgente os cabellos brancos do moribundo, expirava elle com um vago sorriso nos labios, levando na alma que voava sem receio para o tribunal do Todo-Poderoso as consolações da fé.

E em Lisboa, nos Paços monumentaes da Ribeira, que pungitivo contraste! Continuavam, é certo, os sinos das igrejas a chamar o povo á oração; andavam as procissões nas ruas; nas antecamaras accumulavam-se os padres, promptos a concederem ao soberano todas as benções, e todas as preces imaginaveis, e no proprio quarto regio os cardeaes, com as suas vestes vermelhas, curvados respeitosamente promettiam ao monarcha a eterna bemaventurança, e todos os jubilos celestiaes! Mas ao mesmo tempo a luz do sol poente apenas incendiava as vidraças do aposento; o leito, escondido pelas pesadas e opulentas cortinas de damasco, parecia immerso já na sombra do sepulchro! D. João v segurava com mão tremula na vela benta que o cardeal da Cunha lhe trouxera de Roma com indulgencia plenaria para a hora da morte; mas na sua fronte livida escorria, sem que ninguem lh'o enxugasse, o suor dos agonizantes. Estavam alli os cardeaes com os seus habitos prelaticios, mas nenhum d'elles se approximava do moribundo, para lhe acalmar com voz suave e convicta os pezares da sua alma. Havia por toda a parte preces

publicas, mas D. Marianna de Austria, impassivel, serena, segundo as leis da etiqueta, conservava-se a respeitosa distancia do monarcha moribundo; mas seu filho D. José, com a physionomia contrahida não deixava comtudo de notar quaes eram os cortejões que de preferencia o procuravam: seu filho D. Pedro assistia a tudo pasmado e indifferente; só seu filho D. Antonio chorava, e seu irmão e infante D. Manuel, o heroico soldado do principe Eugenio, verdadeiramente commovido, apezar das razões de queixa que tinha contra o soberano que ia morrer, procurava consolar o infante D. Antonio, que soluçava perdidamente encostado a uma janella.

E entretanto o rei moribundo, com os olhos semi-cerrados, embaciados e sem luz, segurando com a mão tremula e já só instinctivamente na vela benta, murmurando palavras desconexas, interrompidas pelo arfar da agonia, encaminhava-se, no gelido silencio do quarto, para o mysterioso vortice da morte.

Finalmente o estertor da agonia tornou-se mais precipitado, a vela benta cahiu das mãos do monarcha, e D. João vergueu, n'uma ultima convulsão, a cabeça do travesseiro; os olhos meio apagados cravaram-se vagamente nas pessoas que o rodeavam, murmurou umas palavras completamente incomprehensíveis, depois a fronte descahiu-lhe no travesseiro ornado de rendas, as suas mãos, que tinham apertado com força a coberta de damasco, ficaram hirtas e geladas, exhalou-se-lhe um suspiro do peito, e o corpo assumiu de repente a lugubre rigidez do cadaver.

O physico da real camara, que, em pé á cabeceira do moribundo, vigiava a sua passagem da vida á eternidade, poisou friamente a mão sobre o coração do monarcha, depois, tomando um espelho que tinha ao lado, approximou-lh'o dos labios. O vidro conservou a sua pura limpidez. Então, voltando-se para os altos personagens, que assistiam áquella scena lugubre, e fitando ao mesmo tempo os olhos n'um relógio mara-

vilhoso que ornava o aposento, pronunciou com voz grave e serena: Acaba de ser chamado á presença de Deus o muito alto, e muito poderoso rei o senhor D. João v. São sete horas e cinco minutos da tarde.

Ah! se isto fosse na pobre choupana que descrevemos ha pouco! se um velho e pobre paé de familia expirasse entre os seus, não seria necessario que o medico estivesse espreitando o ultimo suspiro do moribundo, mas, quando a anciedade de todos tivesse adquirido essa fatal certeza, que concerto de soluços! que freneticos abraços dados ao cadaver! que esforços para lhe aquecer as mãos geladas! para chamar a vida de novo a esse peito d'onde ella fugira para sempre! Que lagrimas derramadas sobre a fronte livida do finado! Que gritos de desespero, que angustia, que dilaceramento e que amor!

Mas alli, debaixo d'aquelles tectos doirados, entre aquellas cortinas de velludo e seda, sobre aquellas alcatifas orientaes, passavam-se as coisas de um modo diverso! A etiqueta dominava com o seu gelido imperio todos os espiritos e todos os coraçãoes. Ninguem poderia dizer que D. Marianna de Austria não amava seu marido, e de certo, ao ouvir aquella noticia terrivel, proferida pela voz fria e grave do medico, uma dor immensa lhe pungiu o coração, e as lagrimas reprezadas conseguiram ainda humedecer-lhe as palpebras. Mas fallava a etiqueta, a soberana dos reis, aquella diante da qual não ousava Luiz xiv, o despota supremo, elevar a voz, fallava a etiqueta, cujas leis, mais inviolaveis do que as leis fundamentaes dos reinos, não eram postergadas nem por aquelles que entravam de chicote em punho no parlamento de Paris; fallava a etiqueta, e Marianna de Austria, a santa e resignada esposa, mas allemã, mas archiduqueza, e archiduqueza allemã do seculo xviii, costumada portanto a ser um mero automato no machinismo complicado das côrtes, recalcou as lagrimas no fundo do coração, reprimiu os suspiros, e, avançando para o cadaver, beijou-lhe a mão com res-

peito; depois, fazendo uma profunda reverencia ao cadaver de seu marido... de seu marido! afastou-se com um modo magestoso para se ir encerrar no seu quarto, segundo ordenava a praxe!

D. José teve um rapido movimento, que trahia uma tal ou qual commoção, depois passou-lhe pelo rosto um não menos fugitivo raio de alegria, quando seu irmão D. Pedro, curvando-se diante d'elle, lhe disse:

— Vossa Magestade permite-me que eu, como seu primeiro e humilde subdito, beije as suas regias mãos?

O infante D. Antonio esse soltou um grito dilacerante, que fez com que o cardeal da Cunha voltasse a cabeça com um leve sorriso nos labios. O proprio infante D. Manuel, apezar de não ter uma sensibilidade tão embotada pelos habitos cortezãos, não poudedeixar de dizer a seu sobrinho que reprimisse a sua dôr, e que fosse beijar a mão de D. José, que já olhava para elle de sobr'olho franzido.

O infante obedeceu; e logo em seguida o proprio infante D. Manoel foi prestar a seu sobrinho a homenagem devida ao soberano. Seguiram-se os cardeaes e os outros altos personagens que estavam no aposento; D. José a todos acolheu com o ar magestoso dos Braganças. Depois prestaram tambem a ultima homenagem ao cadaver hirto do rei fallecido, e foram-se retirando a pouco e pouco para se irem encerrar nos seus aposentos.

O ultimo que ficou foi D. Manuel. Approximando-se do cadaver de seu irmão, o infante contemplou-o alguns momentos com tristeza. Aquelle homem sempre lhe mostrára pouco affecto, elle que despendeu milhões e milhões com louca prodigalidade, não quizera gastar um milhão de cruzados para o fazer rei da Polonia. Movera-lhe todos os embaraços possiveis para que não fosse conquistar nome e fama no exercito do principe Eugenio... Mas esse seu irmão era o companheiro de sua infancia, dos seus brinquedos, das suas pueris alegrias. A imaginação do principe evocou rapidamente esse risonho passado; nas faces envelhecidas e

enrugadas do cadaver pareceu-lhe ver o rosto corado e alegre do adolescente que se debruçava para elle, por ordem de sua mãe, a loira allemã de Neubourg, para lhe depôr na frente o beijo protector do primogenito e do soberano futuro, e, atrahido pela magia d'essas recordações, pungido pelo contraste profundo que a scena actual fazia com as scenas d'esses tempos remotos, o principe inclinou-se vagarosamente para o leito, e depoz um beijo fraternal na frente do monarcha extincto.

Depois, erguendo-se, e passando a mão pelos olhos para enxugar uma lagrima, sahio do quarto com passo lento e grave.

Os criados azafamados do Paço tratavam de dispor tudo para a capella ardente; os fidalgos, encarregados pela etiqueta de velar o cadaver, conversavam entre si nas mudanças provaveis de ministros, informavam-se de quem eram os validos e as validas do novo soberano, tratavam emfim das mil intrigas da côrte, dos mil interesses novos que iam surgir. E entretanto a roupa da cama desenhava lugubrememente a fôrma hirta do cadaver esquecido... esquecido, sim, porque todas as pompas funebres que iam celebrar-se, as exequias, as manifestações luctuosas que iam fazer se em torno do caixão, onde esse cadaver ia dentro em pouco esconder-se, dirigiam-se á corôa bordada no velludo preto dos pannos mortuarios, e não ao homem tão profundamente olvidado, como se nunca tivesse existido, como se os seus sorrisos não tivessem sido ambicionados como uma recompensa maxima por todos esses cortezãos que zumbiam em torno do novo throno, como se as palavras, proferidas por essa boca muda agora, não tivessem sido para todos ordens indiscutíveis.

Quando os preparativos terminaram, mudou-se outra vez o regio cadaver. Vieram os embalsamadores, para salvarem o corpo da corrupção do sepulchro. Emquanto se praticava esta operação, os criados lançavam sobre a cama onde o monarcha fallecera um panno de



velludo carmezim ricamente bordado de oiro. Depois tratou-se de se vestir o cadaver. Lançaram-se-lhe ao pescoço os bentinhos da Senhora do Carmo e da Senhora do Rosario, determinação expressa do fallecido soberano. Enfiou-se-lhe como mortalha o habito de S. Francisco. Por cima d'esta humildade não esqueciam, porém, as pompas mundanas. Poz-se-lhe o manto de Grão-Mestre da ordem de Christo, calçaram-se-lhe borzeguins com esporas de oiro, poz-se-lhe na cabeça um barrete de velludo carmezim, cingiu-se-lhe espada dourada, e assim se deitou na cama, cercado de tocheiros accesos, cobrindo-se o corpo até á cintura com um panno de velludo. A mão direita hirta e livida pendia para fóra do leito.

Então começou a funebre cerimonia, que teria um certo character de magestosa solemnidade, se não fosse feita com a indifferença que characterisa estes actos cortesãos. Os fidalgos, os grandes do reino, os altos dignitarios ecclesiasticos vieram beijar um após outro a mão do rei fallecido. Depunham n'essa mão, que já não podia distribuir graças e favores, um beijo frio, e anhelavam pelo instante em que lhes seria permitido irem prostrar-se perante o sol nascente, deixando sumir-se na escuridão do tumulo essa realza extincta.

.....

No dia 2 de agosto, o castello, o forte da Vedoria, os navios de guerra fundeados no Tejo começaram a dar de quarto em quarto de hora os funebres tiros, ultima homenagem prestada ao soberano que ia occupar o seu triste logar na crypta dos reis. O povo enxameava nas praças, vestido de luto, mas alegre, risonho, porque ia presenciar um espectáculo soberbo, o luxuoso enterro de um monarcha. Para o popular, curvado ao peso do trabalho, que nada sabia do que se passava nas regiões olympicas das classes superiores, o que era a aclamação, o casamento, ou o enterro de um rei? Um espectáculo e nada mais, uma festa gratuita e portanto ardentemente cubiçada.

Em quanto as pessoas admittidas a beijar a mão de D. João v entravam na capella ardente, e davam volta ao leito magnifico, mirando curiosamente, se entravam pela primeira vez nos regios paços, a magnificencia do leito, a riqueza dos tectos, a formosura das tapeçarias, em quanto se preparavam os tres caixões que deviam encerrar o monarcha, um de taboas de cypreste com travesseiro e colção para que o cadaver podesse dormir o somno da morte com todas as commodidades da terra, outro de chumbo, e outro de pau, que tinha de ser o externo, uma senhora de meia idade, loira, bem conservada, vestida de luto rigoroso, batia á porta dos aposentos da rainha, e sendo acolhida respeitosaente, e amavelmente pelas criadas e damas de honor, pedia para fallar a D. Marianna de Austria.

Transmittiu-se o pedido á rainha, que mandou entrar logo a recém-vinda. Esta foi encontrar a viuva, immovel ao fundo do seu regio quarto, rezando monotonamente as suas orações, e esbrugando as contas de um rosario. De um lado e de outro duas damas de honor imitavam escrupulosamente a soberana. Reinava no quarto, conservado meio ás escuras, um gelido silencio.

— Bemvinda sejas, Leonor, disse D. Marianna de Austria, em lingua allemã, para a recém-chegada, que, curvando-se respeitosaente, lhe beijara a mão. Vens-me encontrar n'um estado doloroso. Feriu-me um grande golpe. Mas devemos conformar-nos com os decretos do Altissimo. Felizes são aquelles a quem Elle chama para junto de si.

— Sua Magestade que Deus haja, respondeu na mesma lingua em que a rainha lhe fallara, a senhora que, segundo parece, se chamava Leonor, Sua Magestade, que Deus haja, trocou o diadema da terra pela coroa mais refulgente do céu. Está agora aos pés de Deus recebendo a recompensa das virtudes, de que foi modêlo no tempo que se demorou n'este valle de lagrimas.

— Assim o creio, Leonor Ernestina, tornou a rainha, assim o creio. Sua Magestade foi sempre bom e

piadoso, apegou-se até á hora da morte com os santos da sua devoção, que não de ser seus advogados para lhe obterem a bem-aventurança. Se algum peccado commetteu durante a sua passagem na terra, que Deus lh'o releve, como eu sinceramente lh'o perdôo.

No meio das pequeninas preocupações do seu espirito acanhado e methodico, revelava-se, comtudo, a bondade ingenua da virtuosa allemã.

— Eu vim logo, tornou Leonor Ernestia, depôr aos pés de vossa magestade a homenagem do meu intenso pesar, tanto pela angustia da catastrophe que a todos nos pungia, como pelo terrivel golpe que devia ter dilacerado o coração angelico de vossa magestade. Não ousei, porém, perturbar-a na sua solidão. Vossa magestade estava encerrada na sua dôr, e eu bem sei que não ha consolações possiveis para taes padecimentos.

— Eras sempre bem vinda, querida, bem sabes que sempre me consola ver-te. Portugueza sou já, é certo, que ha bons quarenta annos aqui vivo, mas isso não impede que me lembre com saudade da minha querida Vienna. Tu recordas-me os dias alegres da minha infancia; teu pae, o conde Henrique Frederico Daun, era um dos fidalgos mais estimados por meu pae, e teu tio, hoje feld-marechal, dava já no meu tempo mostras de que viria a ser um habil militar. Lembro-me bem d'elle! Como estará mudado hoje! A mais prezada das minhas aias era da familia Bargerbers, a familia de tua mãe, Leonor! A minha querida Allemanha! Parece-me que, se lá estivesse, me seria menos pungente a dôr que me alanceia agora! E quem sabe? Talvez até se tivesse evitado esta desgraça. Bastantes vezes disse a sua magestade, que Deus haja, que mandasse vir o grande medico Van Switten, talvez o melhor medico da Europa. Não quiz! Então, são decretos da Providencia!

Esteve um instante silenciosa; a sua physionomia pallida e sêcca illuminou-se com um reflexo de doce melancolia.

— E' lindo o Tejo não ha duvida, tornou ella, mas

faz-me saudades do Danubio! Olha, Leonor, quasi que tenho vontade de ir passar os dias que me restam de vida na minha querida Vienna.

— Real senhora, balbuciou Leonor, sentindo que se lhe precipitavam as pulsações do coração, vossa magestade tem, como eu, as saudades immorredouras da nossa querida patria, mas tem, como eu tambem, já n'esta terra estrangeira, raizes bem profundas que são os filhos. E então, real senhora, elles precisam agora, mais do que nunca, do amparo de vossa magestade! El-rei D. José vae tomar a seu cargo uma tarefa espinhosa. São-lhe bem precisos os conselhos e as luzes de sua mãe.

— Ai! Leonor Ernestina, redarguiu D. Marianna, José está um homem! Tem trinta e seis annos; sabe bem dirigir-se.

— Mas os primeiros passos são sempre difficeis e tudo depende d'elles: Sua magestade tem o talento de seu pae, tem a perspicacia natural e hereditaria aperfeiçoada pela madureza do seu juizo e do seu pensar; mas, real senhora, falta-lhe ainda o conhecimento do caminho que trilha, a experiencia do *officio de rei*, como diz esse grande inimigo da nossa patria, que é por nossa desgraça um homem de genio, Frederico da Prussia. Agora por exemplo, está escolhendo os ministros que devem preencher as vagas que ficaram por morte de Antonio Guedes Pereira e de Marco Antonio de Azevedo Coutinho. Conhece elle por acaso os homens para poder fazer por si mesmo uma escolha acertada? Dos nossos diplomatas, dos nossos estadistas conhece apenas o sorriso amavel com que se curvavam diante do herdeiro da coroa. Vossa magestade, que partilhou com seu mallogrado esposo, a regencia suprema d'estes reinos, não pode guial-o com segurança, e chamar para junto d'elle homens que lhe sejam dedicados de coração, e que tenham ao mesmo tempo merito bastante para convenientemente dirigirem os negocios de que sejam encarregados?

— Tens razão, disse D. Marianna erguendo-se de

súbito, ah! sim... tens razão. Meu filho está nomeando os novos ministros, dizes tu?

— Assim o ouvi, real senhora.

— Bom! é esta portanto a occasião propicia! Sua magestade, que Deus haja, sempre afastou do ministério o teu marido. Era uma prevenção injusta. Nunca ousei combater-lh'a, porque sempre respeitei muito as suas vontades, e n'estes ultimos oito annos, em que tão enfermo esteve, ainda mais cuidadosamente me abstive de o contrariar. Agora, já que esta desgraça nos succedeu, ao menos não padeçamos todos com ella; e acabe o injusto afastamento de teu marido. Eu vou fallar a el-rei, Leonor Ernestina.

— Oh! minha senhora, agora! Nem ousava pedir a vossa magestade semelhante coisa, nem ousava conceber sequer tal idéa! Minha senhora, eu beijo as reaes mãos de vossa magestade côm infinita gratidão, mas n'este momento...

— Este momento é o momento propicio, Leonor! Por ora ainda el-rei ouve os conselhos e attende aos pedidos de sua mãe. D'aqui a pouco quem sabe lá qual será a pessoa que influirá no seu animo? Não serei eu de certo.

— Oh! real senhora, el-rei é um bom filho.

— É, bem o sei, mas tambem é marido e é pae. Ainda que não seja senão diante d'essas influencias tão legitimas e tão santas, sempre hade ceder a minha influencia maternal. Ah! Leonor, o affecto, que temos aos nossos filhos, não nol-o pagam elles directamente, pagam-n'o, transmittindo-o aos nossos netos! Leis do mundo, Leonor!

E a boa senhora, levantando-se e dirigindo-se a Leonor, que, ajoelhando diante d'ella, lhe beijava as mãos, banhando-lh'as de lagrimas de puro agradecimento, sahio; e, passando diante das suas damas e criadas estupefactas que olhavam com inveja para a senhora que merecera á rainha semelhante prova de distincção, dirigiu-se para o aposento de seu filho.

El-rei, que trabalhava effectivamente com o seu ministro Pedro da Motta, apenas soube que sua mãe o procurava, veio com certo espanto recebê-la á porta do quarto, conduzindo-a respeitosa-mente para a propria cadeira de braços, onde elle estivera sentado.

Um velho quasi decrepito, e um padre de physionomia intelligente levantaram-se para cortejar a augusta senhora.

— Deixe-se estar, Pedro da Motta, deixe-se estar! disse a rainha dirigindo-se ao velho em que fallámos; os seus achaques e os seus annos dispensam-n'o de incommodas formalidades.

— Triste privilegio é esse, real senhora! respondeu Pedro da Motta, privilegio da velhice e da enfermidade! Bem podia Deus Nosso Senhor levar-me d'este mundo, onde nada faço, e deixar ficar n'elle o soberano que fazia a felicidade dos seus subditos.

— São leis da Providencia, Pedro da Motta, respondeu gravemente a rainha-mãe.

Houve um silencio de alguns instantes.

— A que devo, disse em fim el-rei D. José, a honra da visita de vossa magestade?

— A um pedido que venho fazer-te, meu filho.

— Será uma ordem para mim, real senhora.

— Não é ordem, é pedido! redarguiu a rainha-mãe; não sou eu que vou governar o reino, não sou eu que vou assumir perante Deus, e perante o futuro, essa terrivel responsabilidade. Não devo portanto impôr a meu filho a escolha dos homens que vão ter a sua confiança, devo apenas aconselhar-lh'a, tendo meu filho a certeza de que o meu principal cuidado será o dar-lhe boas indicações, e que mais terei em vista a conveniencia de el-rei do que a vantagem dos meus protegidos, por maior que seja o interesse que eu por elles sinta.

— Assim o creio, minha mãe; vossa magestade vinha, por acaso, propôr-me a nomeação de algum ministro d'estado?

— Porque? Estão preenchidas as vagas?

— Uma só, minha mãe, se vossa magestade não mandar o contrario.

— Quem é o escolhido?

— Diogo de Mendonça Côrte Real, conselheiro de fazenda e provedor da casa da India.

— Acertada escolha, acudiu a rainha, se elle, por acaso, herdou os talentos e as qualidades de seu pae! Poucas pessoas conheci na minha vida tão habeis e tão polidas! Homem de fino espirito era elle; sempre respeitoso e cortez: grande negociador e astuto diplomata, segundo ouvi dizer a todas as pessoas competentes para a avaliação d'esses meritos!

— Folgo que a minha escolha merecesse a approvação de vossa magestade. Está, porém, ainda um lugar vago á disposição da pessoa que minha mãe me indicar.

— Obrigada, meu filho! respondeu D. Marianna de Austria; a pessoa que te recommendo tem dado provas da sua elevada intelligencia. E' Sebastião José de Carvalho e Mello.

— Ah! disse el-rei D. José, sorrindo levemente, o marido da compatriota de vossa magestade, Leonor Ernestina Daun.

— Sim, marido de uma senhora de quem sou amiga, respondeu D. Marianna gravemente, mas tambem estadista de provadissima capacidade.

Pedro da Motta déra um pulo na cadeira, quando ouviu o nome de Sebastião de Carvalho. Escutando agora o elogio rasgado, teve um accesso de tosse, que não se podia talvez attribuir aos achaques da sua velhice.

A attenção dos personagens alli reunidos voltou-se para o velho ministro, e este não se poudo ter que não murmurasse:

— El-rei o sr. D. João v, que Deus tenha em gloria, depois que elle voltou de Vienna, conservou-o sempre afastado dos altos cargos do reino.

— A inimidade de fr. Gaspar da Encarnação, disse o confessor d'el-rei, que até ahí não proferira uma pala-

vra, não prova muito contra as victimas d'ella, sr. Pedro da Motta.

Este ficou engasgado, e só respondeu com um novo acesso de tosse ao ataque dirigido contra o ultimo ministro d'el-rei D. João v, que, segundo o costume das côrtes, só por esse facto passava a não ser muitô bem visto no reinado immediato. Demais fr. Gaspar da Encarnação era um inimigo implacavel dos jesuitas, e era jesuita o confessor que fallara.

— Mas tem elle merito ou não tem, Pedro da Motta? acudiu D. José.

— Ah! isso tem, acudiu logo o prudente velho percebendo que não seriam muito bem acolhidas as suas observações maledicentes; as suas negociações em Londres para conseguir que fossem livres de todos os encargos, que sobre elles pesavam, os negociantes nossos compatriotas, residentes na Inglaterra, e para que fossem julgados pelos tribunaes portuguezes os capitães de navios da Grã-Bretanha, que commettessem quaesquer excessos no nosso paiz, essas negociações foram dirigidas com muita habilidade.

— E em Vienna! accrescentou a rainha D. Marianna. Sempre me hei-de lembrar que foi por sua intervenção que meu irmão Francisco i se reconciliou com sua santidade o papa Benedicto xiv.

— E na discordia relativa aos direitos de *nomina* da curia, concluiu o jesuita José Moreira, não querendo que faltasse a sua voz no côro dos elogios, tendo sido Portugal escolhido para medianeiro, foi tambem Sebastião de Carvalho quem soube compôr as dissensões entre Vienna e Roma.

— Bom! disse D. José, sorrindo. Ainda que o desejo de minha mãe não fosse para mim uma ordem suprema, não podia deixar de escolher homem a quem se tecem tantos elogios. Minha mãe, pôde vossa magestade annunciar a Sebastião de Carvalho que se vae lavar o decreto que o nomeia secretario de estado dos negocios da guerra e dos negocios estrangeiros.



— Obrigada, meu filho! tornou D. Marianna de Austria, levantando-se.

— E accrescente vossa magestade, tornou D. José sorrindo, que para essa nomeação lhe prestou o mais devotado auxilio o padre José Moreira da companhia de Jesus. Sempre desejarei que haja bom accordo entre os actos do meu governo e a minha consciencia, e portanto entre os meus ministros e o meu confessor.

O confessor inclinou-se sorrindo-se tambem, e a rainha, acompanhada até á porta por seu filho, sahio do aposento depois de ter dado a sua mão a beijar a Pedro da Motta, e ao padre José Moreira.

N'esse dia effectivamente, 2 de agôsto de 1750, se lavrou o decreto que fazia entrar nos conselhos da corôa o futuro marquez de Pombal.

Esse decreto, que el-rei D. José assignava com indifferente complacencia, ia illuminar de gloria immortal o seu reinado, ia tornal-o uma das epochas mais brilhantes da historia portugueza.

Mas o jesuita José Moreira, que até certo ponto contribuiu para a nomeação de Sebastião de Carvalho, elogiou-o-hia com tanto enthusiasmo, defendel-o-hia com tanto vigor, se, podendo decifrar as paginas mysteriosas do livro do futuro, lêsse n'ellas o destino que á Companhia de Jesus, á ordem de que era filho, daria a mão terrivel do homem, que entrava agora, ajudado por elle, no poder?

E' licito duvidal-o.



## II

### O incendio do hospital de Todos os Santos

Tinham passado oito dias depois da scena com que terminámos o capitulo antecedente. No dia 4 de agosto fôra enterrado solememente el-rei D. João v, e depois o mundo fôra continuando, sem que ninguem pensasse mais no soberano que fallecera. Apenas o luto, que trajavam uniformemente os subditos d'el-rei D. José, lembrava que desapparecera da face da terra o rei faustoso, cujas prodigalidades tinham dado que fallar em toda a Europa.

Corria pois o dia 10 de agosto, quente como costumam sempre ser os d'esse mez em Lisboa. Comtudo de tarde levantou-se alguma viração, e, como as arcadas de S. Domingos offereciam sombra aos passeiantes, alguns dos bons burguezes da capital, que tinham acabado de jantar, aventuraram-se a atravessar o Ro-

cio, onde o sol queimava tanto como as fogueiras da vizinha inquisição, e, refugiando-se nos arcos de S. Domingos, encalmados, offegantes, tiraram os chapéus, que lhes serviram depois para se abanarem, e enxugaram o suor que lhes escorria em bagas pelas faces esbrazeadas.

Entre os passeiantes chama a nossa attenção um joven official do regimento de cavallaria do caes, que conversa amigavelmente, mas respeitosa, com um frade dominicano, já edoso, de benevola e amavel physionomia, e á qual dão os cabellos brancos uma apparencia veneranda.

O official é moço e elegante: os olhos negros e vivos, ainda que um pouco melancholicos, tom serio, rosto sereno. A estatura, pouco acima da regular, ageita-se admiravelmente com o uniforme do regimento; nas lages da arcaria resoam de vez em quando as suas esporas de ordenança.

— Muito folgo com a noticia que me dá, Luiz, disse o frade. Nomeado official-maior da secretaria da guerra e dos negocios estrangeiros o nosso amigo Philippe Correia da Silva. Deve ser um bom lugar, supponho eu! E o ministro, que o nomeou, andou tambem acertadamente, porque Philippe Correia é homem de merecimento, que hade por força desempenhar-se bem de qualquer tarefa que lhe incumbam! Homem de merecimento e de trabalho! E bem precisava d'isto, coitado! Carregado de familia... e os rendimentos não são muitos!

— Sabe que o Pedro casa? tornou o official, que se chamava Luiz Correia, e que era ainda parente da pessoa de quem estava fallando.

— Se sei tanto sei que até lhe conheço a mulher! Senhora que tem alguma coisa de seu, e... mas espere, o que é aquelle fumo que se levanta aqui do lado da livraria?

Conversando, o frade e o official tinham chegado á extremidade das arcadas, e naturalmente haviam-se vol-

tado para continuarem o passeio. Foi então que o frade, dando de subito com uma columna de fumo, que subia lentamente para o céu, estacou, mudou de assumpto e fez a observação que acabámos de transmittir aos nossos leitores.

Luiz Correia, ao voltar-se, tambem soltara uma exclamação de espanto, e entre os outros passeiantes havia já um borborinho indicativo de surpresa. O frade approximou-se da portaria do convento, e disse rapidamente para o porteiro:

— Temos novidade em casa, irmão? Vê-se tanto fumo que parece sair da livraria? Haverá fogo para aquelles lados?

— Fogo, fr. Domingos! exclamou o porteiro que era de si obeso, que ainda mais engordara com a quietação a que as suas funcções o condemnavam; fogo! exclamou elle, tentando debalde levantar-se! Acudam! ha fogo no convento! ha fogo no convento!

— Cale-se, homem de Deus, quem lhe diz que o ha? Pergunto-lh'o, pelo contrario.

— É no hospital! é no hospital! exclamou de subito Luiz Correia, que continuava a seguir attento a direcção das columnas de fumo. É no hospital de Todos os Santos, não tem a minima duvida.

Mal acabava elle de proferir estas palavras, quando um magote de gente, vindo a correr do lado do immenso hospital de Todos os Santos, bradou com gritos de terror:

— Acudam! acudam! o hospital está em chammas.

Sem perder tempo em vãs exclamações, o joven official de cavalleria deitou a correr na direcção do Rocio para reunir quantos soldados encontrasse, e vir com elles prestar os serviços que podesse n'esse calamitoso acontecimento.

Ao mesmo tempo o sino de S. Domingos começou a annunciar á cidade que um acontecimento grave chamava a attenção dos seus habitantes.

Não tinha nem sequer uma organização rudimentar,

em 1750, o serviço dos incendios, mas os sinos das igrejas, quando brotavam as chammas em qualquer parte, se não davam as badaladas indicativas do sitio onde havia o fogo, soltavam o clamor ansioso do rebate, e assim chamavam a attenção dos bons burguezes de Lisboa, e convocavam os magros soccorros de que podia n'essa epocha dispôr a vereação lisbonense.

O sino da igreja dos jesuitas no collegio de Santo Antão não tardou a seguir o exemplo do de S. Domingos, e a soltar tambem as lugubres vibrações que annunciavam um perigo. Passando de campanario em campanario, o toque pavoroso do rebate foi sobresaltar Lisboa adormecida na placidez da sésta. O povo começou a affluir para o lado do Rocio, d'onde constava que tinha partido o primeiro aviso de incendio, mas, quando chegaram os curiosos ás alturas que dominavam esse largo hoje tão regular e já então bastante vasto, não poderam conter um grito de raiva. As chammas estampavam lugubrememente no horisonte o seu clarão pallido, que rasgava levemente a escuridão das nuvens de fumo, que se evolviam grossas e pesadas do seio do edificio incendiado. Se fosse de noite, o espectáculo seria verdadeiramente pavoroso; assim o esplendor do dia offuscava a luz das labaredas, e negava-lhe o realce que lhe dariam as trevas nocturnas.

Mas ao pé é que o espectáculo adquiria todo o seu verdadeiro character de tragedia. O povo accumulava-se já nos arredores do immenso edificio, concorrendo quanto podia para que se combatesse o fogo, mas dispondo de poucos meios para o extinguir. O joven official, que ouvimos chamar Luiz Correia, voltara acompanhado por um certo numero de soldados de diferentes corpos, e de diferentes armas que trabalhavam debaixo da sua direcção com ordem e efficacia. Esgotava-se o chafariz de Apollo para se acudir ao incendio, mas elle cada vez brotava com mais vehemencia. E' que estava adiantadissimo quando se dera por elle. Ateirara-se n'umas aparas que havia na casa das tinhas,

e communicara-se com uma rapidez incrível ás enfermarias de S. Cosme e de S. Damião. Foi quando o incendio se manifestou, tendo já adquirido uma amplitude espantosa. As chammas não corriam, voavam de casa em casa,

Então principiaram as scenas verdadeiramente tragicas d'aquelle pavoroso successo. Os enfermos, mal podendo arrastar-se, soltavam gritos dilacerantes vendo as chammas a approximarem-se, e não se sentindo com forças para lhes fugirem. Os empregados comtudo iam buscar-os e o povo recebia-os com todo o carinho, mas não se ouviam na rua senão gemidos de dôr, prantos de desespero. Aquelles espectros pallidos, descarnados, alguns apenas involtos nas roupas do leito e outros deitados nos colchões em que tinham vindo transportados, offereciam alli ao ar livre o triste espectáculo de todas as miserias, de todas as dôres humanas, exposto por estranho acaso aos olhos da cidade tumultuosa, que folga e ri sem suspeitar a quantidade de angustias que encerra no seio.

As chammas sahiam pelas janellas, e vinham lamber o proximo convento de S. Domingos, cujos frades, reunidos na igreja, imploravam a misericordia divina. A grande massa de povo recuava, não só porque se tornava incommodo o calor das labaredas, mas porque as paredes desabavam arrojando aos ares grossas columnas de fumo, e aqui ou além doiradas chammas. Esse movimento de recuo tornou-se, porém, mais sensivel e adquiriu o character de um verdadeiro panico, de uma fuga desordenada, quando veiu ferir os olhos e as imaginações do povo um espectáculo realmente estranho. O fogo, continuando a lavar lá dentro com medonha rapidez, chegara finalmente á casa dos doídos. O instincto da vida acordara n'esses espiritos sem luz, e, soltando gritos que nada tinham de humano, esses pobres entes tinham desatado a fugir, e, guiados verdadeiramente pela Providencia, tinham encontrado o caminho da rua. Então sahiram pelo portal, como uma

alcatêa de lobos que fuge das florestas onde lavra o incendio. Lividos, com os olhos esgazeados, soltando uns brados inqualificaveis, irromperam na rua, sinistros, aterradores, mais semelhantes a feras do que a creaturas humanas, não parando quando se viram salvos, mas continuando a sua carreira vertiginosa e louca, as mulheres descompostas, com os cabellos desgrenhados, os homens horriveis de ver, espumantes, ensanguentados e ferozes. O povo, aterrado, fugia diante d'elles, ou abria um claro immenso no sitio por onde passavam, e elles lá iam, soltando palavras desconexas e incompreensiveis, correndo sempre, atropellando-se uns com os outros, espalhando na cidade só com a sua presença o terror e o espanto.

Mas a tragedia não findara aqui. O fogo continuava, o desabamento do edificio progredia de um modo verdadeiramente medonho. Muitos homens corajosos haviam penetrado no hospital pelas portas, pelas janellas, e não tratavam senão de salvar os doentes. Contavam alguns d'elles depois a impressão terrivel que tinham sentido, quando, penetrando, na sua ignorancia das localidades, n'uma casa que suppunham enfermaria, e tomando nos braços alguns homens, que pareciam ter desmaiado de terror, sentiram de repente os corpos hirtos e sem vida, e experimentaram a impressão do frio gelido dos cadaveres. Então fugiram aterrados deixando o fogo penetrar á vontade n'essa lugubre sala. Era a casa dos mortos.

Luiz Correia com os seus intrepidos soldados lá andava tambem entre os mais decididos, correndo innumerous riscos para salvar a vida aos enfermos, e pondo em perigo (tal é a abnegação sublime da caridade) a sua existencia em flôr para salvar existencias pendentés apenas por um tenue fio sobre o vortice da morte! Já a sua dedicação fôra por mais de uma vez coroada de successo, quando de subito o povo soltou um grito de terror. Havia no pateo do hospital umas pilhas de lenha, e na azafama em que todos



andavam, ninguem se lembrara de remover d'alli aquelle combustivel que podia concorrer de um modo prodigioso para alimentar o incendio. De repente o perigo revelou-se e quando já não havia tempo de se remediar. Alguns tições inflammados caíram sobre a lenha, e logo se levantaram umas labaredas immensas, que, communicando-se ás paredes, fizeram dobrar de intensidade o fogo. Primeiro o pateo ficou cheio de um turbilhão de fumo, e por entre esse vèlo negro o povo podia ver cairem, como uma chuva de oiro, as scentelhas rapidas e successivas. Logo depois o vento dispersou os primeiros novellos de fumo negro, a lenha esbrazeando-se dardejou as labaredas como outras tantas linguas ardentes, e essa nova catastrophe appareceu em toda a sua sinistra realidade. O pateo estava transformado n'um mar de fogo.

Acontecia isto exactamente quando as chammas interiores penetravam na parte do edificio destinada aos engeitados. Vinham as amas a sahir com as crianças ao collo; ao darem com esse novo e insuperavel obstaculo, recuaram espavoridas. Houve em todos os espectadores um momento de terrivel anciedade. O que! Pois Deus condemnaria a morrerem nas chammas essas crianças innocentes, que umas choravam ao collo das afflictas amas, aterradas por esse espectaculo extraordinario e pela confusão, pelos gritos, pelo estrondo das paredes que desabavam, outras, desconhecendo o perigo, miravam com os seus grandes olhos espantados essas bonitas côres vermelhas dos monstros que não tardariam a devoral-as, outras, as mais pequeninas, indifferentes a tudo o que as rodeava, choravam só porque se recusava obstinadamente o seio das amas aos seus labiosinhos sequiosos!

Mas no meio de tudo isto uma voz, partindo de uma das janellas inferiores, pertencente á parte do edificio d'onde tinham acabado de sahir as amas, bradou:

— Ha ainda passagem pela igreja!

Todos os olhos se voltaram para a janella, d'onde

partia a voz animadora, e divisaram o rosto energico de Luiz Correia. Voltejavam em torno d'elle as chammassas, formando-lhe uma sinistra auréola. Cá de baixo parecia que estava immerso no incendio, que lhe projectava nas feições os reflexos vermelhos das suas labaredas. Junto da sua face via-se outro rosto pallido e illuminado por uns grandes olhos negros, que contemplavam com uma expressão de profundo terror o espectáculo pavoroso do pateo. Era o rosto de uma rapariga que passara os braços á roda do pescoço de Luiz Correia, e que elle tinha de certo ao collo. Ao verem aquelle grupo, os espectadores soltaram um grito de terror. Que esperança de salvação podia haver para aquellas duas creaturas humanas? Estavam no foco do incendio, no seu verdadeiro centro.

—Fuja! fuja! bradou comtudo e quasi instinctivamente a turba.

Luiz Correia fez com a sua nobre cabeça um signal de animação e desapareceu da janella.

Vejâmos que acontecimentos o tinham levado áquella perigosa posição.

Fôra elle um dos que tinham entrado na repartição dos engeitados e engeitadas. Encontrára as amas e as crianças mais crescidas cheias de tamanho terror, que nem haviam pensado em fugir, e, ajoelhadas emtorno de um grande crucifixo, chorando e rezando, alli esperavam a sua sorte. Advertidas da proximidade do perigo, impellidas e guiadas pelos recém-vindos, tinham fugido emlim, quando já se sentia perto o crepitar das chammassas. Luiz Correia fôra o ultimo a sahir, mas, quando já estava proximo da porta, pareceu-lhe ouvir um flebil gemido.

Parou, e esteve um instante procurando perceber d'onde vinha o som, ou se seria uma illusão dos seus sentidos. Um gemido mais fraco ainda do que o primeiro veiu convencel-o de que se não enganara. Voltou atraz e percorreu toda a sala. Estava absolutamente deserta. Mas, ao passar junto de uma das portas do apo-

sento, ouviu muito mais distinctamente um terceiro gemido. Abriu essa porta e achou-se na enfermaria dos engeitados.

Havia só um doente, e isso explica o esquecimento de que ia sendo victima. Era uma criança de treze para quatorze annos, adoravelmente formosa. A magresa do seu rosto fazia parecer maiores os seus grandes e rasgados olhos escuros, a sua intensa pallidez dava mais brilho a esses olhos que lhe resplandiam no rosto como dois diamantes negros.

— Aqui ainda! bradou Luiz. Vamos, fuja!

— Fugir! disse ella com voz fraca. Para que? Não posso. Quem é o senhor?

— Quem sou? Que importa! Não sabe que está a arder o hospital, que as chammas nos cercam já por todos os lados, que, se nos demorâmos um instante, é inevitavel a nossa morte?

— Meu Deus! bradou ella.

— Vamos, sente-se com forças de se levantar? Embrulhe-se nas roupas da cama, e venha!

Ella, que, mergulhada na modorra da febre, não dera tento do que se passava em torno de si, agora aterrada porque sentia todos os terriveis clamores do incendio, procurava pôr-se em pé, mas debalde! A sua prostração era immensa. Não podia dar um passo. Então Luiz Correia, sem hesitar mais, tomou-a nos braços, e desatou a correr, como se raptasse uma cubiçada presa.

Chegando ao amplo patamar da escadaria, que ficava logo proximo da enfermaria das engeitadas, Luiz Correia hesitou um instante. De um lado e d'outro havia lanços de escada. Por onde havia de descer? Um engano ser-lhe-hia fatal, porque não podia perder nem um minuto.

Relanceando os olhos em torno de si, Luiz Correia viu duas janellas, que illuminavam o vasto patamar, silencioso e tranquillo; havia um contraste singular entre os rumores do incendio que lá ao longe se ouviam, e a serena solidão d'aquelle patamar que se conser-

vava mudo e luminoso. A sua alta abobada terminava n'uma vasta claraboia, através da qual se via o céu azul e purissimo. Apenas na janella da esquerda se viam os vidros avermelhados pelos reflexos do incendio, mas, quando Luiz ali chegou, mais pareciam os vidros coloridos das cathedraes do que os vidros onde se espelhavam as labaredas.

No instante exacto, porém, em que Luiz, hesitante diante dos dois lanços de escada, procurava guiar-se pelas indicações das janellas e se precipitava para a da esquerda, com o seu precioso fardo nos braços, os vidros, até ahi apenas docemente corados como por uma especie de aurora boreal, escureceram de subito, e logo depois assumiram uma côr sanguinea. Luiz abriu a janella e recuou aterrado. A janella deitava para o pateo, e o pateo transformava-se n'um lago de labaredas.

Desvairado, attonito, correu á janella fronteira; essa fazia com a outra um notavel contraste, abria sobre a igreja. Vinha da nave silenciosa não sei que vago perfume de paz e de socego. O Christo do altar-mór pendia a fronte melancolica, doirada vagamente pelos clarões do dia. Os altares conservavam-se immoveis, com as suas flôres nas jarras, e as suas velas brancas nos tocheiros. O portão da igreja, encostado apenas, deixava entrar pela fisga dos dois batentes mal cerrados um d'esses raios de sol, que traçam na penumbra do pleno dia uma recta perfeita, onde dançam myriades de particulas de pó luminoso.

Luiz soltou um grito de alegria; por ali estava caminho aberto. Depois lembrou-se que a turba fugitiva estacara no pateo diante das labaredas, e correu á janella fronteira a indicar-lhes o caminho da salvação.

Depois voltou para a escada, e desceu os degraus a dois e dois.

A criança, ou antes a adolescente, que levava nos braços, porque aos treze annos já o botão infantil vae

desabrochando em flôr, não proferia palavra e quasi que perdera o accordo. Só quando Luiz Correia bradou: **Estamos salvos!** ella, soltando um suspiro, apertou docemente os braços em torno do pescoço de Luiz.

O seu rosto pallido e ardente descahiu com brandura e roçou ao de leve pelas faces do moço official, as tranças soltas envolveram na sua assetinada caricia a fronte do mancebo, e aquelle corpo semi-nú, onde apenas se esboçavam as fórmas perfectas da mulher, mas que tinha já não sei que voluptuosas ondulações, esse corpo, perfeitamente desenhado pelas roupas que o envolviam, enroscou-se com mais força nos braços de Luiz Correia.

Então, apesar de estar exclusivamente preocupado pelo perigo, Luiz sentiu um vago estremecimento correr-lhe pelas veias.

Comtudo não estava salvo ainda. Quando chegou ao fundo da escada, quando, voltando á direita, ia penetrar na sachristia, o fogo que irrompera pela cosinha, e passara d'ahi á botica, encontrando ali oleos combustiveis, recobrava forças mil vezes mais intensas, e, quando Jayme entrava no corredor para onde deitavam as portas da botica e da cosinha, encontrou diante de si as chammas a interceptarem-lhe a passagem.

Então Luiz Correia descorou e teve um momento de terror. Estava perdido, irremissivelmente perdido. O que havia de fazer? Como podia salvar-se?

A pobre criança que levava nos braços tambem sentiu o perigo immenso da situação, e, ao ver diante de si um mar de chammas, soltou um grito horrivel, enlaçou-se mais ao pescoço de Luiz, e desmaiou.

Sentindo nos braços já fatigados o peso d'aquelle corpo inerte, o joven official julgou-se perdido. Deitou a correr loucamente, sem saber em que direcção, sem conhecer aquelle labyrintho de casas, recuando aqui diante das labaredas, que o chamuscavam, além achando-se de repente quasi asphyxiado pelos turbilhões de fumo, gritando sem que a sua voz achasse nem echo, nem resposta.

Já perdera a esperança de salvação, já a fadiga, o torpor se apoderára d'elle. O que o sustentava ainda era a idéa de que devia salvar aquella pobre criança que tinha desmaiada nos braços. Se estivesse só, a sua prostração era tal que se teria deixado cair no fundo de um corredor qualquer, e ali esperaria resignado o descanso e a morte.

Mas, de subito, quando estava mais attribulado, sente, ao abrir uma porta, uma bafagem do ar fresco da rua. Soltando um grito de alegria, entra no quarto, encontra uma janella aberta, corre n'essa direcção, e vê que estava no primeiro andar, e que lá em baixo se accumulava o povo que presenciava aquella horrorosa catástrophe.

Apenas o vêem apparecer, os espectadores soltam um grito; as chammas envolvem-n'o por todos os lados, já penetram, seguindo-o, no quarto em que elle entrou. Mas a desordem, que até ahí se manifestara nos soccorros que se prestavam, deixára de existir. Um homem, de physionomia desdenhosa e severa, mirando tudo com uma luneta de oiro que levava de quando em quando aos olhos, dava algumas ordens breves e claras, que eram obedecidas immediatamente. Apenas viu apparecer Luiz Correia na janella, com a engeitada nos braços, manda rapidamente uma escada que se encosta ao peitoril; outros homens vem logo estender colxões na rua, para o caso em que um accidente qualquer fizesse cair os que vão sair d'essa fornalha immensa. Cobra animo Luiz Correia, vendo-se tão intelligentemente auxiliado, sempre com a engeitada nos braços, desce a escada, e n'um momento se acha salvo na rua, deitando a criança desmaiada n'um dos colxões que estavam preparados para lhe amortecerem a queda.

O homem da luneta fez um signal, e logo um dos medicos, que tinham sido reunidos para poderem acudir promptamente aos que precisassem do seu auxilio, se approximou da engeitada.

— Ah! disse elle, apenas a viu, bem a conheço; é a

Therezinha. Estava doente com uma febre maligna. Pouco bem lhe devem ter feito estas agitações. Estará morta por acaso? concluiu o medico, um dos do hospital, com a frieza que dá o muito habito.

— Não creio, doutor, acudiu Luiz Correia com anciedade. Desmaiou com o terror do perigo.

— Sim; a vida bate ainda no pulso, tornou o medico. O sr. secretario de estado o que ordena?

— Que seja conduzida para o Desterro, como todos os outros, redarguiu o homem da luneta.

— Sr. secretario de estado, disse Luiz Correia respeitosamente vendo que o homem com quem fallava desempenhava tão alto cargo, se v. ex.<sup>a</sup> m'ò permite, será tratada na minha familia, já que a salvei da morte inevitavel. Não quero deixar incompleta a minha obra. É uma engeitada; minha mãe regularisarà a situação d'esta criança, logo que se restabeleça a ordem n'este estabelecimento.

— Muito bem, redarguiu o secretario de estado, que é um valente official e um homem dedicado vejo eu; mas gosto das coisas feitas regularmente, e não entrego assim sem mais nem menos a um official de cavallaria uma rapariguinha de quatorze annos. Como se chama?

— Luiz Correia de Faria e Mello.

— Tem pessoa que responda por si?

— O primeiro official de secretaria Philippe Corrêa da Silva, meu parente.

— Ah! o meu primeiro official. Muito bem! Mas elle não está aqui, e não se ha de ir agora chamar a casa. Não tem...?

— Respondo eu por este moço, sr. Sebastião de Carvalho, acudiu uma voz grave. A familia do sr. Luiz Correia é minha conhecida, e não a ha mais séria e mais digna.

Quem fallava assim era o frade de S. Domingos que vimos ha pouco palestrando com o nosso official.

— Ah! bem, tornou Sebastião de Carvalho, é excel-

lente a fiança. Não o vira ainda, sr. fr. Domingos. Que me diz a este desastre?

— Que é triste agoiro para o reinado do Sr. D. José I, respondeu o frade.

— Triste agoiro! exclamou Sebastião de Carvalho. Excelente agoiro, acho eu. O fogo já está quasi extincto. Os desastres manda-os a Providencia. O que é de bom agoiro é que se saiba accudir a elles com promptidão. Ateia-se um fogo? embora! a questão é apagal-o. E, sr. fr. Domingos, se aprouver a Deus, e se fôr da vontade d'el-rei, não será esta a unica fogueira que apagaremos.

E o seu olhar desdenhoso cravou-se de relance no edificio da Inquisição.



### III

#### Um poeta horaciano

Tinham passado cinco annos depois da scena que descrevemos no capitulo antecedente. A criança, que Luiz salvára, crescera e fizera-se mulher. Era linda, mas de uma belleza em que havia um não sei que de magnetico e de perigoso. Os seus grandes olhos negros ás vezes despediam chammas, outras vezes amorteciam-se n'uma languidez em que parecia reflectir-se toda a sensualidade oriental. A tez levemente queimada, ou antes beijada com beijos de fogo pelo sol peninsular, purpureava-se affogueando-se de vivo rubor, quando algum sentimento poderoso agitava a alma da gentil menina; quasi sempre, porém, conservava uma pallidez morena que, nas horas do repouso do espirito, dava ás suas feições o encanto especial das virgens de Murillo. Em Thereza havia duas mulheres distinctas, uma, can-

dida, meiga, boa, quando as paixões encontradas, que rugiam na sua alma como oppostos vendavaes, lhe não turvavam a serenidade, outra que despertava com o despertar dos vehementes affectos, e que devia ter nos accessos de loucura amorosa os extasis insensatos das mulheres do oriente, nos impetos de colera o rugido feroz das leas, que devia ou enroscar-se como a cobra nos braços do homem a quem amasse, ou silvar como a serpente furiosa que dardeja a lingua farpada contra o inimigo que a irrita.

Esta organização vulcanica produzia uma impressão notavel no coração de Luiz. Contrastes curiosos da natureza humana! Luiz era uma alma de poeta, um moço grave, sério, melancolico, reflexivo, inaccessible á corrupção do seculo em que vivia, e erguendo com altivez a sua fronte immaculada acima das torpezas que o rodeiavam. Portanto a mulher que elle escolheria para sua companheira devia ser antes a que lhe offerecesse todas as garantias de virtude e de brandura de genio. Não succedeu, porém, assim. O olhar de Thereza fascinava-o, accendia-lhe no coração uma chamma devoradora que debalde tentára primeiro dominar, e que fôra, contudo, lavrando cada vez com mais intensidade, até que elle enfim entregára-se sem resistencia ao encanto, á seducção d'esse affecto.

Thereza ficára em casa da familia do seu salvador. Engeitada, sósinha no mundo, encontrára de subito uma carinhosa mãe, um irmão que lhe votava um affecto mais que fraternal. Se os tivesse encontrado mais cedo! Tinha, porém, quatorze annos quando o incendio do hospital de Todos os Santos a conduziria áquella casa modesta e grave, que exhalava como que um aroma de virtude. A mãe de Luiz, D. Maria de Jesus, acolhêra-a com infinito jubilo. E não era só a caridade que a inspirava, apesar de ser um sentimento omnipotente na alma da boa senhora, era tambem o desejo de ter uma menina ao seu lado, uma alma feminina que podesse formar e educar. Sósinha com seu filho e uma criada,

concentrava os seus affectos no seu querido Luiz, mas a sua alma bondosa tinha ainda thesouros de dedicação a empregar. Thereza encantou-a com a adoravel, ainda que um pouco felina, meiguice da sua organização nas horas boas: mais de uma vez porém teve occasião de se assustar com os abysmos que entrevia no espirito d'essa criança. Isso ainda mais a robusteceu no desejo de a conservar junto de si; percebia instinctivamente que tomára o encargo de uma alma, que se arrojaria á perdição, se ella não soubesse mantel-a no caminho da virtude.

Assim como D. Maria de Jesus se encarregára da educação moral, encarregára-se Luiz da educação intellectual, e a sua tarefa era bem mais facil, porque Therezinha possuía uma intelligencia rara. Comprehendia com uma facilidade espantosa. As horas da lição eram para Luiz as horas mais radiantes da sua existencia: eram tambem as horas mais perigosas. Se descobria na alma da sua discipula tendencias que desapprovava, ia a querer mostrar-se severo, mas um olhar semi-velado de prantos desarmava-o completamente, e obrigava-o não só a pôr de parte a severidade das suas considerações, mas até a transigir, elle o homem austero e inquebrantavel, com as idéas nem sempre acceitaveis da gentil menina.

Para que havemos de prosequir em mais longa descripção? Ponthâmos em scena os personagens, e elles mesmos farão entrar o leitor na confidencia dos seus sentimentos e das suas paixões.

Por uma noite fria mas serena de janeiro de 1755, estavam cinco pessoas reunidas em casa da mãe de Luiz. A agua cantava na chaleira; e a criada acabava de estender a branca e fina toalha em cima da mesa, e de dispôr convenientemente as chicaras, o assucareiro; o pires da manteiga e o bule. Esperava-se, porém, um conviva, porque as chicaras, em vez de serem tantas como as pessoas que estavam presentes, completavam a meia duzia, o que não era de certo predilecção dos donos da casa pelas contas redondas.

A mãe de Luiz, senhora que ainda conservava em annos adiantados as feições delicadas, a tez pura e fina, como pessoa a quem nunca um mau pensamento pôde turvar a serenidade da sua alma, sentada á cabeceira da mesa, presidia aos arranjos do chá. As velas, dispostas em castiças de boa prata, derramavam uma luz suave sobre o grupo e illuminavam especialmente os trabalhos de costura de duas meninas, que, sentadas á direita de D. Maria de Jesus, fallavam de quando em quando em voz baixa uma com a outra, e reprimiam os risos que, não podendo expandir-se, lhes accendiam nos olhos chammas de alegria, para não interromperem um homem de trinta e tantos annos, que, sentado á esquerda de D. Maria de Jesus, e tendo ao seu lado Luiz, fallava com seriedade e compostura, ao passo que brincava distrahidamente com uma faca. Segurando-lhe pelo cabo, fazia-lhe descrever ás vezes uns semi-circulos ideaes, não sem perigo de riscar a mesa; um gato, acororado ao lado das cadeiras, no chão, seguia, com o olhar luminoso e a cabeça esperta, o movimento da faca, entendendo que a brincadeira era com elle, e dispondo-se para ir apanhar, n'um pulo subitaneo, aquelle objecto inquieto que lhe fazia negações. Era isso o que motivava os risos reprimidos das duas meninas.

Luiz ouvia o seu amigo com attenção e deferencia, mas, de vez em quando, o seu olhar grave e meigo fitava-se docemente nos olhos risonhos de Thereza, e provava que o não absorvia completamente a conversação.

— Poeta em annos de prosa! dizia o sугeito que fallava com uma voz grave e serena! é um triste fado! Não vae a época para musas, meu amigo! Poeta é synonymo de pobre, e parece que as musas decididamente se divorciaram com os camarins forrados de damasco! A pobreza tem de ser a grande inspiradora, já o foi de Camões que teve no hospital o Capitolio! Se ao menos tivéssemos a certeza de que poderíamos escrever *Lusiadas*, resignarmo-nos-hiamos a não jantar em toa-lhas de Flandres!

— Vámos lá! acudiu D. Maria de Jesus, o sr. Garção não tem razão de queixa. Não lhe voltou as costas a fortuna!

— Oh! minha senhora, tornou Garção, se eu sou tão pouco poeta! Eu poeta! pergunte por ahí aos meus censores! Eu poeta! eu que tive a audacia de empregar a palavra *alcaide* em verso solto!

— Pois é essa uma das suas melhores poesias, Garção, acudiu Luiz. Lembro-me bem d'ella: *A virtude!* Que magnifico assumpto! e com que grandiosa inspiração elle é tratado!

E Luiz recitou com enthusiasmo:

Ligado com asperrimas algemas  
 Ao rigido penedo,  
 Com um agudo cravo de diamantes  
 O peito traspassado:  
 Convulso o rosto e tinto em negro sangue  
 Que brota da ferida;  
 As sonoras pancadas do martello,  
 Com que bate Volcano  
 Nos cavernas do Caucaso, retumbam:  
 Porém constante e forte  
 Não geme Prometheu; antes accusa  
 A Jupiter de ingrato:  
 Innocente se julga; á força impia  
 Não cede do tyranno:  
 Assim, assim, a misera pobreza  
 A contraria fortuna,  
 Deve immovel soffrer uma alma grande,  
 Oh! Sousa esclarecido!  
 Varra o credor soberbo a pobre casa  
 C'o desabrido alcaide!  
 Dorme no duro chão, tão descansado  
 Como no leito brando,  
 O intrepido varão que do Destino  
 Prova os fataes revezes.

— Ah! ah! meu amigo! acudiu Garção que ouvira com um doce sorriso a sua ode recitada por uma vez affectuosa e enthusiastica. Ah! é que bate o ponto! *Alcaide*, eis a palavra que levantou contra mim a indignação dos criticos. *Alcaide*, pois *alcaide* é lá palavra que

se empregue em verso! Se fosse *lictor á romana*, ou *sergent á franceza*! mas alcaide em portuguez, em bom e legitimo portuguez! Póde-se-me lá chamar poeta! Foi o que me valeu, meu amigo, para arranjar um emprego! Dei garantias ao throno, se as não dei ás musas. Mostrei que respeitava a Ordenação, já que não respeitava a Arte Poetica. Se não me proscrevem do Parnaso, nem almotacé de um bairro podia ser.

—Vê, Garção? tornou Luiz; eu se fosse censor, se alguma cousa tivesse que notar n'esta magnifica odé, seria não o desprezo da palavra *lictor*, mas pelo contrario a sugeição aos modelos romanos. Sempre com Horacio diante de si, quando podia voar com as proprias azas!

— Que está dizendo, meu amigo? exclamou Garção. Que heresias são essas? Quer que voltemos ás alambicadas poesias da *Fenix renascida*? Quer a independencia do estro, a licença, o desvergonhamento da inspiração? Nada! nada! acabemos com essas sandices, e voltemos aos bons modelos.

— Mas eu não defendo semelhante cousa, Garção. Parece-me, comtudo, que os versos das Academias dos Generosos e dos Singulares e não sei que mais, são tolos porque são affectados. Não ha porém meio termo entre o andar trajando fatos extravagantes, ou vestir as tunicas latinas ou hellenicis? Não podemos conservar os nossos fatos? e não poderá ser a poesia simplesmente a expressão dos nossos affectos e das nossas paixões? Não poderá ser a expressão da natureza?

— Por amor de Deus, Luiz! não diga semelhante coisa! a natureza sim, mas a natureza ornada! a simplicidade, concordo, mas a simplicidade artistica! Pois queria que pozessemos em verso, por exemplo, em verso sério, é claro, em verso bucolico, a rusticidade verdadeira dos pastores? que reproduzissemos a sua linguagem grosseira e os seus habitos brutaes? Então a poesia deixaria de ser uma arte, para ser uma copia ridicula!

—Meu Deus! Garção, acudiu Luiz, não tenho forças para lutar com tão vigoroso contendor! Mas creia que me venceu, não me convenceu! Parece-me que, se eu tivesse talento bastante para exprimir na linguagem sonora da poesia os pensamentos que ás vezes me aco-dem, quando na minha alma desabrocham as flores dos mais puros affectos, os versos que então saíssem não seriam de certo vasados nos moldes gregos e romanos, mas nem por isso deixariam de impressionar aquelles que me ouvissem!

Garção ficou um instante silencioso e pensativo.

—Ha nas coisas que diz, exclamou elle emfim, um que de grandiosa verdade! Eu que, como o Luiz sabe, conheço e amo a litteratura ingleza, encontro ás vezes nos poetas do tempo de Isabel, e principalmente em Shakespeare, coisas estranhas e que me parecem verdadeiramente bellas! Mas em que joio está sepultado esse trigo! que fezes misturadas com esse oiro! Na poesia, meu amigo, parece-me que succede o mesmo que na politica! Produz grandes coisas a Liberdade, mas tambem quantos desvairamentos! O principio da authoridade não se póde desprezar, a civilisação e o gosto precisam de reguladores supremos. E agora, meu amigo, de que nós precisamos, é de ordem depois dos desnorteamentos das Academias pueris! O principio de ordem é o que inspira a Arcadia, a restauração dos grandes modelos é o que sobretudo desejam os pastores do Menalo.

—E cumprem uma nobre missão, murmurou Luiz.

—Não ha duvida, tornou alegremente Garção, mas a Arcadia ainda não está constituida, e, que o estivesse, não seria aqui de certo que celebraria as suas sessões. A vista de tão formosas pastoras perturbaria a solemni-dade litteraria. Não acha portanto preferivel, Luiz, que, em vez de dissertarmos, attendâmos um pouco mais ás nossas gentis companheiras de serão, que devem estar um pouco enfastiadas com a palestra?

—Ah! acudiu Theresa que era uma das meninas

que costumavam, eu estou habituada ás dissertações.

—Aquillo é censura ao mestre, tornou Garção rindo.

—Seria uma injustiça, acudiu Luiz, um pouco magoado, envolvendo a ardente menina n'um longo olhar de amor, porque ella bem sabe que as minhas dissertações procuram ser sempre em seu proveito.

—Bem o sei, acudiu Theresa curando logo com a meiguice do seu olhar e da sua voz a ferida que fizera, bem o sei, e o sr. Garção engana-se julgando que a minha resposta foi uma censura; nunca o poderia nem o deveria ser. Quiz notar apenas que não me desagradam nem enfastiam, antes me deleitam, conversações como a que tiveram agora. E o sr. Garção sabe que eu sou uma humilde, mas sincera admiradora dos seus versos. Espero ainda provar-lh'o.

—Provarás tudo o que quizeres, acudiu D. Maria de Jesus, sorrindo, mas nós é que não provamos o chá, se nos obstinamos em esperar pelo padre Antonio Delphim.

—Vamos ao chá, e o padre que se morda, acudiu Garção.

—Ora muito obrigado pelo comprimento, acudiu uma voz alegre da porta da sala, isto é que é um amigo! Aqui está o desapego com que se falla na gente! Torna-me a convidar para ir á Fonte-Santa, e verás se eu lá appareço.

Quem fallava era o amigo, que Garção tornou celebre pelos repetidos sonetos com que o mimoseou. Escusamos de descrevel-o, o proprio Garção se encarregou d'esse cuidado:

Quem viu o padre Antonio? um clerigo alvo,  
Olhos azues, as faces mui rosadas,  
Castanhas as melenas estiradas  
E na burnida testa um pouco calvo.

Era elle em pessoa quem apparecia á porta da sala, saudado pelos risos joviaes das meninas, por um com-



primento amavel da dona da casa, por um aperto de mão de Luiz, e por um olhar affectuoso de Garção. Acarinhado, amimado, foi conduzido em triumpho para a sua cadeira, onde se aninhou muito bem soltando um suspiro de suave contentamento, em quanto a criada, chamada logo, vinha com a chaleira cheia de agua a ferver, e que já se ouvia chiar havia bastante tempo, fazer o chá no bule.

— Com que então, amigo Pedro, achas que se podia tomar chá sem estar cá o padre Delphim? exclamou o recém-vindo. Tu m'as pagarás!

— Qual! tornou Garção com uma seriedade comica, nós o que que iamos era fazer o sacrificio de passar sem a tua companhia. Nem o chá nos sabia bem, não estando tu ao nosso lado.

— Bem te conheço! tornou o padre passando a mão pela calva luzidia. Este eterno mandrião que, em eu estando em casa d'elle, precisa que o vá chamar sete e oito vezes á cama, já a querer punir-me como a um preguiçoso!...

— Protesto contra a calumnia, nunca me chamaste mais de seis vezes!

— E vamos a saber, trouxe a rebeca, para fazermos um pouco de musica? perguntou Thereza.

— Lá está em baixo o moço com ella.

— Trouxe a rebeca! exclamou Garção fingindo que se levantava, isto é uma armadilha! é um logro que se não prêga a um christão! Promettem-me chá e fatias excellentes, venho; afinal de contas impingem-me o padre Delphim, a tocar rebeca! É uma traição! protesto!

— Olha que maldito! acudio o padre rindo. Eu aturo-lhe os versos em primeira mão, e elle em troca nem sequer me admite uma rebecada! E a proposito de versos, Therezinha, o que nós combinámos, fez-se?

— Então que foi que combinaram? perguntou Luiz sorrindo.

— Segredo de confessorario! tornou o padre Del-

phim! Não querem ver este senhor militar das duzias a intrometter-se nas nossas conspirações!

— Bravo! o Delphim conspira! Se estivéssemos em França, era negocio sério.

— Mas não estamos em França, senhor poeta. Portanto queira metter a viola no sacco.

— Se tu me promettes fazer o mesmo á rebeca!

Todos desataram a rir.

— Mas, vamos, Therezinha, continuou Garção. Conte-nos lá o segredo do padre Antonio. Ponha-lhe a calva á mostra, o que, como sabe, não é metaphora.

— Adeus! adeus! já me tardava a calva! acudio o padre rindo. Não se passam cinco minutos sem que este senhor esteja a debicar com a minha calva.

— Se te parece que ella não é digna dos meus versos. A tua calva, Delphim, é a minha inspiração, a minha musa.

— Tens musa calva? acudio o padre com uma gargalhada, bem se conhece pelos teus versos.

— Um epigramma! bravo, senhor padre Antonio! tambem faz epigrammas! viva! acudio o poeta horaciano. Não lhe sabia da prenda.

— O que ha n'este mundo que o padre Antonio não faça? acudio Luiz rindo, elle toca rebeca, elle préga, elle faz epigrammas, tudo... tudo faz o padre Antonio.

— Ah! vae glosa, exclamou Garção batendo as palmas, já que o Luiz me deu mote.

E, depois de escorropichar vagarosamente a chavena de chá para ter tempo de preparar o improvisado, Garção repetiu:

*Tudo faz o padre Antonio*

— Hade sair coisa boa! exclamou o padre, estendendo a sua chavena a D. Maria de Jesus para receber mais chá.

— Ingrato! tornou o poeta. Vou cantar os teus louvores.

— Ah! sim! então espera; quero saborear a um tempo a ambrosia do elogio, e este bom nectar de tres mil réis.

Deitou assucar na chavena, tirou um barretinho da algibeira, cobriu a calva com elle, depois de pedida a competente venia, e, sorvendo golo a golo o chá da India, exclamou:

— Bem! pôdes começar. Vamos a ver a glosa.  
Garção tossio, e repetiu o mote

*Tudo faz o padre Antonio*

A negra Melancholia  
Com os olhos no chão postos,  
Suspiros, prantos, desgostos  
Sobre os mortaes diffundia:  
Quando a risonha Alegria  
Aparece a tempo idoneo,  
E, como o brando Favonio,  
Dissipa a nuvem do pranto;  
Mas tornar em doce canto  
*Tudo faz o padre Antonio.*

— Bravo! bravo! exclamou o padre Antonio. Que favo de mel que está o meu amigo Garção!

— Queixe-se ainda, Delphim! accrescentou Luiz. E o mais é que tem razão o poeta; havia na sala uma certa tristeza; entrou o padre Delphim, reapareceu a alegria.

— Obrigado! obrigado! tornou o padre. Mas o que eu não quero é deixar o Garção sem recompensa. Voulhe tocar um minuete na rabeça.

— Ah! sim? tornou o poeta. Então lá vae outra glosa.

— Oh! oh! que fecundidade!

— É para que saibam. O mote é pois o mesmo.

*Tudo faz o padre Antonio*

Tu fazes, Delphim sonoro,  
 Mudar em consolações  
 As penosas afflicções  
 Com o instrumento canoro:  
 Fazes que do Pindo o côro  
 Por ti deixe o lago Aonio;  
 Fazes descer do telonio,  
 Por te ouvir, o Deus luzente,  
 E tu fazes... Finalmente  
*Tudo faz o padre Antonio.*

— Estou abarrotando de alegria! exclamou o padre Antonio Delphim, em quanto os outros convivas felicitavam Garção pelos seus dois improvisos. Até a rabeça apanhou o seu incenso! Boa vae ella! Esta inesperada benevolencia redundá ámanhã para mim n'uma saraiuada de descomposturas.

— Qual historia, meu amigo, prometto deixar-te em paz!

— E á calva?

— Á calva, tambem, podéra! Nunca mais lhe escrevo sonetos. É tenção feita. E a proposito de sonetos, Delphim, escrevi hoje um que metti na algibeira para t'o mostrar esta noite, se é que as senhoras se não enfatiam d'estas recitações?

— Ora qual, sr. Garção! tornou Thereza que parecia estar comtudo um pouco impaciente. E-nos sempre muito agradavel ouviu-o.

— De certo, concluiu D. Maria de Jesus, mas o soneto não o impede de tomar mais uma chavena de chá, não é verdade?

— Não impediria de certo, se eu ainda tivesse appetite, mas não tomo chá porque quero dormir esta noite. O meu proprio medico, o dr. Jeronymo Henriques, me aconselha a que não abuse da bebida.

— Ora, é porque o não acha bom.

— Oh! minha senhora, pelo contrario! excellente! capaz de causar inveja á propria miss Rosa!

— Vamos lá ao soneto! interrompeu Delphim, é jocoso?

— Não; serio.

— Bom! oiçamos.

Recostou-se melhor na cadeira; Garção levantou-se para recitar mais á vontade, e declamou os seguintes versos:

Por Cerastes e Górgonas lançada  
Do mirrado Cassini a sombria fria,  
Passa do lago Averno a gritaria  
Sobre as azas da Noite reclinada.

Das veneráveis Deusas avexada,  
Teme não rompa cedo o claro dia;  
E, acossada dos cães, freme, assovia,  
Tremendo a terra toda de assustada.

Silvando vaga assim de rua em rua,  
E, ao som medonho da infernal calceta,  
Subito quebra o somno mais profundo.

Garção até ahí recitara com uma certa entoação de voz lugubre e carregada; os seus ouvintes escutavam-n'ò attentos, ainda que espantados um pouco da estranheza dos versos; mas, chegado a este ponto, estende de subito a mão direita, arranca da nuca do padre Antonio Delphim o barretinho escuro, e, com uma expressão de intimativa na voz e no gesto, fecha o soneto, no meio de uma gargalhada geral, com os seguintes versos:

Vem buscar do Delphim a calva nua  
Para traçar o giro de um cometa,  
Que hadé crestar a grenha a todo o mundo.

O padre Delphim, sentindo desaparecer o barretinho de cima da calva, fizera um movimento instinctivo para o segurar, e, com os braços erguidos, ouvira estupefacto o terceto que era acolhido por uma estrondosa gargalhada das tres senhoras e de Luiz. Quando Garção terminou o ultimo verso, é que elle saiu do asombro em que ficára.

— Ai que patife! exclamou; que traição que elle nos arma! Então este é que era o soneto serio, poe-

tastro? Não tem que ver, a minha calva serve para tudo! Ha um fogo em Alcantara, elle vae lá, e de que se lembra, ao ver o Tejo illuminado com o reflexo das chammas? Da minha calva! Calva para aqui, calva para ali... este maldito ainda me faz usar cabelleira! Mas espera que eu já me vingó!

Isto dissera-o elle com olhos cheios de riso. Aca-bando de fallar, saío um instante da sala, e voltou logo trazendo a rabeca.

— Therezinha, disse elle entrando e piscando-lhe o olho com ar de cumplicidade, vá buscar a harpa para fazermos um pequeno concerto. Eu, entretanto, vou dis-trahir estes senhores com algumas modinhas.

Thereza saiu com certa rapidez. Não tardou a voltar. Entretanto Delphim, para cumprir a sua promessa, preludiava na rabeca. Não era de certo um ignorado pre-decessor de Paganini, mas tocava agradavelmente. Gar-ção, apesar das suas amigaveis zombarias, morria pelo ouvir, e insistia com o padre para que tocasse novas modinhas, quando Antonio Delphim, interrompendo-se, disse:

— Nada! nada! agora é necessario ouvirmos a The-rezinha.

Todos os olhos se voltaram para a gentil menina, que, sentando-se n'uma cadeira que ficava um pouco afas-tada do grupo, e um tanto immersa na penumbra, es-tivera afinando a sua harpa. Quando o padre proferiu estas palavras, ella sorriu-se para elle e respondeu:

— Estou prompta.

Encaravam-n'a todos com curiosidade. Havia um tal ou qual mysterio em tudo aquillo. Preparava-se de certo uma surpresa. A um signal do padre, There-zinha sacudiu, com um movimento gracioso, o seu ca-bello sem polvilhos, e, dedilhando a harpa, revelou aos encantados espectadores toda a riqueza da sua airosa e flexivel estatura. A fronte intelligente, o olhar lampe-jante, o rosto em que ondulavam os reflexos da cham-ma trémula das velas, a posição elegantissima da to-

cadora da harpa, faziam d'ella o modelo ideal da estatua de Sapho, tal como no nosso tempo a concebeu e executou Pradier; os seus dedos, correndo nas cordas da harpa, arrancaram-lhe um prelude estranho e original, e, quando Garção e Luiz enlevados perguntavam a si mesmos que musica era aquella, tão differente das modinhas e dos minuets da epocha, Thereza soltou a voz de um timbre melodioso e ardente, e, continuando a acompanhar-se com esse rhythm original que parecia apenas um vago murmurio, um echo longinquo de desconhecido hymno, recitou, com uma melopéa característica que não excluia a naturalidade, nem a vehemencia na expressão dos affectos, nem a magestade nas descripções, os seguintes admiraveis versos:

Já no roxo oriente, branqueando,  
As prehes velas da troyana frota,  
Entre as vagas azues do mar doirado,  
Sobre as azas dos ventos se escondiam.

A miserrima Dido

Pelos Paços reaes vaga ululando;  
C'os turvos olhos inda em vão procura  
O fugitivo Enéas.

Só ermas ruas, só desertas praias  
A recente Carthago lhe apresenta;  
Com medonho fragor na praia nua  
Fremem de noite as solitarias ondas!

E nas doiradas grimpas  
Das cupulas soberbas

Piam nocturnas agoureiras aves.  
Do marmoreo sepulchro  
Attonita imagina

Que mil vezes ouviu as frias cinzas  
Do defunto Sicheu com debeis vozes  
Suspirando chamar: Elisa, Elisa!

D'Orco aos tremendos numens  
Sacrificios prepara;  
Mas viu esmorecida

Em torno dos thuricremos altares  
Negra escuma ferver nas ricas taças:

E o derramado vinho

Em pelagos de sangue converter-se.

Frenetica delira;

Pallido o rosto lindo,

A madeixa subtil desentrançada,

Já com trémulo pé entra sem tino  
 No ditoso aposento,  
 Onde do infido amante  
 Ouviu interneçada

Magoados suspiros, brandas queixas!  
 Alli as crueis Parcas lhe mostraram  
 As Iliacas roupas, que, pendentes  
 Do thalamo doirado, descobriam  
 O lustroso pavez, a teucra espada.  
 Com a convulsa mão subito arranca  
 A lamina fulgente da bainha,  
 E sobre o duro ferro penetrante,  
 Arroja o tenro crystallino peito!  
 E, em borbotões de espuma murmurando,  
 O quente sangue da ferida salta:  
 De roxas espadanas rociadas  
 Tremem da sala as doricas columnas!  
 Tres vezes tenta erguer-se,  
 Tres vezes desmaiada sobre o leito  
 O corpo revolvendo, ao ceu levanta  
 Os macerados olhos.

Depois, attenta na lustrosa malha  
 Do prófugo Dardaneo,  
 Estas ultimas vozes repetia,  
 E os lastimosos lugubres accents,  
 Pelas aureas abobadas voando,  
 Longo tempo depois gemer se ouviram:

Doces despojos  
 Tão bem logrados  
 Dos olhos meus,  
 Emquanto os fados,  
 Emquanto Deus  
 O consentiam,  
 Da triste Dido  
 A alma acceitai,  
 D'estes cuidados  
 Me libertai.

Dido infelice  
 Assaz viveu;  
 D'alta Carthago  
 O muro ergueu:  
 Agora nua,  
 Já de Charonte  
 A sombra sua  
 Na barca feia



Do Phlegetonte  
A negra veia  
Sulcando vai.

Calou-se Therezinha, e nas cordas da harpa vibrou longamente a ultima nota da estranha melodia, com que acompanhára a recitação da maravilhosa cantata. Não se pôde exprimir o indizível encanto da voz da feiticeira menina. O seu contralto grave e sonoro dava uma amplidão magestosa ao recitativo, que é a parte verdadeiramente sublime d'esta formosa poesia. No seu olhar lampejante como que brilhava o reflexo das tragicas paixões, com que Garção inflammára o espirito da rainha de Carthago. Havia um não sei que de inspiração selvagem na sua voz, no seu gesto; a Dido que ella reproduzia não era a Dido composta e classica de Virgilio e de Garção; matando-se com todas as regras, tentando erguer-se tres vezes, segundo a arithmetica tradicional d'estes lances poeticos, e tres vezes cahindo desmaiada sobre o leito, não: era a phenicia de paixões energicas, a mulher educada no culto violento e sensual das divindades orientaes, a mulher de apaixonado temperamento, como Gustavo Flaubert a devaneiou, ao pintar, com os tons um pouco brutaes da sua palheta de realista, o vulto de Salammbô.

Quando acabou, Thereza sentia o seio offegante, os labios trémulos, e ouvia, quasi sem as perceber, as palavras elogiosas, que todos murmuravam em torno d'ella como um côro ineffavel de lisonjas. Garção sobre tudo estava radiante; lagrimas de doce orgulho saltavam-lhe dos olhos, e, enquanto enchia de louvores a sua maravilhosa interprete, apertava com vivo affecto a mão do seu Antonio Delphim, que lhe preparára tão delicada surpresa.

Luiz olhava enternecido para Therezinha, que o agitára tão poderosamente com a sua voz pathetica. Só D. Maria de Jesus se conservava fria e um pouco descontente. A boa senhora não gostava de que uma menina educada por ella tivesse essas prendas de comica.

Preferia e muito que fosse uma boa dona de casa. Depois, sem saber exprimir bem o seu pensamento, D. Maria de Jesus achava nos tons da voz de Thereza uma expressão voluptuosa e audaz, que a offendia e desgostava. A engeitada, percebendo-o vagamente, e sentindo mais, como succede a todas as organizações vaidosas, o silencio de um só dos seus ouvintes do que a approvação entusiastica de todos os outros, levantou-se, e, correndo a D. Maria de Jesus, com umas inflexões felicemente acariciadoras na feiticeira voz, murmurou:

— Não lhe agradei, madrinha?

Os seus olhos luminosos pediam uma palavra de animação. As suas caricias exigiam-n'a.

— Agradaste, sim, filha, agradaste, respondeu D. Maria de Jesus, vencida pelo irresistivel encanto d'aquella organização magnetica, mas... mas que sangue te corre nas veias, que parece escalear-te o coração?

— O sangue de Sapho, respondeu com enthusiasmo o sempre arcade Corydon.

— Sem Phaon, observou immediatamente o padre Antonio Delfim, que tambem era lido em letras profanas.

— O que dispensa o salto, acudiu estouvadamente a esperta menina.

— Mas, sendo necessario, perguntou Luiz sorrindo, não recuaria diante do incidente de Leucate?

— Não recuaria, exclamou Thereza com um fogo sombrio a brilhar-lhe nos olhos, mas havia de arrastar Phaon commigo.

Todos se calaram. A alma d'aquella menina era um abysmo.

D'ahi a pouco saíram os visitantes, e Luiz, tentado pela serenidade da noite, acompanhou Garção e o padre Antonio Delfim n'um passeio que a brilhante luz da lua tornava duplamente agradavel.

Maria de Jesus retirou-se para o seu quarto para fazer as suas orações. Thereza ficou a acompanhar essa menina, que tão silenciosa estivera durante o serão, que

mal podêmos não desenhar, mas mencionar apenas a sua physionomia. Morava na vizinhança de Thereza, e costumavam de casa mandal-a buscar por um criado. N'essa noite porém, por qualquer pequeno transtorno, o criado demorou-se, e Anna, assim se chamava a graciosissima menina, teve de ficar mais algum tempo em companhia da sua amiga.

A noite corria serena, como já dissemos, e ellas abriram a janella. O luar batia de chapa nos seus rostos gentis, e dava um realce vivissimo ás feições tão formosas e comtudo tão diversas de uma e de outra. Colorido pelos raios pallidos da lua, o rosto puro e ardente de Thereza tomava um aspecto verdadeiramente fascinador; era, com os seus olhos a brilharem como diamantes negros na tez levemente crestada, uma d'estas fadas peninsulares cuja magia é irresistivel; banhada n'esse mesmo clarão casto e sereno, a doce physionomia de Anninhas, a sua etherea alvura tomavam verdadeiramente um aspecto ideal; era uma d'essas loiras e suavissimas visões dos paizes do norte, que ás vezes desabrocham tambem aos quentes raios do nosso sol; era uma melancholica dama branca que vinha pentear os seus doirados cabellos ao lado das fadas meridionaes que deslindam as negras tranças á beira das nossas fontes.

As duas amigas estiveram um instante contemplando a lua que fluctuava com esse silencio particular e meigo das noites serenas, *amica silentia lunæ*, pelas campinas do céu, depois as suas mãos fluctuantes no peitoral da janella encontraram-se, apertaram-se meigamente, e, como se esse contacto bastasse para despertar nos seus espiritos a necessidade da expansão, começaram a chilrear a meia voz, como dois passarinhos que trocam, na sua melodiosa linguagem, as suas doces confidencias.



## IV

### Ao luar

— Sabes tu, Therezinha, disse Anninhas a meia voz, que chego quasi a ter inveja a esses dons de fascinação que tu possues como ninguem? Basta que entres n'uma sala, que digas duas palavras, que murmures duas notas, para captivares todas as atenções, para que todos se sintam atrahidos irresistivelmente para ti! Nascestes para rainhá, Theresa! Tu tens a certeza de que não és filha de algum soberano?

— Eu? acudiu Thereza rindo, sempre suppuz que era filha de uma aguia e de uma sereia, da aguia pelo prazer que eu teria em voar, voar por essas amplidões sem limites, pairando sobre o mar, sobre as cidades, e procurando sempre os horisontes desaffogados, o espaço livre e infindo, as sãs e frescas aragens; de uma sereia porque tenho um raro prazer em usar d'esse tal

ou qual dom de fascinação que effectivamente possúo, e porque o meu maior jubilo seria arrastar alguém para o abysmo, attrahindo-o com o meu canto. Ah! tens tu o meu caracter; agrada-te assim, Anninhas?

— Não, não, respondeu a sua amiga sacudindo os seus formosos cabellos loiros, estás-te calumniando a ti mesma por zombaria, por graça. Sim, que és altiva e um tanto ou quanto garrida, é certo, mas d'ahi ás crueldades das sereias vae ainda uma grande distancia.

— Irá ou não, filha, acudiu Thereza sempre no mesmo tom, entre serio e zombeteiro. A gente sabe lá de que será capaz em dadas circumstancias? Não te digo que hoje seria o meu maior prazer ir por ahi fóra tocando harpa até ao Tejo, e o Garção e o Luiz e o Delphim seguindo-me enlevados, e, quando chegasse ao forte do Caes, atirar commigo ás aguas, e, catrapuz, irem todos atraz de mim como succedia aos navegantes da mythologia. Mas, se o Antonio Delphim, por exemplo, se apaixonasse, ouvindo-me tocar harpa, e me viesse depôr aos pés humildemente, a calva, a rabeça, a tonsura, os habitos e o coração, achavá eu isso na verdade delicioso. Mas...

E Thereza interrompeu-se para soltar uma estridente gargalhada.

— Mas, acudiu Anninhas rindo tambem, se o padre Antonio Delphim não chegou ainda a essa situação extrema, nós cá na visinhança temos um homem serio e grave, que nem esperou a recitação da cantata de Dido para te pôr aos pés o coração e a vida.

— Quem é? perguntou Thereza com affectada indifferença.

— Não adivinhaste ainda?

— O Luiz, talvez, tornou Thereza sempre com o mesmo tom de indifferença na voz.

— Podera, acudiu Anninhas, e um observador perspicaz podia notar um tal ou qual tremor na inflexão de voz com que estas palavras foram pronunciadas. O Luiz não occulta o doido amor que te consagra. Quando tu

estás, não tem olhos para mais ninguém; para elle são ordens os mais leves desejos teus. Tu, a dominadora, a aguia e a sereia, ahí tens o teu adorador ideal, um escravo que te seguiria até ao inferno, se necessario fosse.

— Até ao purgatório, quando muito, queridinha, respondeu Thereza, e ficava cá de fóra á porta. Ama-me o Luiz, é certo, mas, Anninhas, acredita-me, acima de tudo aquelle severo moço ama a Virtude!

— E achas isso máo? acudiu Anninhas vivamente.

— Não; acho semsabor.

Anninhas fugiu com a mão, e recuou um passo.

— Therezinha, disse ella com uma voz grave e doce, em que se sentia apenas um ligeiro travo de reprehensão, Therezinha, ha palavras com que se não brinca.

Thereza desatou a rir.

— Vá, prégadora! disse ella, atira-me uma pratica, ou recita a ode á Virtude do nosso amigo Garção, que eu acompanho-te com a harpa. Mas tu és uma excelente rapariga, e eu, se fosse homem, adorava-te, mesmo com a condição de ouvir um sermão por dia prégado por esses labios côr de rosa, que eu vou beijar agora.

E a doida menina, cingindo a sua amiga pela cintura, imprimiu-lhe nos labios o beijo annunciado.

— Adeus! adeus! tornou Anninhas. Não ha meio de se estar séria contigo dois minutos a fio. Mas tu por fim de contas torturas aquelle pobre Luiz, que te adora, tortural-o, zombas d'elle, e a verdade é que não fazes senão amal-o.

— Estás certa d'isso, filha?

— Estou, sim. Pois o que falta ao Luiz para ser amado? Não é bom, hoarado, intelligente e elegante? Não ha no seu vivo olhar o reflexo purissimo de uma alma honesta? E sobretudo não tem elle por ti uma adoração que toca as raias da idolatria?

— Com que ardor que fallas d'elle, Anninhas! acudiu Thereza. Querel-o-has tu para teu noivo?

E o seu olhar perscrutador interrogou os arcanos do coração da sua amiga.

Esta, porém, sustentou intrepidamente o embate. Se para isso lhe foi necessária alguma coragem, só ella e Deus o souberam. Mas o seu olhar conservou-se firme e sereno diante do olhar de Thereza.

— Não, não o quero para noivo, disse a loira menina, quero-o para irmão, e, se tu o desposasses, tu, a minha melhor amiga, que fraternidade maior do que a que então se estabeleceria entre nós poderia ligar as nossas almas?

— Hum! Hum! murmurou Thèreza rindo, eu é que não respondo pela inversa da tua proposição. Se tu o escolheesses para noivo, eu havia de sentir tão vivo desejo de t'o arrancar!...

— Ora vamos, Therezinha, acudiu Anninhas um pouco enfadada, não te faças peor do que és.

— Não faço, menina; mas deves confessar uma coisa, é que a vida sem a paixão; sem a lucta, é a mais monotona coisa que Deus inventou, é uma corrente de agua chilra e semsabor; a tempestade, minha amiguinha, é que é a essência da vida e da natureza. Por exemplo, eu reconheço effectivamente as boas qualidades de Luiz; sei que me ama, percebo que nenhum outro noivo podia encontrar que mais me conviesse. Mas vê se é possível. Corta-se para mim a vida monotona do hospício com as peripecias commoventes do incendio! Luiz salva-me, sem me conhecer, sem me vêr sequer talvez, como salvaria um enfermeiro, por pura humanidade, por uma humanidade banal e comesinha. Venho para casa de sua mãe, que me acolhe como se fosse minha tia; o Luiz era como se fosse meu primo; portanto, n'essa qualidade, apaixonou-se por mim, segundo a tradição dos primos. D. Maria não vê com muito maus olhos a perspectiva d'este enlace. Luiz é meu mestre; quando me dá lições não tem senão olhares cheios de ternura, que contrastam de um modo notavel com os gemidos e suspiros de que anda sobre-



carregado. Este amor pacato dispara emfim n'um casamento, vem os filhos, e fechamos as portas para saborearmos as doçuras conjugaes. Continua a existencia com a mesma monotonia dos preliminares; vem a velhice emfim; e eu conheci por acaso a vida com as suas luctas, com as suas paixões, com os seus sagrados delirios? Vivi? Tive as grandes commoções e os grandes enthusiasmos? Não, tive apenas muita virtude e muito chá. Puph!

— Louca! louca! e louca! exclamou Anninhas com viveza; louca diria eu se não percebesse que tudo o que acabas de dizer não revela mais do que uma phantasia desregrada que gosta de vaguear ás soltas. O que! pois tu és capaz de allegar que não ha nobres commoções n'este viver tranquillo de familia? Dize-me por exemplo se nos delirios que devaneias encontrarias prazer tão vivo como o que devias sentir ainda agora, quando tres homens intelligentes estavam suspensos dos teus labios e enlevados na tua voz, quando corria nas tuas veias o fogo da inspiração, e que pareceste a esse poeta, que te escutava com as lagrimas nos olhos, a propria imagem da poesia!

— Ainda agora! ainda agora! tornou Thereza com certa amargura, não me falles n'isso. E' certo que eu senti na minha alma a verdadeira inspiração, é certo que esqueci por um momento a calva do padre Delphim, a modestia d'esta casa, a severa physionomia de Luiz, o trajar inglez do nosso poeta horaciano, e que recitei com todo o enthusiasmo de que era susceptivel. Ah! mas quando voltei a mim d'esse extasi em que me embebera, quando descii d'essas espheras sublimes ao mundo da realidade, quaes eram as ovações que me esperavam? o applauso frio e reservado de Luiz, o contentamento do padre e as lagrimas do auctor. Não: o que eu desejava era a torrente de bravos de um publico em delirio, o que eu queria era o applauso frenetico da multidão!

— Applausos grosseiros! pois tu preferias as palmas

d'uma gente que não se enleva senão com as palhaçadas do Nicolau Luiz?...

— Não, não era isso. Ia mais longe o meu desejo. Eu não te disse que era filha de uma aguia? Pois, minha amiguinha, as aguias teem vôo largo, e o Luiz commetteu a imprudencia de me ensinar a voar. O que eu devanejava era aquelle theatro de França, com que o Luiz me povôa os sonhos involuntariamente, quando me dá a lêr as tragedias de Racine, aquelle theatro a cujas representações assistia o grande rei Luiz XIV, cercado pela sua côrte de fidalgos bordados e doirados em todas as costuras das suas casacas, aquelle theatro que ia abaixo com uma trovoadade de palmas, quando a Champmeslé terminava a sua sublime falla na tragedia de *Phedra*.

E Thereza, excitada pela sua propria linguagem, arrojou aos echos da noite a revelação de *Phedra*, no primeiro acto da tragedia de Racine:

Ce n'est plus une ardeur dans mes veines cachée ;  
 C'est Vénus toute entière à sa proie attachée !  
 J'ai conçu pour mon crime une juste terreur ;  
 J'ai pris la vie en haine et ma flamme en horreur ;  
 Je voulais, en mourant, prendre soin de ma gloire,  
 Et dérober au jour une flamme si noire !  
 Je n'ai pu soutenir tes larmes, tes combats ;  
 Je t'ai tout avoué, je ne m'en repens pas,  
 Pourvu que de ma mort respectant les approches  
 Tu ne m'affliges plus par d'injustes reproches,  
 Et que tes vains secours cessent de rappeler  
 Un reste de chaleur tout prêt à s'exhaler.

— Bravo! bravo! disse uma voz na rua. Quem é a sylphide, a deidade, que transporta para as ruas de Lisboa os divinos accentos da Clairon ou da Lecouvreur? Apareça, ou eu subo á janella para vêr de perto o prodigio.

Thereza e Anninhas debruçaram-se espantadas, e, á clara luz da lua, viram um homem bem vestido, posto que com o fato um pouco em desordem, que, apenas as viu, as comprimontou com audaciosa cortezia.

—Duas! bradou elle com a voz um pouco titubeante, mas ambas lindas por minha fé. Qual d'essas deidades é a Melpomene, a musa da tragedia? Vamos, fallem, minhas sylphides, quero conhecer a voz arrebatadora que me enlevou ha pouco.

—Fecha a janella, menina, fecha a janella, dizia Anninhas toda tremula.

—Deixa estar, tornou Thereza, que mal nos faz o homem? Tens medo que elle nos tome a janella por escalada?

—Mas não vês que está ebrio? insistiu Anninhas.

—Peior para elle, que temos nós com isso?

—Não murmurem entre si, meus rouxinoes, que vozes suaves como a que escutei, não as fez Deus para segredinhos. Ah! não querem revelar-se? Pois eu vou adivinhar, que sempre tive geito para propheta. A Melpomene, a Clairon, a Lecouvreur, é essa de olhos negros e brilhantes como noite estrellada. Essa é que é a Phedra, e eu protesto que, se ella quizer, não serei Hippolyto.

—N'uma coisa se parece com Hippolyto, sr. adivinho, exclamou Thereza rindo e debruçando-se mais da janella.

—Menina, então, por amor de Deus! murmurava Anninhas toda trêmula, e procurando arrancar Thereza do peitoril.

Mas Thereza repelliu-a, sem lhe responder.

—Em que, minha deidade? perguntou lá de baixo o atrevido passeiante nocturno.

—Em ter por inimigo Neptuno... o deus da agua.

E, dizendo isto, e rindo ao mesmo tempo, Thérèza ia fechar a janella, com grande jubilo de Anninhas, quando a voz do passeiante a suspendeu:

—Por quem é, minha adoravel epigrammatisadora, não feche a janella assim. Conversemos.

—As noites de luar são frias, e, se fazem bem aos que teem a cabeça quente, constipam quem não está n'esse caso.

— Olhe que espero aqui a aurora.

— E a ronda.

— A ronda, desanco-a em sua honra, adoravel Lecouvreur.

— Viva o D. Quixote! Pois olhe, divirta-se com ella, que ahí vem os quadrilheiros.

Effectivamente ao cabo da rua appareciam já as par-tazanas da ronda e a inevitavel lanterna de furta-fogo do alcaide.

— Se promette ficar na janella, eu prometto varrer a rua.

— Vejamos isso!

E Thereza conservou a janella entre-aberta.

— Menina, exclamava Anninhas já seriamente zangada, isto é uma loucura, uma leviandade imperdoavel. Faze o que quizeres, quando estiveres só, mas não me tornes tua cumplice.

— Já passou o perigo, louquinha, tornou Thereza rindo, não vês que a ronda vem ahí e leva para o Tronco o meu admirador?

N'esse ponto enganou-se a previsão de Thereza. A ronda veiu, é certo, e o alcaide chegou a tradicionl lanterna ao rosto do desconhecido, que levára a mão ao punho da espada.

— Quem é e o que faz aqui parado? perguntou o zeloso guarda da segurança da cidade.

— Sou um homem que gosta de saborear sosinho nas ruas que escolhe os encantos do luar; portanto a senhora ronda que tenha a bondade de passeiar por outros sitios.

— Vossê insulta a justiça d'el-rei? Quadrilheiros, cerca!

— Não a insulto, arrumo-lhe.

E, juntando a acção ás palavras, com um redemoinho da espada, o desconhecido fez uma larga praça diante de si. Duas pranchadas applicadas com alma n'um quadrilheiro, o fio cortante da catana travando conhecimento com as orelhas do alcaide, e fazendo d'elle um

segundo Malcho, a audacia e o desembaraço do valentão em breve pozeram em célere fuga os pacíficos veladores pelo socego de Lisboa.

Thereza a pouco e pouco fôra abrindo a janella, e, arrastada pelo seu enthusiasmo, acolhêra com palmas a fuga da ronda.

—A minha recompensa agora, disse o desconhecido approximando-se, em voz baixa.

Anna, offendida com a insistencia de Thereza, afastára-se d'ella e fôra sentar-se junto da mesa em que se tomára o chá. Thereza portanto estava sósinha á janella.

—Recompensa! disse a *coquette* menina, por espancar dois quadrilheiros! Já vejo que, em vez de ser D. Quixote, não é mais que Sancho Pança.

—Eu lhe provarei que não sou nem uma coisa nem outra, respondeu o desconhecido, porque subo á janella e furto-lhe um beijo dos labios motejadores.

E, sem tardar, ia fazer o que dizia, quando Thereza, sentindo passos approximarem-se, debruçou-se, deixou cair o lenço que tinha na mão, e murmurou:

—Guarde esse lenço em memoria minha, mas fuja que me perde.

E, retirando-se, fechou a janella. .

—Ahi está um homem, disse ella rindo ás gargalhadas para Anninhas que a contemplava com frieza, que vai devorar com beijos o lenço que eu lhe dei, e que julgará que fiquei louca por elle. E eu, se o vir amanhã, nem sequer o conheço.

—Deste-lhe o lenço? exclamou Anninhas levantando-se indignada.

—Que remedio! Querias que elle me escalasse a janella?

—Ahi está o resultado da tua culpada garridice. De concessão em concessão chegaste a dar a um desconhecido, a um ebrio, uma prova d'amor que o Luiz talvez nunca alcançasse de ti.

—Sabes que mais, Anninhas? tornou Thereza fran-

zindo o sobr'olho. Dispensó os teus sermões, e acho que te interessas muito pelo sr. Luiz Correia. Não me consta que elle te dêsse procuração, ou te escolhesse para advogada, E, ainda que assim fosse, eu é que não abri tribunal para estar obrigada a aturar as importunidades da advocacia.

N'este momento batiam uma forte aldravada no portão da casa.

—Não te importunarei mais, disse Anninhas com as lagrimas nos olhos, porque, se me não engano, ahí vem o meu criado buscar-me e não voltarei decerto a incomodar-te.

—Oh! que amiga esta! exclamou Thereza desatando a chorar, que amiga esta que não me comprehende nem me desculpa o genio! que não vê que eu gosto de rir e de brincar, mas que no fundo sou uma pobre rapariga que não desejo senão que me estimem. Não voltes cá! não voltes cá, tu que és o meu anjo da guarda, e abandona-me ao meu estouvamento. Depois...

—Depois, acudiu Anna commovida e correspondendo aos affagos da sua amiga, depois tu és uma doidinha que has-de accusar-me, quando não terás feito outra coisa senão repellir os meus conselhos. Está bom! está bom! mas não nos apartemos zangadas, porque eu sou deveras tua amiga! e sobretudo, Therezinha, tem dó d'aquelle pobre Luiz que morre por ti.

—Ter dó d'elle! Mas eu amo-o; que mais queres tu?

—Amal-o, sériamente?

—O mais sériamente que é possível. Não se póde amar Luiz de outro modo.

—Menina Anninhas, menina Anninhas, disse a criada chegando á porta com os olhos cheios de somno, olhe que estão ali o Francisco mais o Joaquim que a vêm buscar. A sua mãesinha diz que está com muito

susto, porque diz que houve ahí não sei que barulho na rua, que fugiu a ronda. Ó Pae do céu! eu cá não ouvi nada e mais estava a lavar a loiça, e a cozinha tem janella para a rua. Estou que não foi aqui.

—Não foi, não, Dorothea, acudiu Thereza sorrindo-se maliciosamente, nós tambem não ouvimos coisa alguma, apesar de estarmos todas trez acordadas, não é verdade, Dorothea?

—Ai! eu cá por mim ainda hoje não preguei olho, e mais não é o somno que me falta, mas primeiro que tudo a obrigação.

—Está visto, respondeu Thereza rindo.

A esse tempo já Anninhas se preparava para sair, e interrompia o dialogo, perguntando:

—A sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus?

—Ai! menina, acudiu Dorothea, essa rezou as suas orações e foi-se deitar. Disse que pedissem desculpa á menina, mas que estava muito cansada.

—Fez bem, fez bem, nem eu quero incommodal-a.

E, voltando-se para Thereza e abraçando-a, Anninhas disse-lhe em voz baixa:

—Lembras-te do que prometteste? Não sejas cruel com os que te adoram.

—Tu é que lhe podias prestar um serviço, redarguiu Thereza no mesmo tom; porque naturalmente o meu admirador está namorando a minha janella, vê-te sair, segue-te, e está o Luiz livre de um rival que eu não conheço.

A vaidade illudira a gentil menina. Quando Anninhas saiu, a rua estava deserta. Havia muito que o desconhecido se ausentára. Apenas recebeu o lenço, e viu fechar a janella, o seu primeiro movimento foi vêr se havia no objecto que recebera algum signal revelador da gerarchia da dona. Apenas encontrou uma inicial *T*, sem corôas aristocraticas.

—Burgueza, *coquette*, sabendo francez, e dizendo como uma verdadeira artista versos de Racine! Oh! que

**magnifica Pompadour se arranjava aqui ! Será bom não perder a morada.**

**E, depois de ter olhado com attenção em torno de si, para tomar bem os signaes da habitação de Thereza, o desconhecido, já com a cabeça completamente desembaraçada dos fumos do vinho, afastou-se trauteando indifferentemente uma melodia qualquer.**



## V

### A partida

Não deixou o aventureiro desancador da ronda de passar por mais de uma vez pela rua onde morava Thereza, mas, devemos dizel-o em honra da travessa engeitada, não conseguiu nunca vê-la á janella. Ou fossem remorsos da sua imprudencia, ou fosse resultado dos amigaveis conselhos de Anninhas, é certo que Thereza conservava-se recatada no fundo do seu quarto, e dominára-se a ponto de nem sequer espreitar pelos vidros, para vêr se o seu desconhecido admirador lhe viêra rondar a casa. Até se mostrava mais affectuosa com Luiz, ouvia com attenção as suas lições, e correspondia com ternos sorrisos e meigos olhares ás timidas declarações do seu apaixonado mestre. Não tardou porém a voltar o aborrecimento que a consumia, e a sua organização ardente tornou a revoltar-se contra o viver pacato e sereno da casa em que habitava.

Um dia recebeu D. Maria de Jesus um convite para uma partida ou assembléa, como se dizia então, em casa de uma senhora das suas relações que, viuva de um commendador de Christo, casára em segundas nupcias com um negociante, cujos medianos haveres tinham já quasi todos desaparecido no vortice das pretensões fidalgas de sua esposa. D. Mafalda Rita Pessanha de Sá não fallava senão no seu marido commendador, e tratava com sobranceiro desdém o seu segundo esposo Gil Coelho, apesar da genealogia que elle encommendára a um faminto erudito, versado em sciencia heraldica, e que o fizera descendente de Pero Coelho, o assassino de Ignez de Castro, com a mesma facilidade com que o seu cozinheiro ensopava um dos seus homonymos da coelheira. Nem D. Maria de Jesus, nem Luiz Correia de Mello gostavam d'esta pretenciosa familia, e tinham até remorsos de concorrer, com a sua ida á assembléa, para o apparatus que Gil Coelho desenvolvia n'essas solemnes occasiões, e que lhe emmagrecia cada vez mais a bolsa.

Comtudo Thereza instou tanto e tanto, mostrou-se tão desejosa de ir á partida, que Luiz, sempre obediente aos caprichos da sua adorada Therezinha, pediu a D. Maria de Jesus que não privasse d'aquelle divertimento a pobre menina que tão retirada vivia. D. Maria de Jesus cedeu e mandou dizer a D. Mafalda Rita que aceitava o convite.

Não tardaram as consequencias. Mal tivera tempo o gallego de levar a resposta, e já estava de volta com um novo bilhete. D'esta vez era Gil Coelho que escrevia a Luiz Correia. O negociante, que abandonára o commercio por causa das fidalgas pretensões da sua cara metade, via-se forçado agora a mandar pedir oito castiças e a competente thesoura de vellas, tres duzias de chicaras, e a victima escolhida para o emprestimo era o nosso official. Sorrindo-se da loucura do pretencioso afidalgado, Luiz deu ordem a Dorothéa, que resmungou muito, antes de obedecer, para que arrumas-

sem na teiga os objectos pedidos, e, apenas caiu a noite, D. Maria de Jesus, Therezinha e Luiz, precedidos por um criado com archote, dirigiram-se para casa de D. Mafalda Rita, que morava na rua dos Escudeiros.

Apenas chegaram á porta, veio logo buscar-os o filho mais velho da dona da casa, moço aperaltado, cujo formidavel rabicho e cuja enorme gravata attestavam a sua fiel obediencia ás leis da imperiosa moda. Offerecendo um dos braços a D. Maria de Jesus, outro a Therezinha, entrou com ellas na sala onde já estavam reunidas bastantes pessoas. A formosura de Therezinha produziu immediatamente a impressão que ella estava habituada a causar a todos os que a viam. Logo differentes peraltas se approximaram para a cortejar, emquanto Gil Coelho se approximava de Luiz Correia para lhe agradecer.

—Os tempos vão maus para a gente nobre, dizia o honrado tendeiro que fôra fornecedor da casa de D. Maria de Jesus, e que apesar d'isso fallava com todo o desembaraço na sua illustre prosapia, os tempos vão maus para a gente nobre. Ora veja o sr. Luiz Correia, emquanto eu me esquecia da minha nobresa, e tratava de ganhar a vida como qualquer mechanico, trazia sempre a bolsa bem fornecida. Quando pretendi honrar os meus illustres ascendentes e viver á lei da nobresa, parece que fugiu de mim a fortuna. Ó males de Pero Coelho!

—É singular, observou Luiz Correia sorrindo; quando o meu amigo nos fazia a fineza de nos mandar para casa o assucar e a manteiga, nunca nos constou que tivéssemos a honra de ser freguezes do descendente de um homem a quem fôra o coração arrancado pelas costas.

—É verdade! é verdade! pois isso tambem descobriu-se depois, tornou Gil Coelho um tanto embaraçado. Revolvendo uns papeis velhos lá de casa, vim a saber que Pero Coelho tivera um filho em Hespanha, o qual casou com uma acafata de Isabel a Catholica...

—De Isabel a Catholica! Safa! Já devia ser bem velho quando tal lhe succedeu!

—Lá a idade não vem nos pergaminhos. Teve elle um filho que veio para Portugal quando cá estiveram os Hespanhoes.

—Quando cá estiveram os Hespanhoes! O que! no tempo dos Philippes?

—Exactamente: no tempo dos Philippes, tornou Gil Coelho imperturbavel. Mas o neto de Pero Coelho lembrou-se que era portuguez e foi um dos que deram cabo de Miguel de Vasconcellos.

—De Miguel de Vasconcellos! acudiu Luiz Correia. Pois, meu caro amigo e sr. Gil Coelho, uma coisa tem de notavel a sua familia é que em quatro passadas atravessa a historia toda.

E Luiz Correia, que não podia já conter uma forte vontade de rir, afastou-se de Gil Coelho para ir apertar a mão ao seu parente e amigo o poeta que havia depois de contar n'uma comedia, que não tem aliás grande merecimento, estes ridiculos das assembléas.

—Por aqui tambem, Garção? disse-lhe elle.

—Que remedio! Se recusasse o convite, havia de embaraçal-os, coitados, para me pedirem emprestado um quartinho de que precisavam.

—Tristes manias de nobresa que hão de perder esta gente. E então o Gil Coelho não se contenta com o ser marido de uma mulher nobre, quer tambem ter elle nobresa propria.

—Meu amigo, é esse o costume; veja o Jorge Dandin de Molière.

—O nome de Molière lembra-me outro episodio não menos curioso, é que o Gil Coelho, como o M. Jourdain do *Peão fidalgo*, havia quarenta annos que...

—Fazia prosa sem o saber?

—Não, mas era fidalgo sem dar por isso.

—O que só prova uma coisa.

—Qual?

—A sua ignorancia na arte da cozinha.

—Porque?

—Porque não sabia que o coelho como é melhor é com molho de villão.

N'este momento o dono da casa, que estava dando pasto á palestra dos dois amigos, approximou-se d'elles trazendo uma carta na mão.

—Vá, sr. Garção, exclamou elle, trata-se de jogar uma partidinha de whist. Eu quero que todos hoje aqui se divirtam. Ha-de-se lançar uma cã fóra. Ha-de haver fandango para os dançadores, e chá com doces delicados, e cravo que temos um excellente que o doutor Mascarenhas me empres... quero dizer que o doutor Mascarenhas me louvou muito, e elle é entendedor, como sabem. Vem a filha, a Mafaldita que é afilhada de minha mulher, e que canta divinamente. E logo havemos de ter motes e glosas, e então para isso é que eu não dispenso o meu caro sr. Garção. Mas agora não o quero para poeta, quero-o para parceiro do whist, e olhe que no jogo ha plena liberdade. Póde-se ralar, gritar, desconfiar, tudo em boa paz, é claro. *Allons, allons*, viva a joia!

—Dispense-me por emquanto, e, se faltar parceiro, cá estou ao seu dispôr, tornou Garção.

—Bem! bem! não quero violentar pessoa alguma. Ao sr. Luiz Correia não offereço carta, porque esse já eu sei que não joga. Nada! aqui não ha etiquetas. *Allons, allons*, conversem e viva a joia!

—Quem é esta joia a quem elle dá tantos vivas? perguntou Luiz Correia rindo, quando o dono da casa se afastou.

—O que! pois não percebeu?

—Eu não. Como queria que percebesse?

—Então o sr. Gil Coelho, que é homem da moda, e que sabe que é indispensavel a um fidalgo, que dá partidas, saber dois dedos de francez, arranha tambem na lingua de Molière, e diz *Allons* que não sabe o que é, e *vive la joie* que elle imagina ingenuamente que significa: Viva a joia.

Ainda Luiz Correia se ria do francez do amphytrião,

quando houve grande rumor na sala. Entrava o doutor Mascarenhas, e sua filha a sr.<sup>a</sup> D. Mafalda, afilhada da muito alta e muito poderosa dama D. Mafalda Rita, descendente em linha recta do celebre Manuel Pezagno, chamado de Genova a Portugal pelo sr. rei D. Diniz, a qual poderosa dama se dignára ser madrinha da filha de um burguez, porque esse burguez matára de graça o commendador de Christo, que tivera o duplo infortunio de ser marido de D. Mafalda Rita e cliente do dr. Mascarenhas.

Estas informações eram dadas a Luiz Correia pelo seu parente Garção, já mais conhecedor da casa; enquanto os dois visitantes assim conversavam, entrava em scena um novo personagem, que chamou immediatamente a attenção de Luiz Correia.

Era um homem em plena flôr de mocidade, porque não podia contar mais de vinte e cinco ou vinte seis annos, mas via-se que já abusára da vida, porque os excessos tinham-lhe deixado na fronte o seu estygma indelevel. Os olhos negros estavam comtudo cheios de luz, e revelavam uma intelligencia viva, mas havia nos seus labios firmes, reveladores de uma vontade energica e decidida, um sorriso sarcastico e cruel que dava á sua physionomia uma expressão profundamente antipathica. Outras vezes, porém, o olhar, ameigando-se, illuminava o seu rosto moreno com viva luz, e dava-lhe um irresistivel encanto. Era incontestavelmente um homem perigoso.

Passando junto de Garção, este cumprimentou-o, chamando-lhe D. Carlos.

Entre o poeta e o recém-chegado trocaram-se algumas palavras banaes, o que deu logar a que Luiz Correia notasse que o tal Carlos tinha uma accentuada pronuncia hespanhola.

D. Carlos afastou-se d'ahi a um instante depois de ter lançado a Luiz Correia um olhar perscrutador e de ter trocado com elle um frio cumprimento.

— Quem é este homem? perguntou Luiz Correia a Garção.

—Meu amigo, tornou o poeta, acaba de me fazer uma pergunta que certamente entraria no rol das que a Esphinge dirigriria a Edipo, se, em vez de viver em Thebas, vivesse em Lisboa no seculo XVIII. Quem é este homem? Mysterio. É D. Carlos, D. Carlos de Mendoza, a quem eu antes chamaria D. Carlos de Alfarache, por que o julgo mais parente do Guzman do romance picaresco do que dos Hurtados de Mendoza, de quem se prêsa de descender. É certo que vive em Lisboa, á larga, das suas rendas, diz elle. Joga forte, apparece em toda a parte, tem uns grandes ares de senhoria, visita o ministro de Hespanha, dá-se bem com o nuncio, e, o que é ainda mais notavel, é bem acolhido em S. Roque e em Santo Antão, e não o põem fóra de casa de Sebastião de Carvalho. Emquanto a mim está ali simplesmente um industrioso explorador das algibeiras do proximo, se não mais alguma coisa; mas devo-confessar ao mesmo tempo, que, se a minha opinião não é errada, poucas vezes se reuniram em homens de esphera tão desprezivel tão raras e tão altas faculdades. Parece que viajou muito, e que foi assim que o seu espirito intelligente reuniu um grande cabedal, porque, ao passo que mostra um conhecimento profundo das litteraturas modernas, principalmente da franceza, não pôde occultar a sua ignorancia em tudo o que respeita a letras classicas. Sabe de cór Boileau e Racine, mas não é capaz de entender um hemistichio de Virgilio. Aqui tem, meu caro Luiz, o que eu lhe posso dizer a respeito do sr. D. Carlos de Mendoza, que está agora mesmo, ao que vejo, comprimentando a sua Therezinha.

Effectivamente D. Carlos de Mendoza, depois de ter apertado a mão a Gil Coelho e aos filhos da casa, dirigiu-se á sr.<sup>a</sup> D. Mafalda Rita, que conversava com D. Maria de Jesus, e fez-lhe um cumprimento amabilissimo e requintado. D. Mafalda apresentou logo o recém-chegado á mãe de Luiz Correia, e por consequente a Therezinha que estava junto d'ella. Ao vél-o,

Thereza estremeceu; não lhe era desconhecida aquella audaciosa physionomia. D. Carlos sentou-se ao pé das senhoras, e encetou com ellas uma conversação que não podia deixar de agradar á piedosa D. Maria de Jesus. As suas viagens tinham-n'ó levado a Roma e dentro em pouco, por uma série de habeis transições, D. Carlos narrava a sua visita ao Vaticano, e captivava D. Maria de Jesus com a descripção dos devotos sanctuarios que vira na capital do christianismo. Enquanto conversava com D. Maria de Jesus, Theresa sentia-se invencivelmente attrahida para elle, e tanto que mal dava attenção á Mafaldinha de Mascarenhas, que a atormentava com frivolas perguntas. Mas esteve quasi a soltar um grito, quando D. Carlos, por um movimento natural, tirou um lenço para se abanar, porque havia calor na sala, e, desdobrando-o, deixou ver a Thereza uma inicial bordada n'uma das pontas e que não era outra senão um *T*. Thereza tinha diante de si o desconhecido de uma das noites antecedentes, o homem com quem ella tão imprudentemente *coqueteára*.

Garção notára, como vimos, que D. Carlos se dirigira a Therezinha, e Luiz Correia não gostára, depois do que acabára de ouvir, de que elle se introduzisse na intimidade da sua familia. Não havia comtudo motivo para fazer um escandalo, e Luiz não pôde impedir que D. Carlos, depois de conversar largo tempo com D. Maria de Jesus, tirasse com toda a gravidade Thereza para seu par, n'uma d'essas danças inglezas que principiavam a introduzir-se em Portugal, e que, sendo na sua patria primitivamente danças de campo *country-dance*, a pouco e pouco passaram a ter entrada especial nos mais nobres salões.

Thereza porém é que ia como que arrastada e trémula pelo braço do seu par. D. Carlos exercia positivamente sobre ella uma estranha fascinação. Quizera primeiro resistir, e allegára que não tinha o minimo conhecimento d'essas danças estrangeiras, mas D. Carlos insistira tão amavelmente, de tal modo affirmára que es-



tavam no mesmo caso as outras damas, e que elle seria seu mestre, que D. Maria de Jesus, cada vez mais enlevada nos modos suaves de D. Carlos, foi a primeira a insistir com a afilhada para que accedesse ao convite do elegante moço.

—Os momentos são curtos, disse-lhe elle no primeiro instante que lhe deixaram livre as figuras da dança, e quero aproveitá-los todos. Amo-a desde essa noite em que a ouvi declamar versos de Racine com tão pura voz e tão apaixonada expressão. Guardo o seu lenço preciosamente em memoria sua, como me disse. Não sei se me tem amor ou não, sei que ha-de forçosamente amar-me.

—Ora essa! acudiu Thereza que depressa recuperára a sua habitual desenvoltura; quer ter a bondade de me dizer porque?

—Porque os nossos olhos comprehenderam-se depressa, porque, por mais que desejemos occultar os nossos verdadeiros sentimentos, elles hão de sempre manifestar-se mutuamente. Póde baixar os olhos com toda a modestia, póde affectar por moda a denguice d'essas donzellinhas parvoas que a rodeiam, não me illude, da mesma fórma que eu não consigo illudil-a, ainda que falle por duas horas, com os modos mais compungidos, em Nossa Senhora do Monte do Carmo e nos bentinhos do Padre-Santo.

—Mas, exclamou Thereza que não sabia se devia offender-se, se lisongear-se com tão estranha declaração, o que suppõe que eu sou?

—Uma mulher superior.

Nos olhos de Thereza brilha um relampago de triumpho.

—Engana-se, tornou ella apagando rapidamente essa expressão que lhe fulgira no olhar e dando á voz um tom de profunda tristeza, sou pelo contrario inferior a todas as meninas que me rodeiam, porque ellas... conhecem seus paes, e eu sou... engeitada.

—Já o sabia! tornou D. Carlos, e isso ainda mais me impellia a adoral-a. Engeitada! o que quer dizer

essa palavra? Quer dizer: filha do amor e do mysterio. E assim já entrou no mundo com a fronte aureolada de um nimbo de poesia, que não fez senão condensar-se cada vez mais em torno de sua formosa cabeça. Engeitada? quem sabe? filha talvez de uma aventura régia, e com certeza nascida não de uma ligação banal e estúpida, mas pelo menos de uma hora de radioso capricho. Será isso o que dá ao seu talento esse character apaixonado e ideal, que a colloca tanto acima de todas essas burguezas recitadoras de versos, e até mesmo de todas essas pifias actrizes que vão para ahí arrulhar n'esses miseraveis tablados as insulsas rondilhas das comedias hespanholas. Será isso talvez que dá também á sua formosura esse character estranho e fascinador, que a transforma não só n'um sol que illumina, mas n'um sol que devora e queima. E eu sinto-me abrazado pelos seus raios, arrastado na orbita da sua indefinivel attracção. Declaro-lhe desde já que, se não accenta o meu amor, faço mil loucuras para a possuir, que a vou arrancar, á luz do dia, á casa burgueza em que se refugiou, que deito fogo ao bairro em que mora para fugir levando-a commigo por entre as chamas, que devem acariciar-nos sem nos tocar, porque nós ambos temos a organização das salamandras, que no fogo vivem, no fogo amam, e no fogo morrem.

—Não seria a primeira vez que me salvariam de um incendio, murmurou Thereza meio sorrindo, meio suspirando.

—Ah! bem sei, allude ao facto de ter sido salva do hospital de Todos os Santos, pelo sr. Luiz Correia. Oh! mas esse não sei como não apagou o incendio, só de ter-se mettido por entre as labaredas. O sr. Luiz Correia é um pedaço de gelo escocez que por milagre appareceu nas margens do Tejo, e que o sol peninsular, se cumprisse o seu dever, teria derretido na hora do seu nascimento.

Thereza desatou a rir. Ao mesmo tempo findava a dança e D. Carlos tinha de a abandonar.

—Uma ultima palavra, disse elle com voz apaixonada, mas note que tem de me responder cathegoricamente, porque o tempo urge. Amanhã á meia-noite estou debaixo das suas janellas. Espera-me?

—Talvez, redarguiu ella com voz sumida.

Sentou-se. D. Carlos cortejou-a respeitosamente, e foi juntar-se a um grupo, em que figuravam o filho mais velho da dona da casa, Jorge Pessanha, e o doutor Mascarenhas.

O doutor era quem fallava, e, como elle tinha fama de engraçado, riam-se todos ás gargalhadas.

—Esta enfermidade, meus senhores, dizia o doutor, ataca a geração moderna, e consiste na lignificação dos cabellos, que se grudam, embaraçam a excreção cutanea, estagnam os humores, coagulam-n'os nas glandulas seriferarias, e trazem comsigo a morte. Ali o sr. Jorge tem já os symptomas d'essa terrivel doença.

—Eu, doutor? exclamou o interpellado com espanto, emquanto os outros se riam sem saberem de que, mas entendendo que o doutor estava a zombar.

—Tal qual! O peso da moleira já lhe produziu o enfraquecimento dos olhos, que o obriga a usar a luneta de um vidro, que o transforma em Polyphemo de nova especie.

—Mas a minha luneta?...

—Usa-a porque lhe é necessaria?

—De certo.

—Logo tem a vista fraca?

—Sem duvida.

—O que lhe produziu essa fraqueza? Investiguemos, e acharemos logo a doença terrivel, que o ha-de conduzir aos umbraes da sepultura.

Os circumstantes já se não riam, e olhavam embasbacados para o doutor, ao passo que Jorge Pessanha começava a nutrir sérias apprehensões, quando D. Carlos, entrando na conversação, exclamou rindo:

—Está prégando a surdos, doutor. Por mais que critique a moda dos enormes rabichos, e das lunetas,

o Jorge Pessanha e os seus consocios hão-de continuar a usal-as, e nem ao menos comprehenderão os epigrammas.

O doutor desatou a rir, e, dando o braço a D. Carlos, começou a passeiar com elle na sala, enquanto os seus ouvintes, magoados pela zombaria de que tinham sido victimas, se dispersavam, para saltarem no chá e nos doces que já principiavam a servir-se.

Depois do chá vieram os versos. Houve motes e glosas, e para isso, como era natural, procurou-se Garção, mas este esquivára-se prudentemente, deixando o campo livre aos poetastros.

D. Maria de Jesus, seu filho e sua afilhada, retiraram-se tambem, apesar das instancias de Gil Coelho, e da sua aristocratica metade, a sr.<sup>a</sup> D. Mafalda Rita, viuva de um commendador de Christo. Antes de se despedir, D. Maria de Jesus ouviu mais uma vez os protestos de respeitosa dedicação que lhe foram feitos pelo sr. D. Carlos de Mendoza, e concedeu-lhe graciosamente a licença que elle sollicitava para ir comprimental-a a sua casa, o que não impediu que Luiz correspondesse com um comprimento gelado á cortezia cheia de amabilidade que D. Carlos lhe dirigiu.

N'essa mesma noite Luiz teve com sua mãe uma pequena conferencia, e no dia seguinte, quando o esbelto D. Carlos de Mendoza bateu á porta da casa de D. Maria de Jesus Correia de Faria e Mello, a criada respondeu-lhe seccamente que tinham todos saído.

Ouvindo o que se passára, Thereza, que estava costurando, ergueu a cabeça, e perguntou:

—Não quer receber aquelle sujeito, que tanto lhe agradou na partida de D. Mafalda, madrinha?

—Não, menina.

—Foi o Luiz que teve escrupulos? tornou Thereza com um tom levemente ironico.

—Foi o Luiz que soube que esse viajante, que visitou o Vaticano, não era mais do que um valdevinos, perdido de vicios, sem meios conhecidos de existen-

cia, e incapaz de ser recebido em casa de senhoras honestas, redarguiu D. Maria de Jesus um pouco severamente.

— Ah! disse Theresa com mostras de indiferença.

E continuou a costurar.

N'essa noite porém, á meia-noite em ponto, quando já todos dormiam em casa de D. Maria de Jesus, abria-se primeiro a gelosia, depois a vidraça do quarto de Therezinha, e apparecia o vulto da gentil menina, que, debruçando-se do peitoril, encetava uma longa e animada conversação com um vulto masculino, que na rua esperava, havia meia hora, que a janella se abrisse.

Se não fosse o incidente d'essa manhã, talvez a janella se conservasse severamente fechada, mas Thereza tinha uma d'estas organizações indomaveis que a contradicção irrita, e que se lançam no abysmo exactamente quando sentem que alguém as quer sustar á beira do precipicio.

Era a fatalidade que operava.



## VI

### A fuga

Passaram os dias e D. Carlos nunca mais insistiu em vir procurar D. Maria de Jesus; mas, se a porta se conservava para elle cerrada despidosamente, a janella do quarto de Thereza é que todas as noites se abria ás mesmas horas, e todas as noites vinha D. Carlos enlouquecer a leviana menina com o ardor das suas palavras, com a audacia do seu amor.

Ninguem tinha a mais leve suspeita de semelhantes relações. Á meia-noite dormia a propria curiosidade das vizinhas. O quarto de Luiz ficava para as trazeiras da casa, de fórma que, ainda que o moço official velasse, lendo ou pensando, até tarde, nem por isso dava fé do que se passava entre a rua e a janella de Therezinha.

Prolongou-se esta situação durante alguns mezes.

Uma noite, nos fins de agosto, achava-se reunida toda a familia no jardim da casa. Anninhas e sua mãe, esposa de um modesto negociante da praça de Lisboa, tinham vindo tomar o fresco para o quintal da sua visinha e amiga, D. Maria de Jesus. A noite estava lindissima, no ceu brilhava a lua cheia com um esplendor immaculado, e recortava caprichosamente, no chão das ruas areiadas, a sombra dos caramanchões. Um leve sopro da aragem baloiçava as folhas dos arvores. Ao fundo do quintal, as janellas, abertas e illuminadas, da casa de habitação, alegravam com a sua luz risonha a frontaria onde se espraia a melancholica faxa do pallido luar. Sentadas n'um banco de pedra, D. Maria e D. Josepha, a mãe de Anninhas, conversavam uma nos negocios do seu homem e na lida da casa, outra nos arranjos da sua economica viuvez, e nos merecimentos do seu filho estremecido. Anninhas e Thereza palestravam para outro lado, mas a palestra esfriára. Thereza estava visivelmente preocupada, e Anninhas, percebendo isso, já por mais de uma vez metterá alguma observação sua na conversação das mamãs, afim de derivar para esse lado a sua attenção, e deixar Therezinha entregue aos seus pensamentos. Luiz passeiava, com as mãos atraz das costas, n'uma das ruas do jardim, e de vez em quando apanhava das roseiras alguma d'essas flôres purpureas, symbolo de saudade, apesar da sua opulencia garrida, porque são, afinal de contas, as ultimas rosas do verão, *the last roses of the summer*, como diz a suave canção escossea, que o maestro Flotow tomou para thema da sua encantadora *Martha*.

Por mais de uma vez se approximára do grupo das meninas, como se pretendesse dizer alguma coisa, e sempre, depois de breve hesitação, voltára ao seu passeio interrompido.

N'um momento porém em que se chegava a Therezinha, pareceu-lhe ouvir um flebil suspiro. Olhou para ella e viu que, absorta nos seus pensamentos, e



com os olhos fitos na lua, já nem dava attenção a Aninhas, que tambem, pela sua parte, parecia toda embevecida em escutar a conversação das senhoras mais velhas.

— Suspirou, Therezinha? disse elle em voz mansissima.

— Suspirei? tornou Thereza. Não; ou se o fiz, foi inconscientemente.

— Inconscientemente sim, não duvido, acudiu Luiz, porque em noites d'estas, com este luar tão claro, e com este silencio tão melancolico, o suspiro exhala-se involuntariamente dos labios, como a expressão das aspirações da nossa alma para o infinito e para a felicidade.

— Para a felicidade? murmurou Thereza. E onde estará ella?

— Onde? tornou Luiz com fogo. Aqui, Therezinha, aqui n'este placido asylo, n'esta bemaventurada serenidade. Ah! Thereza, ha pouco, passeiando ahi n'essas ruas em que se espraia o luar, acariciava eu loucamente não sei que vagos sonhos de ventura. Pensei que me seria doce viver aqui ao seu lado, ao lado de minha mãe, entre estas flores, estes aromas, estas claridades suaves do luar! Viver e morrer aqui! É o mais doce devaneio que um homem pode conceber. A ambição, a gloria, os esplendores do mundo podem ter desconhecidos encantos. Eu a tudo prefiro a felicidade do lar domestico, se uma mulher amada... adorada m'o quizer tornar suave e risonho.

Thereza calou-se. O seu olhar vago cravava-se na lua, e parecia perguntar-lhe o que havia de responder áquellas phrases apaixonadas.

— Nada me diz, Therezinha? perguntou Luiz docemente, mas com uma vaga inflexão de tristeza.

— Que lhe hei de eu dizer, meu amigo? tornou a interpellada. As suas palavras denunciavam-me que se está enganando a si mesmo, e que a bondade inexcedivel do seu coração o leva a querer disfarçar o sacrificio que

se impõe. Vê-me orphã, engeitada, fulminada por um estygma que todos sabem que pésa eternamente sobre a frente do desgraçado, que veio ao mundo trazendo consigo essa inexoravel fatalidade. Offerece-me a sua mão, como já por mais de uma vez me tem declarado o seu amor. Para disfarçar a sua generosidade, diz-me que prefere a tudo o socego do lar domestico, a ventura da familia. Mas essas felicidades não são incompativeis com os esplendores da vida. Pode aspirar a muito mais, Luiz. O seu nascimento, as suas qualidades pessoas habilitam-n'o a exigir mais na mulher a quem der a mão de esposo do que o simples e desacompanhado nome de baptismo, uns certos dotes de belleza, se por acaso a possúo, e umas prendas de espirito que são tambem obra sua. Hoje tudo isso lhe parece corrente e simples, porque está no pleno entusiasmo do sacrificio, mas virá um dia em que lamentará ter trocado a posição brilhante a que tinha direito de aspirar peló insi-gnificante preço da minha gratidão.

— Thereza, exclamou Luiz com fogo, mas em voz baixa, não quiz interrompel-a, porque não desejei que suppozesse que trato este assumpto irreflectidamente. Agora dir-lhe-hei, pois, com toda a serenidade, com a consciencia clara do que faço, que não ha n'este mundo para mim riquezas, glorias, triumphos que valham o seu amor. Que quer, Therezinha? Desde o momento em que a tomei nos braços n'aquelle horrivel 10 de agosto, entre as ruinas abrazadas do hospital, senti que a minha alma ficára captiva da pobre menina que se enroscára a mim como á ultima esperanza de salvação. Depois, vendo desabrochar aqui a sua intelligencia, fui-me prendendo cada vez mais, e percebi que o Senhor me fizera encontrar ao meu lado, ao alcance da minha mão, o ideal da minha vida.

— E sua mãe, Luiz? balbuciou Thereza, que não sabia o que respondesse.

— Minha mãe só quer a minha ventura, e minha mãe estima-a deveras, Thereza.

—Mas, se o Luiz não tem ambições, de certo as tem ella por si, ambições legítimas, santas ambições de mãe.

—Pois não a conhece, Therezinha? tornou Luiz. Não sabe que ella tem em mais conta a felicidade da familia, do que todos os esplendores do mundo?

Thereza abaixou os olhos e suspirou.

—Diga-me, Therezinha, insistiu Luiz, se as suas aspirações se ligam com as minhas, se deseja devéras unir á minha sorte a sua?

—Pois quer que eu lhe responda, assim... de subito... aqui?

—E porque não? Thereza, n'estas noites luminosas parece que vemos atravez da transparencia do ceu a face radiante de Deus, ouvimos aqui a voz suave de minha mãe, que é o que ha na terra mais santo e mais respeitavel. Jura-me, pois, que attenderá ao meu pedido e me concederá, como eu com tanto ardor lhe rogo a sua mão de esposa?

A voz de Luiz era meiga e supplicante. Thereza olhou para elle um momento em silencio; olhou para sua madrinha, cuja fronte limpida annunciava a tranquillidade da existencia, poisou os olhos n'esse jardim, que rescendia suavissimos aromas, onde se baloiçavam ao sopro tranquillo da viração as flores mimosas, em cuja corolla entre-aberta dormia o placidissimo luar. Depois relanceou os olhos para essa velha casa, tambem illuminada pela lua, e em cujos recessos intimos residiam, porque assim o digámos, a paz e a virtude. Um ideal, que até ahi desprezára sempre, pairou em torno d'ella, e houve um momento em que esteve quasi a ceder ás suas doces tentações, aos seus modestos encantos. A sua mão apertou ligeiramente as mãos tremulas de Luiz... mas de subito os olhos fulguraram-lhe accessos com brilho desusado, alguma imagem fatal lhe passou por diante da mente, para a arrojarem, com a sua voz de sereia, ao mar das tempestades. É certo que a

expressão dos seus olhos já não era a mesma quando respondeu a Luiz :

— Não tenho pae nem mãe, mas a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus dispõe de mim a seu bel-prazer. A sua vontade será a minha. E, por maior que seja a minha obediencia, nunca poderá pagar a divida do meu reconhecimento.

— Não lhe quero captivar a vontade com as suas obrigações de gratidão, Thereza. Quero que obedeça a minha mãe com animo jubiloso.

— Com animo jubiloso lhe obedecerei, respondeu Thereza com voz fraca.

Ainda não sabia mentir. Luiz, porem, é que era facil de enganar, como todos os homens sinceramente enamorados.

Levou a mão de Thereza aos labios, e afastou-se lentamente. Queria saborear, em intimo recolhimento, a sua felicidade.

— Sê feliz, Thereza, disse ao lado d'esta uma voz meiga e tremula.

Thereza ergueu a fronte e viu Anninhas, que se inclinava para ella com um sorriso nos labios, sorriso que pessoa menos preocupada devia julgar dilacerante.

— Feliz! respondeu Thereza com voz aspera e sarcastica. A felicidade não se vende como a roupa dos adélos, já cortada e feita; cada qual tem de a fabricar para si mesma se quizer que se lhe ajuste ao corpo.

— Que queres tu dizer? perguntou Anninhas com espanto.

— Quero dizer, respondeu Thereza, que percebêra a imprudencia das suas palavras, que o meu casamento com Luiz não se ha de realizar senão quando eu tiver a consciencia de que serei feliz com elle.

— Ainda o não percebeste? redarguiu Anninhas. Julgava-te mais perspicaz!

— E não sou tão pouco perspicaz como isso, acudiu Thereza rindo. Ainda sei perceber ao menos que, se Luiz não casar commigo, nem por isso precisará de ir muito longe para encontrar noiva.

—Juro-te, menina... balbuciou Anninhas toda córada e perturbada.

—Eu não proferi nomes, Anninhas, redarguiu Thereza com fingida ingenuidade. Não sei porque te defendes.

E, levantando-se logo, sem dar tempo á sua perturbada amiga para que respondesse, aproximou-se de D. Maria de Jesus, e disse-lhe gentilmente, beijando-a na testa:

—Dá-me licença que me recolha ao meu quarto, madrinha? Estou já sentindo frio.

—Vamos todos para dentro, Thereza, redarguiu a mãe de Luiz. É que effectivamente vae-se levantando vento, e no verão as constipações vem mais facilmente que no inverno, e custam mais a ir-se embora.

—É verdade, confirmou a sua velha amiga. Ainda hontem...

Seguiu-se uma longa historia de constipação desprezada que Thereza já não ouvia. Ligeira como uma sylphide, dirigiu-se para casa, e, passando junto de Luiz, que passeiava n'uma das alamedas, teve a crueldade de lhe poisar a mão no hombro, murmurando:

—De quem é o mote?

—O mote? tornou Luiz, olhando para ella com risinho espanto.

—Sim? não anda fazendo versos?

—Ando acariciando sonhos, Thereza.

—Sonhe, sonhe, poeta, o luar criou-se para os sonhos, mas depois do luar vem o sol que é a realidade.

—Se a realidade não fôr como eu a desejo, nunca me desamparem os sonhos, e só me abandone o luar, quando eu entrar na escuridão da campa.

—Melhor o ha de fazer Deus, senhor tenente, disse Thereza com meiga inflexão de voz, batendo de novo com a sua alva mãosinha no hombro do official.

E eclipsou-se, deixando ficar Luiz enlevado.

Porque tivera Thereza aquella recrudescencia de amabilidade? Porque Anninhas a contemplava de longe,

e ella sentia um cruel prazer em derrubar com a sua leve mãosinha os castellos phantasticos, que a pobre menina começára talvez a construir com as suas ultimas palavras.

Havia instinctos maus n'aquella alma contradictoria e inquieta.

.....  
 No dia seguinte pela manhã Luiz e sua mãe esperavam Thereza para almoçar. Era já tarde para os usos do tempo, e Thereza não apparecia. D. Maria de Jesus começou a assustar-se.

—Dorothea, disse ella para a criada, a menina ainda se não levantaria?

—Não sei, minha senhora, tornou a velha criada, mas parece-me que sim. A porta do quarto está fechada, mas lá dentro ha claridade, e até iria jurar que estão abertas as janellas de fora.

—Levantou-se tarde provavelmente, e está-se aranjando, acudiu Luiz que levára a noite mal dormida, e que acariciava a doce esperança de que as mesmas causas que o tinham conservado desperto haveriam obrigado tambem Thereza a prolongar a sua vigilia.

—Bem! disse D. Maria de Jesus. Pois n'esse caso, Dorothea, bata-lhe á porta, e diga-lhe que não esteja agora com apuros de toucador, porque eu e o Luiz já a esperamos ha muito.

Dorothea foi, e d'ahi a instantes tornou com uma cara muito espantada, dizendo que a menina não respondia, e que a porta estava fechada por dentro.

—Ora essa! exclamou D. Maria de Jesus.

—Eu vou ver o que é, disse Luiz fazendo-se pallido.

—Vou eu, filho...

—Mas minha mãe.... tornou Luiz com modo supplicante.

—Acompanhas-me para arrombar a porta, mas póde ser necessario que não entres.

Chegaram à porta do quarto de Thereza. Maria de Jesus bateu uma, duas, tres vezes, sempre com mais força. Silencio absoluto.

Então Luiz, muito pallido, com os dentes cerrados, exclamou :

— Minha mãe, succedeu aqui por força alguma grande desgraça. Sou homem, sou militar, estou costumado aos mais terriveis espectaculos. Reclamo o horroroso privilegio de ser o primeiro a conhecer a verdade, por mais triste que ella seja. Vou arrombar a porta. Retire-se por um instante, minha mãe.

— Não, Luiz, respondeu com firmeza D. Maria de Jesus, tenho tambem a sufficiente força d'alma para estes lances, e, emquanto eu fôr viva, não consentirei que entre antes de mim um homem no quarto de uma menina solteira.

Luiz curvou-se em signal de obediencia, e disse simplesmente :

— Dê-me então as suas ordens, minha mãe.

— Arromba essa porta, meu filho, e afasta-te por um instante.

Com um vigoroso pontapé Luiz arrombou a porta, e desviou-se apesar de sentir o sangue todo affluir-lhe ao coração.

— Cá não está pessoa alguma, disse D. Maria de Jesus, apenas relanceou os olhos pelo quarto. Entra, Luiz.

Luiz entrou com o coração a bater-lhe precipitadamente no peito, e viu o quarto completamente deserto. A cama indicava que Thereza se não deitára. Na janel-la, aberta de par em par, não havia signaes de arrombamento. Os objectos pertencentes a Thereza tinham desaparecido todos.

— Thereza fugiu ! disse D. Maria de Jesus com voz grave e triste.

— Fugiu ! repetiu Luiz machinalmente. Fugiu ! tornou elle com uma inflexão de profunda incredulidade na voz. Impossivel. Fugiu de quem ? Fugiu para onde ?

—Não sei, respondeu sua mãe, mas aqui está uma carta, que nos ha de dar de certo alguns esclarecimentos.

Pegou n'um papel que estava em cima da mesa, com o sobrescripto: «Ill.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus Correia de Faria e Mello». abriu-o e leu em voz alta o seguinte:

«Minha madrinha

«Saio pela janella com o homem a quem fecharam a porta de sua casa. Desejaria sair honradamente, claramente, mas eu nem podia forçal-os a receberem as pessoas que repelliam, nem podia fugir ao meu destino. Perdõe-me. N'este momento, em que tomo sem hesitar uma resolução tremenda, a unica coisa que me punge é a idéa de que vou talvez dar um desgosto aos meus bemfeitores. Pela primeira vez da minha vida sinto intimo jubilo de ser uma pobre creatura desamparada, que não tem um nome de familia para deshorrar. Pela primeira vez folgo de que a santa senhora, que me serviu de mãe, não o seja na realidade. Posso dar-lhe magua, mas não lhe lego vergonha.

«Magua? Magua tenho-a eu e bem profunda. As saudades d'esta casa hão-de-me seguir para toda a parte aonde eu vá, e agora mesmo que saio d'aqui, por minha livre vontade, para acompanhar o homem a quem entreguei o coração, não posso reprimir as lagrimas que me escaldam os olhos, e que me caem, baga a baga, sobre o papel. Eu sou uma desgraçada, minha querida madrinha. Hei-de sel-o sempre. Mas que quer? Não fui eu que fiz este meu genio voluvel, não fui eu que colaborei na fatalidade do meu destino. Sei que vou ser infeliz, presinto-o, e comtudo percebo que mão occulta me impelle. O porto é este, este que deixo, e onde ainda hoje tive como que a intuição de que me esperava a felicidade emboscada n'esses roseiraeas do jardim tão docemente banhados pelo luar. Mas eu nasci para as tempestades, e quer as domine, quer seja



ludibrio d'ellas, uma fatalidade irremissivel me obriga a arrojá-me ao seu seio.

«Não tenham pena de mim, não tenham que eu não mereço as lagrimas que os seus olhos chorarem. N'esse ninho de pombas educaram, sem o saber, um milhafre; nem eu posso fugir aos meus instinctos, nem podiam tambem aqui satisfazel-os, nem sequer comprehendel-os.

«Diga ao Luiz que o estimo quanto se pode estimar um homem que se não ama. Não podia porém amal-o. Foi elle que o não quiz entender assim. Eu tinha por elle um respeito, uma veneração incompativeis com o amor. Ah! mas pôde acreditar-o: Se na vida em que me vou lançar alguma coisa pôde ainda consolar-me, encher-me de orgulho, exaltar-me aos meus proprios olhos, é o pensamento de que, indigna como sou, pude todavia um momento inspirar sincero amor a tão grande e tão nobre alma.

«Levo d'essa casa, como ultima esmóla, os objectos do meu uso. Devo-lhes tudo: a vida a Luiz, que me salvou d'aquelle horroroso incendio... e porque me não deixou elle morrer então? o saber, o sustento, o carinho. Eu pago-lhes com esta ingratição tão negra! Ah! se podesse provar-lhes que não sou ingrata, que desejaria mostrar-lhes, sendo sua serva, sua escrava, que não esqueço os beneficios que recebi!... Mas o que não posso sacrificar-lhes é a independencia dos meus instinctos, o meu selvagem desejo de respirar a plenos pulmões o ar tempestuoso do mundo. O que não posso é ser sua filha, minha querida madrinha, sua esposa, Luiz!

«Peça á Dorothea que me perdôe as irritações do meu mau genio, os incommodos que tantas vezes dei á boa mulher. Perdôe-me tambem, minha boa madrinha, e lance-me pela ultima vez a sua benção. Sou indigna d'ella, bem sei, mas Jesus ordena que se abençoem os bons e os maus, porque a benção, que se lança aos que d'ella são indignos, volta para os que aben-

çôam. Perdôe-me o Luiz, perdôe-me o mal que eu respondi ao seu nobre affecto, e creia que sentirei um verdadeiro jubilo, quando souber que uniu a sua sorte á de alguma santa menina, bem digna d'elle, e capaz de comprehender os thesouros que se encerram na sua nobre alma. Esse anjo tem-n'o talvez junto de si!...

«Adeus, todos, todos os que me foram caros. As lagrimas suffocam-me. Adeus! Á noite quando, reunidos no oratorio, rezarem, na placidez sagrada do seu lar domestico, pelos infelizes, por todos os que andam sobre as aguas do mar, rezem tambem, almas piedosas e santas, rezem tambem por esta desgraçada que vae affrontar... Deus sabe que tempestades.

«Beijo, humildemente ajoelhada a seus pés, a fimbria do seu vestido.

«Perdão, minha adorada madrinha, perdão e adeus!

«THEREZA.»

Quando D. Maria de Jesus acabou de ler a carta com a voz embargada pelos soluços, choravam todos. Dorothea, escondida a um canto do quarto, limpava os olhos com o avental, e murmurava:

—Coitadinha da pobre menina! Tambem se lembrou de mim.

Luiz, pallido e convulso, mordia os beiços brancos para não irromper n'uma torrente de pranto.

D. Maria de Jesus debalde procurava reprimir os soluços.

—Então! dizia ella affectando firmeza. Acabou-se. É mais uma ingrata. Foi uma vibora que aquecemos no seio. Que se lhe ha-de fazer? Tambem, assim como assim, ella não era nossa filha. E não foi nossa a culpa. Tinha aqui tudo quanto lhe era necessario. Nunca lhe faltou coisa alguma, não é verdade, Dorothea?

—Ah! de certo, minha senhora. Ella aqui tinha o seu comersinho, o seu bom fato... a sua caminha fôfa que ella alli está que se póde ver...

—E muito amor, sobretudo, Dorothea, interrompeu

D. Maria de Jesus, muito amor de todos nós que lhe queríamos como ás meninas dos nossos olhos... Então! Paciencia! Nunca teve aqui maus exemplos! E desprezou o amor de um homem de bem, para seguir... eu sei lá... algum valdevinos...

—Coitadinha! tornou a criada. Deus queira ao menos que ella não passe fome.

—Antes passe fome, Dorothea, antes do que tenha banquetes onde coma com ella á mesa, em baixella de oiro, a deshonra... Então, Luiz, vamos! coragem! Era indigna de ti, filho, bem vês! Foi Deus que nos salvou, que nos abriu os olhos emquanto era ainda tempo.

—Se ella fosse ser feliz ao menos, minha mãe, resignava-me eu, mas....

—Mas vae ser desgraçada, vae, ella bem o diz coitadinha, nem se pôde ser feliz quando se perde o temor de Deus. Que se lhe ha de fazer agora? Rezemos por ella, filho!

E a boa senhora, ajoelhando lavada em lagrimas, começou a rezar, imitada logo pela Dorothea, emquanto Luiz, em pé e encostado ao leito de Thereza, desaffogava emfim em lagrimas a dôr que o opprimia.

Então Maria de Jesus, approximando-se, e encostando a cabeça d'elle ao seu peito, como se fosse ainda a creancinha, cujos prantos infantís ella assim conseguia estancar, murmurou:

—Filho! então! É este o primeiro desengano da tua vida? é o primeiro espinho que encontras? Ah! quem me dêra que fosse o unico! Meu santo filho, consolate. A paixão ha-de-se-te esvair, porque não se pôde conservar por muito tempo, quando se reconhece que é indigna d'ella a mulher que a inspirava. Agora tens ainda o peito de tua mãe para n'elle verteres as tuas lagrimas, tens ainda os meus beijos para t'as enxugarem, e a dôr que sentes hei-de dulcificar-t'a, porque essas lagrimas são as da tua primavera, e tens diante de ti ainda um largo futuro, e outros amores não tar-

darão a vir apagar a lembrança d'este mal empregado affecto. Aqui estou eu tambem, Luiz, que amava essa pobre rapariga como minha filha, como a filha da minha velhice, que tinha arranjado a este ultimo affecto um ninho no meu coração, que nunca, nunca mais torna a encher-se. E consolo-me, bem vês? E consolo-me porque... porque tu ainda me restas, tu em quem eu concentrarei todos os meus affectos. E comtudo, filho, vês? Eu estou já na idade em que ha saudades, e não ha esperanças, em que as rosas que morrem não tornam mais a florescer. Tu tens-me a mim, e tens o futuro, a mocidade. Foi o primeiro desengano, e sabe Deus quantas illusões e quantos desenganos terás tu ainda, filho!

Acalentado por estas doces palavras, Luiz reprimiu aquelle insoffrivel frouxo de lagrimas, que o salteára, e, dando o braço a sua mãe, exclamou:

— A sua branda palavra, o seu meigo affecto de tudo consolam, minha querida mãe. Mas o futuro... oh! o futuro... Já é tarde para o reconstruir.

— Tarde! Criança! Estás na primavera da vida e já fallas como se viesse proximo o inverno!

Luiz abaixou a cabeça sem responder.

— Minha senhora, disse Dorothea com a familiaridade dos criados velhos, isto de tristezas ha-de remediar-se, e uma pessoa não é de lagrimas que se sustenta. O almocinho está na meza, e assim como assim, o que lá vae lá vae, e o que não tem remedio remediado está.

— Sim, sim, Dorothea, nós já vamos.

Dirigiram-se para a casa de jantar. A meza estava ainda como a tinham deixado, com tres talheres sobre a toalha alvissima.

— Tiro um talher, não é verdade, minha senhora? disse Dorothea com voz cheia de lagrimas.

— De certo, respondeu D. Maria de Jesus, reprimindo a custo o pranto que de novo lhe subiu do coração aos olhos.

Mas Luiz fez um gesto que suspendeu o movimento.

— Deixe-o estar, minha mãe, disse elle, é o talher do filho prodigo.

— O que! disse D. Maria de Jesus com sincero espanto, pois tu... ainda?...

— Eu, minha mãe, respondeu Luiz com dignidade e tristeza, espero que não feche a porta de casa a *minha irmã* peccadora, que póde vir ainda chorar debaixo das nossas janellas.



## VII

### O gabinete do ministro

Tinham passado dois mezes depois dos acontecimentos que narrámos no ultimo capitulo, e Luiz Correia, apesar de se empenhar nas suas pesquisas com toda a energia, não conseguira ainda encontrar rastos da gentil fugitiva. Sua mãe reprehendia-o com tristeza por essa preocupação constante, mas Luiz dizia que estava a seu cargo aquella alma, e que, emquanto podesse, havia de fazer todos os esforços para a impedir de se transviar, que, salvando Thereza do incendio do hospital, contrahira uma grande responsabilidade perante Deus, que Thereza caira nas mãos de um homem que abusára da sua indole exaltada, da sua innocencia, e que a desgraçaria, portanto que lhe cumpria empregar os maximos esforços para a livrar de semelhante infortunio.

As palavras da carta de Thereza tinham-n'ò posto facilmente na pista do seductor. Era claro que a engeitada fugira com esse personagem mysterioso a quem ouvimos chamar D. Carlos de Mendoza, e cujos modos desenvoltos haviam tão facilmente seduzido a leviana menina.

Deixemos nós Luiz Correia procurar com anciedade por todas as ruas de Lisboa um signal qualquer que lhe possa indicar a morada da fugitiva, e saíamos as portas da cidade, que ficam ainda por este lado em S. Roque, dirijamo-nos ao convento de S. Pedro d'Alcantara, atravessando arrabaldes povoadissimos, sigamos como quem quer ir ao noviciado dos jesuitas, e chegando á planura onde se hade erguer d'aqui a pouco a provisoria Patriarchal, voltemos a uma rua já conhecida pelo nome de rua Formosa, entremos n'uma casa de excellente apparencia, e, se soubermos que n'essa casa moraram o capitão de cavallaria Manuel de Carvalho de Athayde e sua esposa D. Thereza Luiza de Mendonça e Mello, e que esta alli deu á luz no dia 13 de maio de 1699 um menino que recebeu na pia baptismal da igreja de Nossa Senhora das Mercês o nome de Sebastião, já sabemos naturalmente em casa de quem estamos, e qual a pessoa que vamos encontrar n'esse gabinete particular, em cuja ante-camara se agrupam alguns timidos pretendentes.

Antes de entrarmos, esperemos que nos introduzam. O gabinete de um ministro é inviolavel. Tambem não teremos muito que esperar. No momento em que chegamos, toca-se dentro uma campainha, e logo em seguida o continuo apparece á porta, e exclama, com o tom altisonante dos continuos:

— Quem tem carta de audiencia n.º 1 ?

— Eu, meu senhor, responde timidamente uma senhora bastante idosa, e vestida de preto, que se curvou diante do continuo, como se curvaria diante do rei.

— Ah! é a senhora ! resmungou o continuo com mau



modo. Então entre... Vá, entre depressa, proseguiu o continuo vendo que ella caminhava vagarosamente, entre depressa, que s. ex.<sup>a</sup> não gosta de esperar.

— Pesam-me os annos, meu senhor, pesam-me os annos.

— Pois quem é velho não se mette n'estas danças.

— Nunca julguei ter de subir escadas de ministro. Mas então! Coisas do mundo! É-se mãe e os filhos arrastam-nos a tudo.

— Pois, sim! sim! temos conversado. Vá que ha mais que fazer.

A pobre senhora desviou o reposteiro, e entrou fazendo desde a porta uma serie de genuflexões, até que foi cair aos pés de um homem de physionomia soberana, que, sentado n'uma poltrona, lia uns papeis com attenção.

Comtudo a bulha dos passos obrigou-o a erguer a cabeça, e, assestando uma luneta d'oiro para a pobre senhora, mirou-a com olhar penetrante.

— Está bom! está bom! disse elle vendo-a ajoelhar. Eu não sou rei nem santo, senhora, para que assim ajoelhe diante de mim. Sente-se; e diga o que pretende.

— Não, meu senhor, não, eu é que me não tiro d'esta humilde postura, sem vossa magestade... quero dizer...

— Sim! sim! o que quer dizer sei eu. Eu não sou o rei, bem sabe, sou um dos humildes executores das suas reaes ordens. Diga o que deseja.

— O perdão de meu filho, sr. secretario d'estado.

— O perdão! Mau é isso. Quem quer perdão tem culpa, e os culpados é mais justo que expiem os seus crimes com a pena exigida pela sociedade que elles affrontaram, do que a escaqueem com a impunidade que é um insulto para as pessoas de bem. Mas vamos. Quem é seu filho, e o que fez elle?

— Senhor, meu filho chama-se Antonio Marques Gomes, e...

— Antonio Marques Gomes! interrompeu o ministro que tinha uma excellente memoria. Ah! já sei, já sei! um dos deputados da Meza do Bem Commum, que osaram protestar contra os privilegios da Companhia do Grão-Pará e Maranhão. Estes senhores querem entender de tudo, e querem saber mais dos interesses do reino do que sua magestade, meu senhor, cujo olhar vigilante penetra até aos mais reconditos recessos do seu vasto imperio. É má a companhia, não é verdade? Pois então! Pergunte aos hespanhoes, que por nosso mal aqui dominaram sessenta annos, quem lhes arrancou das mãos as colonias? A Companhia Hollandeza. Olhe para a India e veja quem domina por lá nos sitios onde outr'ora tremulava a bandeira de Portugal? A Companhia Ingleza. Ah! são muito intelligentes estes senhores e de uma instrucção rarissima! Ora! educaram-n'os os jesuitas e é o que basta. São todos doutores pela Universidade d'Evora, provavelmente. Sim! sim! Eu e a Universidade de Evora ainda havemos de conversar. E provavelmente os filhos de Santo Ignacio de Loyola ensinam aos seus discipulos que é grande peccado imitar essas invenções hereticas de companhias poderosas. Pois esse peccado tomo-o eu sobre a minha consciencia, e não admitto protestos. Aqui em Portugal, senhora, emquanto eu fôr secretario de estado de sua magestade el-rei o sr. D. José I, hade-se obedecer ás reaes ordens, obedecer em silencio, seja-se embora duque, ou marquez, ou arcebispo, ou infante, ou negociante, ou plebeu, e quem tentar insurgir-se contra a vontade soberana do representante de Deus na terra, ha-de ser quebrado, como eu quebro este vidro.

E, n'um estado notavel de exaltação, Sebastião de Carvalho arrojou ao chão um copo d'agua que estava sobre a meza, em cima de uma salva de prata.

A pobre senhora tremia como varas verdes, e, não sabendo o que havia de dizer, só respondia com lagrimas á colera do grande ministro:

Sebastião de Carvalho reparou então n'ella, porque,

seguindo a corrente dos seus proprios pensamentos, esquecera-se da humilde pretendente, e, sorrindo-se com uma expressão de bondade, que lhe abrandou um tanto o carregado da physionomia:

— Está bom! está bom! Vossa mercê não tem culpa d'estas coisas; é mãe, e não pensa senão em seu filho ausente, sem querer saber das culpas que actuaram no animo de sua magestade, e o obrigaram a ser severo, elle que é a clemencia personalisada. Vamos a saber, onde está seu filho?

— Em Mazagão, meu senhor, em Mazagão por seis annos! E a pobre mulher e os filhos aqui a ralarem-se de saudades! e eu, meu senhor, que já o não torno a ver, de certo, porque não tenho vida que a tanto chegue.

— Mazagão! Ainda se queixa? Mazagão tem bons ares, é excellente clima! a unica reliquia, e reliquia bem inutil, devemos confessal-o, das nossas conquistas africanas. Não vale o que custa, concluiu elle em voz baixa, como se fallasse consigo mesmo.

— O meu pobre filho não se queixa do clima, senhor secretario d'estado, queixa-se da ausencia dos seus.

— Ah! pois não! queria naturalmente ficar em Lisboa muito socegado, e que sua magestade ainda por cima lhe dêsse uma commenda para lhe louvar o desassombro! Não se pôde ter tudo! Teve o gosto de fazer opposição ao governo de sua magestade, de protestar contra as suas reaes ordens, agora expia esse prazer... Mas vamos, senhora, vamos, continuou elle, vendo que ella redobrava de lagrimas e de soluços, eu não sou rei e não tenho direito de perdoar. Tudo depende da clemencia do soberano.

— Mas v. ex.<sup>a</sup> pôde tudo, sr. secretario d'estado, e eu supplico-lhe pela vida de seus filhos.

— Eu não posso nada, senhora, tornou Sebastião de Carvalho com certa aspereza para disfarçar uma tal ou qual commoção, que o invadira quando a mãe de Antonio Marques Gomes appellára para seus filhos, eu nada

posso, não sou mais do que o fiel executor das ordens d'el-rei, meu senhor...

N'este momento abriu-se a porta, e o continuo annunciou:

— O senhor embaixador d'Inglaterra!

Ao mesmo tempo correu o reposteiro, e lord Tirawley entrou.

— Senhor continuo, disse Sebastião de Carvalho quando lord Tirawley estava já á porta, advirto-lhe de uma vez para sempre que no meu gabinete não entra pessoa alguma sem minha authorisação.

E, erguendo-se, comprimntou friamente lord Tirawley.

— Mas o sr. Marco Antonio... balbuciou o continuo aterrado.

— O sr. Marco Antonio de Azevedo Coutinho procedia como entendia, e eu procedo como entendo e como el-rei meu senhor me ordena. Já não reina em Portugal el-rei o sr. D. João V. É necessario que todos o saibam. Agora são ares diferentes.

O continuo curvou-se até ao chão e saiu.

A mãe de Antonio Marques Gomes, vendo que a sua audiencia estava terminada, sem ella ter conseguido coisa alguma do inflexivel ministro, não pôde fazer mais do que pegar na mão de Sebastião de Carvalho, e cobrir-lh'a de beijos e de lagrimas.

— Senhor, balbuciou ella, pela ultima vez...

— Bem! bem! senhora, fallarei a el-rei, que é quem tudo decide nos seus reinos. E agora deixe-me, que que eu não posso fazer esperar por mais tempo o sr. embaixador de Inglaterra.

A pobre senhora, com o rosto banhado de lagrimas, e com uma expressão de profundo desalento no rosto, saiu do gabinete.

Sebastião de Carvalho acenou cortezmente a lord Tirawley para que se sentasse, e sentou-se tambem.

— Pareceu-me, disse o espirituoso inglez na sua lingua materna que Sebastião de Carvalho fallava com

grande facilidade, pareceu-me que V. Ex.<sup>a</sup> reprehendeu o continuo por minha causa. Seria para mim grande dissabor o concorrer para que esse digno funcionario perdesse o logar.

— Oh! não de certo, respondeu o secretario. Lembrei apenas a esse homem, que parece ignora os usos de todos os gabinetes de ministros em todo o mundo. V. ex.<sup>a</sup> é sempre bem vindo, mas supponha por exemplo que eu estava em conferencia com o abade de Saint-Julien, encarregado de negocios de sua magestade el-rei Luiz XV de França. Ser-lhe-hia talvez desagradavel encontrar-se com elle aqui.

— Oh! nós sabemos ser cortezes com os inimigos. Teria uma occasião de tirar uma desforra da cortezia de Fontenoy: *Tirez les premiers, messieurs les anglais*. Eu o mais que podia fazer seria dizer tambem ao sr. de Saint-Julien: *Sortez le premier, monsieur le français*.

Sebastião de Carvalho sorriu-se, mas respondeu logo:

— Nós todos sabemos que lord Tirawley é um dos homens mais espirituosos da Europa, e se as desforras de Fontenoy se tirassem só com o espirito, lord Tirawley de certo seria bem mais proprio do que o proprio duque de Cumberland, o vencedor de Culloden, para se oppôr com vantagem ao marechal Mauricio de Saxe.

— Atraz de tempo, tempo vem, redarguiu o embaixador inglez mordendo os beiços; e para a desforra de Fontenoy, temos ainda lá por Inglaterra os descendentes dos vencedores d'Azincourt e os netos dos vencedores de Malplaquet. O espirito só não basta de certo nem para tirar desforra das batalhas perdidas, nem *para fazer com que sejam diferentes os ares*.

Esta ultima phrase indicava que lord Tirawley entendera, melhor do que confessava, a reprimenda dada por Sebastião de Carvalho ao seu continuo.

— Vejo com jubilo, disse imperturbavelmente o secretario de estado d'elrei D. José, que v. ex.<sup>a</sup> entende

todos as finuras da lingua portugueza. Aprendeu-as de certo com o seu amigo Alexandre de Gusmão?

— Sim senhor, redarguiu lord Tirawley, bamboando-se na cadeira, aprendi-as com o sr. Alexandre de Gusmão, secretario d'estado d'el-rei D. João V, e homem tambem de muito espirito e de muito bom senso. Elle, por exemplo, percebia que o representante de uma nação tão amiga de Portugal como é a Inglaterra, e á qual Portugal deve em grande parte a sua independencia, e tem devido sempre a mais decidida protecção, merece não ser confundido com os diplomatas das outras nações, e pode, sem desdouro de um ministro portuguez, ter entrada franca a toda a hora no seu gabinete.

— Sim, senhor, redarguiu Sebastião de Carvalho com firmeza, e fazendo girar o cordão da sua luneta d'oiro, quando o ministro portuguez em Londres não for confundido com os diplomatas das outras nações, e tiver, sem desdouro do ministro inglez, entrada franca a toda a hora no seu gabinete. Ora devo lembrar a v. ex.<sup>a</sup> que fui ministro portuguez em Londres, e que *j'ai fait antichambre*, como diria qualquer vencedor de Fontenoy, á porta do gabinete do sr. duque de Newcastle.

— Vamos, sr. Sebastião de Carvalho, interrompeu lord Tirawley, vendo que decididamente não conseguia ter *le dernier mot*, como diria, segundo a phrase sarcastica de Sebastião de Carvalho, qualquer vencedor de Fontenoy, creio que não estamos aqui para escaramuçar. Eu venho tratar com v. ex.<sup>a</sup> negocios importantes.

— Estou prompto a ouvil-o, mylord. V. ex.<sup>a</sup> ha-de fazer-me a justiça de confessar que não tenho feito mais do que acompanhar-o ao terreno para onde v. ex.<sup>a</sup> me chama. A attitudo dos paizes pequenos como Portugal, e portanto a dos seus representantes, nunca pode ser senão a da defensiva... energica.

— Quando são atacados, e a Inglaterra não está habituada a agredir Portugal, v. ex.<sup>a</sup> bem o sabe.

Sebastião de Carvalho curvou-se em silencio. A conversação estava tomando um tom acrimonioso que elle não queria aggravar.

— Bem! continuou lord Tirawley, satisfeito por ver emfim que Sebastião de Carvalho se calára. V. ex.<sup>a</sup> promulgou o seu decreto da prohibição de exportação da moeda, decreto contra o qual eu vim expressamente protestar. V. ex.<sup>a</sup> não attendeu ás minhas razões...

— Perdão; foi sua magestade, el-rei meu senhor.

— Pois foi sua magestade el-rei o sr. D. José I, mas, como eu agora não estou aos reaes pés de sua magestade, tenho o costume inglez e parlamentar de entender que os ministros são os responsaveis pelos decretos, que teem a régia assignatura. V. ex.<sup>a</sup>, com a sua bondade habitual, permite-me de certo, desculpando este fermento de parlamentarismo, que n'esta nossa conversação me refira a v. ex.<sup>a</sup> sempre que, segundo as praxes officiaes d'este reino, me devêra referir a el-rei.

— Queira v. ex.<sup>a</sup> continuar, fallando como entender.

— Muito bem! Julgou pois v. ex.<sup>a</sup> que não devia escutar as minhas razões, e julgou que a exportação da moeda se podia prohibir, que se podia decretar a balança do commercio, e que um reino que precisa de tudo havia de se abster de comprar os generos que lhe são necessarios, ou que os estrangeiros haviam de comprar aqui por força aquillo de que não carecem. Enganou-se. V. ex.<sup>a</sup> pôde opprimir os subditos d'elrei, o que não pôde de fórma alguma é restringir-lhes as suas necessidades. O contrabando lh'o veio immediatamente demonstrar.

— Senhor embaixador d'Inglaterra, a lei pôde ter ou não ter inconvenientes; sua magestade, el-rei meu senhor, pôde, se assim o entender, modificar os seus decretos, mas o contrabando, que quer dizer a revolta contra as ordens reaes, ha-de ser castigado enquanto eu tiver a honra de ser ministro de el-rei o sr. D. José I.

— Puna-o v. ex.<sup>a</sup> como quizer, enforque metade dos

subditos portuguezes, se isso lhe agradar, mas não viole, mas não insulte as prerogativas dos estrangeiros. Hontem, sr. secretario d'estado, tres officiaes inglezes que iam tranquillamente para bordo dos seus navios, foram apprehendidos pelos guardas da alfandega, insultados por elles; foi-lhes arrancado o dinheiro que lhes pertencia, e que levavam comsigo. É um insulto ao pavilhão britannico.

N'este momento agitou-se brandamente o reposteiro, e o continuo, com uma cara muito aterrada, appareceu murmurando timidamente:

— V. ex.<sup>a</sup> dá licença?

— Que temos? perguntou Sebastião de Carvalho com desabrimento.

— É o sr. Diogo de Mendonça Corte Real, que deseja fallar a v. ex.<sup>a</sup>

Sebastião de Carvalho reprimiu um gesto de impaciencia, mas, vendo os olhos de lord Tirawley fitos n'elle com uma expressão ligeiramente ironica, disse-lhe:

— V. Ex.<sup>a</sup> quer que o meu collega entre?

— De certo; desejaria que aqui estivesse o ministério todo.

O filho natural do celebre ministro de D. João V, que herdára o nome de seu pae mas não o talento, entrou com as sobranceiras ligeiramente franzidas pela espera que lhe não agradára muito; mas, vendo lord Tirawley, desfez-se para elle em cortezias, apertando depois a mão do seu collega.

— Não sou importuno? perguntou Diogo de Mendonça.

— De modo nenhum, acudiu logo lord Tirawley; estava-me queixando, a s. ex.<sup>a</sup> o sr. secretario d'estado dos negocios estrangeiros, da violencia que acabam de soffrer aqui em Lisboa, dois officiaes da marinha britannica, e v. ex.<sup>a</sup>, como dignissimo ministro da marinha portugueza, v. ex.<sup>a</sup>, como zeloso defensor da honra e do brio da corporação cujos destinos dirige, deve comprehender que eu me estimule com o tratamento que ao



uniforme. em toda a parte respeitado da marinhã britânica, infligiram aqui uns miseraveis guardas da alfandega.

—Alli não estavam os guardas da alfandega, sr. embaixador de Inglaterra, disse logo Sebastião de Carvalho sem deixar que o seu collega respondesse, estavam de um lado a lei portugueza, do outro lado tres violadores d'essa lei. Os guardas cumpriram o seu dever, e v. ex.<sup>a</sup> não devia defender officiaes, que, esquecendo os altos deveres que o seu uniforme lhes impõe, não duvidam infringir os preceitos do soberano, em cujo territorio estão.

—Os officiaes inglezes são julgados pela lei ingleza, e, se delinquiram, ha juizes na Inglaterra que os sabem punir.

—Em Portugal, mylord, interrompeu Sebastião de Carvalho, em Portugal, desde 1730, todos os criminosos são julgados e punidos pelas leis portuguezas. É essa a praxe seguida em todas as nações, e era uma vergonha que aqui tivessem os inglezes uma excepção odiosa. Acabei eu com ella, quando fui ministro em Londres, lord Tirawley, e lamento que n'este ponto o atraiaçasse a sua maravilhosa memoria.

—O tratado designa simplesmente os capitães de navios mercantes, e não os officiaes da marinha de guerra.

—Abrange a todos, mylord, redarguiu Sebastião de Carvalho, e todos hão de ser punidos se infringirem a lei, por mais alto que estejam collocados, ainda que se sentem ao lado do embaixador de Inglaterra.

—Sr. secretario d'estado! acudiu lord Tirawley, erguendo-se impellido por um subito accesso de colera.

—Vejamos! vejamos! exclamou Diogo de Mendonça, que ainda não podera metter uma palavra na conversação, e que estava verdadeiramente aterrado com o tom que a negociação ia tomando; hade haver por força algum modo de conciliar as cousas.

—Não ha, sr. Diogo de Mendonça, exclamou Sebastião de Carvalho irritadissimo, nunca pôde haver tran-

sigencias, quando alguém ousa insultar o rei de Portugal, revoltando-se contra as suas ordens. Portugal é um paiz independente, e essa independencia hade mantel-a, e ninguem, repito, ninguem ousará infringir a lei portugueza, em quanto eu fôr ministro da corôa. Pantaleão de Sá, irmão do conde de Penaguião, do ministro portuguez em Londres, infringiu as leis inglezas, e Cromwell mandou enforcar o irmão do embaixador portuguez. Se um irmão de lord Tirawley ousasse, contra a determinação expressa das nossas leis, transportar moeda para fóra do reino, eu, Sebastião de Carvalho e Mello, mandaria erguer uma forca bem alta, e n'ella penduraria, para escarmento de todas as ousadias, o irmão do embaixador de Inglaterra.

E, com os olhos chammejantes de colera, sublime de altiva indignação, Sebastião de Carvalho deu uma punhada em cima da mesa, fazendo saltar, com um tinar metalico, o tinteiro e a campainha.

Diogo de Mendonça olhava aterrado para elle; lord Tirawley, na sua qualidade de inglez, pouco sensivel a alterações dramaticas, redarguiu pausadamente, e dando um geito sarcastico ás phrases:

— Não sabia que os actos do regicida Oliveiros Cromwell eram o ideal de v. ex.<sup>a</sup> Supponho porém que o ardor da imitação não o levará a preparar a seu real amo a sorte de Carlos I?

— Se um usurpador; mylord, redarguiu o ministro portuguez, um pouco despeitado de se ter deixado arrastar pela sua exaltação, não hesitou em fazer respeitar as leis do seu paiz, sua magestade, el-rei meu senhor, cujas ordens eu apenas fielmente cumpro, não hesitará em fazer respeitar com toda a energia as suas reaes vontades e a sua prerogativa soberana.

— E de que modo, querv. ex.<sup>a</sup> ter a bondade de me dizer?

— Mandando enforcar os que desobedecerem ás leis que nos regem, e que em Portugal a todos obrigam, aos vassallos d'el-rei e áquelles que recebem a nossa hospitalidade.

— Enforçar tres officiaes da marinha britannica! exclamou lord Tirawley, pondo-se em pé de golpe e perdendo por um instante a sua affectada serenidade. Lembro a v. ex.<sup>a</sup> que essas fanfarronadas não quadram bem ao ministro de uma nação que bem pouco pesa na balança da Europa, lembro a v. ex.<sup>a</sup> que a Inglaterra, se recebesse uma tal affronta....

— O que faria? interrompeu Sebastião de Carvalho com a maior serenidade, e brincando com a sua luneta de ouro.

— Desembarcaria nas praias de Portugal um exercito de cem mil homens, e ensinaria cruelmente aos seus ministros as praticas das nações civilisadas.

No gabinete de Sebastião de Carvalho pendia n'uma das paredes um excellente mappa da Europa. Sem responder ao embaixador inglez, Sebastião de Carvalho assestou a luneta, mirou o mappa, abaixou as lentes, e, apontando depois com a luneta para o exiguo espaço que o nosso reino occupava na carta do continente europeu, disse, com um sorriso de mofa a pairar-lhe nos labios desdenhosos:

— Cem mil homens, mylord! Não cabe cá tanta gente.

Lord Tirawley olhou com assombro para a physionomia tranquilla de Sebastião de Carvalho. Em que se fiava aquelle homem que assim respondia com tanta segurança? Olhou para Diogo de Mendonça, e viu-o pallido e tremulo, como se já tivesse diante de si, a luzirem ao sol brilhante de Portugal, as cem mil bayonetas com que lord Tirawley nos ameaçava. Aquelles dois homens representavam duas phases bem distinctas da existencia de Portugal. Um era o velho Portugal, misero, humilhado, tal como D. João V o legou a seu filho, o outro era o novo Portugal, o rejuvenescido Portugal, tal como elle ia sair das mãos d'esse potente obreiro, energico, forte, respeitado, não soffrendo humilhações, e respirando com enthusiasmo o cheiro inebriante da polvora.

Lord Tirawley não respondeu á phrase do futuro

marquez de Pombal. Pegou no chapéo, e, cortejando o ministro, disse-lhe:

— Bem! espero que a noite seja, como costuma sempre ser, boa conselheira. Amanhã v. ex.<sup>a</sup> hade ver as cousas debaixo de um outro prisma.

— Eu vejo sempre os negocios pelos olhos do meu real amo, respondeu Sebastião de Carvalho, e sua magestade costuma ser constante nas suas resoluções. O seu alto nascimento colloca-o acima das paixões mundanas, cujo temporal nos agita. V. ex.<sup>a</sup> hoje está ligeiramente irritado; amanhã verá as cousas com mais acerto, e reconhecerá a justiça das minhas intenções.

— Duvido. Em todo o caso estimarei que cheguemos a um accordo. Terei a honra de officiar a v. ex.<sup>a</sup> sobre este assumpto. Sr. Diogo de Mendonça, peço as ordens de v. ex.<sup>a</sup>

— Sou eu que me ponho aos pés de v. ex.<sup>a</sup>, mylord, redarguiu Diogo de Mendonça, com extremos de cortezia.

Sebastião de Carvalho acompanhára até á porta do gabinete o seu illustre visitante. Depois de feitos os ultimos cumprimentos, e de ter dito ao continuo que despedisse os outros pretendentes, correu o reposteiro, e voltou para dentro, dizendo com um tom de voz indifferente, e quasi sem olhar para Diogo de Mendonça:

— Ora muito bem!... Então o que o traz por cá, meu caro collega?

— Nem já sei... ah! sim, uma questão insignificante a proposito da concessão dos privilegios do commercio da India a Feliciano Velho Oldenbourg; mas deixemos isso... Eu estou pasmado, sr. Sebastião de Carvalho... eu estou pasmado do que acabo de ouvir. Pois v. ex.<sup>a</sup>, por causa de uma insignificante apprehensão, expõe-nos a uma lucta com a Inglaterra!... com a Inglaterra!... V. ex.<sup>a</sup> sabe em que trances vae pôr o reino e a corôa?... Eu nunca na minha vida vi uma cousa assim.

— Sr. Diogo de Mendonça, observou friamente Sebastião de Carvalho, foi a mim que el-rei nosso senhor

nomeou secretario d'estado dos negocios estrangeiros. Compete-me portanto dirigir os negocios da minha repartição, e são esses as relações com as potencias estrangeiras. V. ex.<sup>a</sup> é, creio eu, secretario dos negocios da marinha e ultramar; dará o seu voto em negocios que lhe digam respeito.

—Mas é que este diz-me respeito e muito, retrucou Diogo de Mendonça com alguma acrimonia. Uma lucta com a Inglaterra!... V. ex.<sup>a</sup> sabe lá o estado deploravel em que se acha a nossa marinha!... E as colonias!... Para ficarmos sem o Brazil, não precisavamos de mais nada... Ora, sr, Sebastião de Carvalho, estas cousas não se tratam assim... e meu pae, durante o seu longo ministerio, soube sempre captar a benevolencia dos representantes das grandes potencias...

—Então, sr. Diogo de Mendonça, redarguiu com certa ironia Sebastião de Carvalho, cada qual tem o seu feitiço! V. ex.<sup>a</sup> herdou talvez as qualidades de seu pae, e por isso deveria ter sido nomeado para dirigir a minha repartição, mas não foi! Injustiças do destino! Resigne-se v. ex.<sup>a</sup> e cumpra os deveres do seu cargo, como pode, que eu cumprirei os deveres do meu, como sei.

—Senhor Sebastião de Carvalho, acudiu Diogo de Mendonça abespinhado, de meu pae herdei o zelo pelo serviço do rei, e não posso...

O que não pôde foi dizer mais. Aprumando a sua alta estatura, e dardejando sobre elle os raios dos seus olhos, Sebastião de Carvalho estendeu o braço e fez um gesto imperativo.

—Queira v. ex.<sup>a</sup> calar-se! exclamou. Zelo pelo serviço d'el-rei ninguem o tem aqui mais do que eu, e espero provar-lh'o, emquanto Deus me dê vida e saúde, e emquanto el-rei me conservar a sua confiança. Se v. ex.<sup>a</sup> houvesse herdado a alta perspicacia de seu pae, ter-me-hia poupado a mim a vergonha, e a lord Tirawley o alegre espectaculo dos seus ridiculos terrores. Teria sabido, e seu pae mesmo lh'o ensinaria com o caso do embaixador de Austria succedido no seu tem-

po, que a politica humilde e covarde é não só a mais indecorosa mas a mais inhabil de todas, que curvar-se ás ameaças um povo, por pequeno que seja, é não só uma deshonna, mas um erro tambem. Espere-se a realisação da ameaça, e vêr-se-ha se uma nação, embora forte, se empenha, por motivos futilissimos, n'uma lucta que sempre será dispendiosa. Antes de tremer, deixe ao menos que appareça a esquadra, trazendo a bordo os cem mil homens que lord Tirawley nos promete. Não! Em eu tendo a justiça do meu lado, nem uma colligação de todas as potencias da Europa me obrigará a uma transigencia. O que faz a grandeza dos povos, não é tanto a extensão do territorio, como a consciencia da propria dignidade. Se o não percebe assim, queira poupar-me pelo menos as suas observaões, que não as recebo senão d'el-rei, e os seus conselhos, que não os acceito senão a quem os peço.

O secretario d'estado dos negocios da marinha ficou litteralmente fulminado pela réplica. Não fôra comtudo das mais severas, posto que Sebastião de Carvalho não escrupulisasse em chamar, com toda a cortezia, ao seu collega, pouco mais ou menos, tolo. Mas era tal a intimativa da voz, o aspecto do ministro, que Diogo de Mendonça sentiu que estava ali um d'esses homens que nasceram para dominar, e que, apenas entram no poder, não consentem mais em torno de si senão subalternos.

—Eu não quiz de certo offendel-o, sr. Sebastião de Carvalho, mas v. ex.<sup>a</sup> desculpe-me... Julguei cumprir um dever de bom cidadão e de bom collega advertindo-o.

—Ah! pois não! El-rei tem em v. ex.<sup>a</sup> um fiel servidor... Eu mesmo o direi a sua magestade, assim que tiver ensejo... Mas, meu caro collega, desculpe-me fratral-o sem cerimonia... são as minhas horas de dar descanso ao trabalho da secretaria e de ir estar alguns instantes com Leonor e com o Henrique... Então... que quer? Encargos de pae de familia!

Diogo de Mendonça, assim despedido, desfez-se em desculpas e demonstrações de affecto, e saiu acompanhado até á porta do gabinete pelo seu presado collega, que lhe apertava a mão com as demonstrações da mais sincera cordialidade.

—Ora esta! ia dizendo comsigo o secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar. É doido e é malcreado! Olhem que prenda com que nos mimoseou a rainha a sr.<sup>a</sup> D. Marianna de Austria. Nada! Vou d'aqui já já prevenir el-rei.

E, entretanto, deixando cair o reposteiro, Sebastião de Carvalho murmurava entre si, ao dirigir-se para a sua cadeira:

—Tolo e máu! Vai encher os ouvidos a el-rei com a historia da scena que presenciou. Oh! quem nascêra no throno!... Cromwell!... Que sonho!... O poder sem limites... sem obstaculos... Ah! mas ao menos nos degraus d'este solio, onde não posso sentar-me, estarei eu só... e aquelles que me deverem a sua elevação, e que sejam... como a lima... *in manibus fabri!*

Ao pronunciar a meia voz as palavras latinas, o grande estadista sorriu-se com uma expressão indefinivel.

—Ha coisas aproveitaveis, continuou elle monologando, ha coisas aproveitaveis, como se vê, nos Estatutos dos jesuitas... Os jesuitas!

Deixou cair a cabeça entre mãos, e ficou immerso em profundo scismar.

D'ahi a menos de um anno, Sebastião de Carvalho era ministro omnipotente, e no dia 31 de agosto de 1756 Diogo de Mendonça Corte-Real era preso por uma ordem d'el-rei, que, sem lhe dar os motivos de tamanho rigor, o demittia e deportava.

Que crime commettêra elle pois?

Nenhum. Era Sebastião de Carvalho que começava a cumprir o seu programma.





## VIII

### Pompadour e Choiseul

O ministro continuava a scismar.

A desculpa, que dera a Diogo de Mendonça para o despedir, era evidentemente falsa. Corriam os minutos e elle não pensava em ir ter com sua familia.

—A minha posição é ainda bem precaria!... murmurava Carvalho. Um capricho d'el-rei, e ahí vem a demissão destruir todos os meus projectos, derrubal-os como se fossem cartas encastelladas que uma criança deita abaixo com um sopro... E el-rei terá esse capricho?... Eu sei!... No conselho é certo que tem dado sempre aos meus alvitres a preferencia... mas fóra do conselho obedece a influencias que me são contrarias... Por caso nenhum quererá demittir Pedro da Motta, e, se o velho teima em ser macrobio, ahí tenho empachado por um bom par de annos aquelle logar... Diogo de Mendonça, o

proprio Diogo de Mendonça tem a privança d'el-rei... Sabe lisongear...

Levantára-se, e passeiava inquieto pela sala. Parou junto da janella, e começou a bater distrahidamente nos vidros.

D'ahi a um instante voltou ao passeio interrompido.

—São meus inimigos os Tavoras, murmurou elle, isso é que não tem duvida... e a marquezinha tem uma influencia decidida no animo d'el-rei... E a minha contra-mina como irá ella?... Oh! é necessario agora mais do que nunca activar os trabalhos.

Sentou-se á mesa, e começou a escrever uma carta. De subito sentiu uma pancada discreta n'uma porta interior do gabinete. Foi abrir e deu com o seu guarda-roupa, um allemão que trouxera de Vienna d'Austria, e que lhe era muito dedicado.

—Que temos? disse elle. Leonor quer alguma coisa?

—Não, senhor, respondeu o guarda-roupa. Procura-o aquelle D. Carlos, que v. ex.<sup>a</sup> declarou que recebia a qualquer hora.

—Que entre! que entre! disse Sebastião de Carvalho atirando a penna para o lado, puxando para traz a cadeira, e recostando-se para receber o seu novo visitante.

O criado allemão curvou-se respeitosamente, afastou-se para deixar passar a pessoa, a quem fizera signal que podia entrar, e saiu logo em seguida, fechando discretamente a porta.

Onosso conhecido D. Carlos de Mendoza entrou, comprimontou com desembaraço o ministro, e, cravando n'elle os seus olhos intelligentes, esperou em silencio que lhe dirigissem a palavra.

—Estava deseioso de o vêr, sr. D. Carlos, disse Sebastião de Carvalho, fazendo girar a luneta com um modo affectadamente distrahido.

—Acho inutil roubar o tempo precioso de v. ex.<sup>a</sup>, emquanto não tenho factos importantes a communicar-lhe.

—Ah! e esses factos importantes dêram-se já?

—Assim o creio.

Houve um instante de silencio. Sebastião de Carvalho não quiz mostrar ao seu interlocutor a curiosidade que o devorava. O seu interlocutor não parecia disposto porém a correr em seu auxilio,

—Se o não tenho visto, disse Sebastião de Carvalho despeitado, e dando portanto á voz uma inflexão aspera que intimidava os mais intrepidos, mas que não pareceu produzir grande effeito no seu interlocutor, se o não tenho visto, em compensação tem-me chegado noticias suas.

—Ah! monosyllabou, se nos permitem o neologismo, o nosso D. Carlos com a maxima indifferença.

—É verdade; consta-me que ha duas noites sovou a ronda na rua dos Escudeiros.

—A rua é estreita e a ronda é numerosa, tornou D. Carlos com impudencia; não pôde uma pessoa passar, sem tropeçar n'aquelles biltres dos quadrilheiros.

—Procure ruas mais largas, sr. D. Carlos. Emquanto eu fôr ministro, não consentirei que seja desacatada a authoridade real. Quero que Lisboa seja uma cidade policiada, e não o campo de batalha nocturno dos malandrins viciosos. Tenha entendido isto, sr. D. Carlos.

D. Carlos supportou com a maxima tranquillidade a rude reprimenda do ministro.

—Se v. ex.<sup>a</sup> chama viciosos malandrins aos fidalgos que fazem brilhar o florete aos raios da lua, ou para o cruzarem uns com os outros, ou para o assentarem como um chicote nas costas dos quadrilheiros, tem que affrontar com esse epitheto pessoas muito respeitaveis. Diz a tradição que um dos fidalgos mais pimpões do tempo do senhor rei D. João V, que Deus tenha em gloria, foi um filho do capitão de cavallaria Manuel de Carvalho e Athayde.

Era necessario que D. Carlos tivesse muito pouco amor á cabeça impudente que trazia em cima dos hombros, ou que possuísse um segredo para affrontar im-

punemente a colera do estadista. O mais provavel comtudo era que ainda não conhecia bem o homem com quem tratava, e que o media pela bitola dos outros ministros. Ouvindo a ousada apostrophe, Sebastião de Carvalho fez-se mais branco do que os seus punhos de renda, e, levantando-se, deu um passo, com as mãos cerradas, para o seu interlocutor. Os olhos injectaram-se-lhe de sangue, e a fronte, carregada de nuvens, assustava o mais audacioso. D. Carlos involuntariamente recuou um passo.

— Senhor D. Carlos de Mendoza, exclamou Sebastião de Carvalho com voz surda, veja bem com quem falla! Não julgue que, pelo facto de eu lhe dar a honra de ser meu confidente em planos que interessam ao bem do Estado, o authoriso a desacatar-me. Saiba que, ainda que os segredos que possuisse me podessem arrastar ao cadafalso, não lhe consentiria semelhante audacia. O lugar, que occupo, hei-de fazel-o respeitar, e lembre-se que, se eu quizesse enterrar para sempre um segredo perigoso, ha no reino carceres bem secretos e bem olvidados, onde podem jazer sem voz os indiscretos atrevidos. Quando um instrumento, que eu emprego, se pretende rebellar contra mim, estas mãos tem ainda força bastante para o despedaçarem. Eu não transijo, quebro. Lembre-se bem d'isto, sr. D. Carlos de Mendoza.

Apesar da sua intrepidez, D. Carlos não pôde senão balbuciar :

— Desculpe v. ex.<sup>a</sup> uma frase impensada... Eu não podia pretender offendel-o...

Sebastião de Carvalho já recuperára a posse de si mesmo. Tornando a sentar-se, cruzou a perna, e continuou, com um tom de voz até certo ponto melancolico :

— Nem offendeu... O homem, a quem alludia, já não existe... O fidalgo brigão e aventureiro, que soltava as suas loucuras ao vento caprichoso da mocidade, morreu para sempre... e hoje vive apenas um velho que

pretende consagrar os ultimos annos da sua vida a levantar Portugal do abatimento em que jaz... O ministro, empenhado em trazer o seu paiz á luz da civilisação, condemna severamente as culpas de um homem que teve o seu nome, e que, arrastado pela torrente, praticou os mesmos erros que hoje procura reprimir. Se os ministros d'el-rei D. João V houvessem levantado uma forca, onde dependurassem sem piedade o fidalgo insolente, haveriam cumprido o seu dever. Eu assevero-lhe que saberia, e saberei cumpril-o, ainda que seja meu filho o delinquente.

D. Carlos abaixou a cabeça; estava subjugado. O seu olhar tinha ás vezes as scintillações das pupillas do tigre. Mas, se era tigre, sentira a vara de ferro em brasa de um domador de feras.

— Bem! continuou depois de um certo silencio o ministro, vamos ao que importa. Que se diz em Santo-Antão?

— Que v. ex.<sup>a</sup> tem o prurido das refórmãs, e que ha-de arruinar Portugal, se el-rei não pozer cobro n'isso. Dizem que a companhia do Grão-Pará e do Maranhão ha de levantar n'essas provincias uma revolta como a do Beckman no tempo do sr. D. Pedro II.

— Que se livrem d'isso! Se encontro no meu caminho os jesuitas como instigadores de alguns motins, faço dançar no cadafalso as suas roupetas negras com tanta facilidade como poderia fazer subir á forca o ultimo dos amotinados. O Maranhão não é o Paraguay, e que o fosse, para destruir as suas republicas theocraticas, tem ainda el-rei meu senhor numerosos e briosos soldados, e generaes que não recuam nem diante das espingardas dos seus indios, nem diante do anathema dos seus padres. Elles o experimentarão.

— Mas n'esse caso, disse D. Carlos fitando os seus olhos brilhantes de perspicacia nos olhos do ministro, parece-me que o melhor que tenho a fazer é incital-os a que levem por diante os seus projectos, e irriteem contra as medidas de v. ex.<sup>a</sup> a opinião dos povos?...

Sebastião de Carvalho encarou-o por longo tempo, e um sorriso de complacencia brincou á flôr dos seus labios descórados.

—Note que lh'o não aconselho, disse elle. Nunca seria intento meu favorecer a insurreição contra a authoridade régia. Mas os reverendos padres em Christo podem fazer o que lhes dictar a inspiração divina. Na batalha que derem contra o poder que el-rei me confiou, se não conquistarem o reino da terra, conquistam pelo menos o reino do céu.

—Do ceu? acudiu D. Carlos fitando no ministro uns olhos interrogadores.

—Pela estrada do martyrio, respondeu o ministro, que tudo será, como diz a divisa da companhia...

—*Ad majorem Dei gloriam*, concluiu D. Carlos com uns modos comicamente beatos.

—*Amen*, redarguiu o ministro no mesmo tom, e limpando tranquillamente a luneta.

E de si para si continuou :

—É um dos patifes mais espertos que tenho encontrado na minha vida.

Era evidente comtudo que se não entrára ainda no assumpto principal da conferencia; denotavam-n'o de um modo claro as maneiras impacientes do ministro.

—Ah! é verdade, disse elle emfim, depois de algum silencio e com fingida indifferença, e a respeito da rapariga que temos de novo?

—Já el-rei a viu, respondeu D. Carlos laconicamente.

—E então? perguntou Sebastião de Carvalho com anciedade que debalde procurou disfarçar.

—Achou-a encantadora.

—Ah! e onde foi a entrevista?

—Em minha casa.

—Em sua casa?

—É claro. Pois havia de leval-a ao paço? Pedro Teixeira disse a el-rei que eu chegára ha pouco da provincia com minha esposa, que nenhum de nós o conhe-

cia, e que portanto sua magestade podia ir a minha casa. Assim foi; uma noite d'estas Pedro Teixeira apresentou-me el-rei, como um fidalgo seu amigo que podia favorecer qualquer pretensão que eu tivesse na côrte; D. José de Portugal foi o pseudonimo adoptado por S. M., pseudonymo transparente, como v. ex.<sup>a</sup> vê, mas que respeitei com o maximo escrupulo. Thereza tocou harpa, cantou, e el-rei sahiu de minha casa depois da meia noite, verdadeiramente enfeitado.

— E ella?

— Ella achou que o sr. D. José de Portugal era um homem extremamente amavel, e ficou enlevada com o incenso que elle lhe queimou aos pés.

— Então a marquezinha de Tavora?...

— A marquezinha pôde ir sabendo se em Portugal existe alguma succursal do convento em que se refugiou a irmã Luiza da Misericordia, duqueza de la Vallière no mundo profano. Tem a Montespan pela prôa.

— Mas olhe lá, a rapariga é, segundo me disse, intelligente e fina. Tem a certeza de conservar sobre ella o imperio que hoje tem?

— Como tenho a certeza de que estou fallando agora com o primeiro estadista da Europa.

— Lisongear não é responder, acudiu, franzindo ligeiramente o sobr'olho, Sebastião de Carvalho.

— Affirmo a v. ex.<sup>a</sup> que estudei a fundo o caracter d'aquella menina. Comtanto que possa brilhar, saborear as doçuras do luxo e da riqueza, acceita a situação mais irregular d'este mundo. Tem poucos escrupulos a pequena. Por isso tambem tenciono jogar com ella jogo liso e franco. Antes de a arrojear ao estrado das Pompadour, hei-de negociar o contracto.

Havia na linguagem de D. Carlos um cynismo tão impudente, que Sebastião de Carvalho, apesar de costumado a não olhar para os meios comtanto que alcançasse os fins, não pôde reprimir um movimento de repugnancia.

— Isto no fim de contas é abjecto, murmurou elle.

— O que, sr. Sebastião de Carvalho? perguntou com assombro D. Carlos de Mendoza.

— Tudo, estas negociações, estes contractos, estas luctas de alcova, respondeu o ministro, levantando-se e passeiando na sala. Que mundo este em que vivemos! O monarcha fluctua entre a alcova e o confessorio, e ahi é que residem as verdadeiras influencias que o dominam; ahi é que é preciso ir procurar-as e cortejar-as, se se quer governar, se se quer arrancar um paiz á miseria, á ignorancia, ao aviltamento. Porque é que se conserva no poder o duque de Choiseul em França? porque é um habil e intelligente ministro? porque dirige com acerto a politica nacional? não; é porque a Pompadour o protege, e, se não fosse a protecção da favorita, Choiseul seria derrubado pelos jesuitas que o odeiam. E eu, se quizer resistir á influencia do confessor, hei de procurar a influencia da amante. Pois que caminho tenho a seguir? Posso por acaso contar com a persistencia no poder, se os jesuitas de um lado, e a marquezinha de Tavora do outro dirigirem contra mim as suas baterias? Ah! intrigas miseraveis, vilissimos caminhos por onde se ascende ao poder! Por maior que te supponhas, embora sejas Richelieu ou Colbert, se tens a desgraça de viver n'este seculo depravado, has-de curvar-te para entrar por estas portinhas estreitas, por estes corredores mesquinhos, a não ser que tenhas a felicidade de que algum grande acontecimento, algum successo extraordinario te ponha em evidencia, e te torne indispensavel ao rei, á nação, á corôa, e te ponha sobranceiro a todas as fluctuações da consciencia do soberano, a todos os caprichos do seu coração.

Sebastião de Carvalho proferira este monologo como que de si para si, em phrases entrecortadas, que apenas formavam como que um murmurio indistincto. Quando acabou comtudo, ao olhar para D. Carlos, viu-lhe um sorriso ligeiramente ironico a fluctuar-lhe nos labios. « Ainda tens escrúpulos ridiculos, dizia esse sorriso, que tristissimo estadista! »



Sebastião de Carvalho quasi que se envergonhou de ter dado uma prova de fraqueza, e de se ter deixado arrastar a revelar em voz alta o segredo das suas repugnancias. Rapidamente, como quem se apressa a tomar uma droga nauseabunda, mas indispensavel á saude :

— Bem ! bem ! disse elle. Estas, coisas afinal de contas, estão na alçada da sua consciencia e não da minha. Que essa menina adquira ou não influencia sobre o animo de el-rei, é-me indifferente. Basta-me que destrúa no seu espirito o predomínio perigoso da marquezia de Tavora. A audiencia está concluida.

Fez um gesto como para despedir D. Carlos. Este porem não se moveu.

— Temos mais alguma coisa ? perguntou Sebastião de Carvalho.

— Oh ! uma ninharia. Em primeiro logar v. ex.<sup>a</sup> não ignora que as despezas da casa luxuosa da futura Pompadour...

— Bem ! bem ! de quanto precisa ?

— De dois mil cruzados.

— Dois mil cruzados ! acudiu Sebastião de Carvalho, sempre economico ; está louco ? Não tem recebido a sua mezada ?

— A mezada, que v. ex.<sup>a</sup> me arbitrou, chegava-me emquanto eu precisava unicamente de lidar com frades e fidalgos, mas agora que tenho a honra de receber em minha casa sua magestade el-rei...

— Está bom, interrompeu Sebastião de Carvalho, sentando-se á meza e escrevendo rapidamente um papel, ahí tem o dinheiro.

D. Carlos de Mendoza dobrou cuidadosamente a ordem de pagamento, metteu-a na algibeira, e accrescentou :

— Uma ordem de prisão contra o tenente do regimento de cavallaria do Caes, Luiz Correia de Faria e Mello.

— O que fez elle ? perguntou Sebastião de Carvalho franzindo o sobr'olho.

— Era o namorado da pequena e anda-lhe na pista. Qualquer dia atina-me com a casa. Felizmente eu tenho duas residencias, uma, verdadeiro alojamento de estudante, ao pé de Santo Antão, outra, ninho de amores, a S. Paulo. A primeira já elle a encontrou, e ronda-m'á de dia e de noite, que eu bem sei, mas a segunda não a descobre assim, só se lh'a disserem tres pessoas: v. ex.<sup>a</sup>, el-rei e Pedro Teixeira. Mas em todo o caso o rapaz é teimoso, e é indispensavel estar uma pessoa prevenida contra elle.

— Bem! bem! redarguiu o ministro; quando fôr necessario, falle-me n'isso, veremos como se ha de providenciar. Em Portugal não temos Bastilha, e, ainda que a tivessesmos, não sou homem que dê *lettres de cachet* em branco.

— E' que de um momento para o outro, podemos transtornar tudo. Demais a mais, v. ex.<sup>a</sup> não me authorisa a dar cabo d'elle!...

— Não o authoriso de certo, mas não me disse que o rapaz era militar?

— Tenente de cavallaria.

— Bem, dá-se-lhe uma companhia de cavallos do regimento de Chaves. Toma os ares da provincia de Trazos-Montes que são saudaveis, e consola-se da perda da noiva com a espada de capitão.

— Diz v. ex.<sup>a</sup> muito bem, redarguiu D. Carlos de Mendoza inclinando-se, tenho de me curvar sempre diante da sua superior perspicacia.

O ministro não respondeu ao cumprimento. Fez um gesto de despedida, e D. Carlos, curvando-se de novo, sahiu do aposento.

Apenas o viu desaparecer, Sebastião de Carvalho ergueu-se e soltou um longo suspiro de allivio. Depois abriu uma janella, murmurando:

— Renovemos o ar do gabinete. Este velhaco empes-  
touse-m'ó. Puh! que nojentissimos instrumentos se vê  
obrigado a empregar um secretario de estado de sua  
magestade fidelissima.

Ao mesmo tempo, D. Carlos de Mendoza, sahindo, acariciava na algibeira a ordem dos dois mil cruzados e murmurava:

— Julgas-te muito perspicaz, e não sabes que, transferindo o Luiz Correia, vaes ainda além dos meus desejos. O rapaz não obedece, é considerado desertor, é preso e fuzilado. Aqui está o que elle ganhou na troca, graças aos misericordiosos escrupulos do illustre ministro.

O cruel sorriso, que lhe era habitual, veio franzir-lhe os labios. Passava então por diante das janellas do ministro; vibrou-lhes um olhar de odio profundo, e continuou, monologando:

— Tambem tu me desprezas! Ah! ajustaremos contas. Seja Thereza a Pompadour, que eu te direi se tu serás Choiseul.



## IX

### Infamias doiradas

Sahindo do palacio da rua Formosa, D. Carlos, seguiu a rua até ao fim, voltou á calçada do Combro, caminho da Esperança, e, cortando depois por uma das ruas ingremes que desciam para a margem do rio, virou para o lado de S. Paulo, e parou emfim n'uma das viellas estreitas e pouco aceiadas, que rodeiavam a egreja. Chegando ao pé de uma casa de modestissima apparencia, abriu a porta com uma chave que tirou da algibeira, e dir-se-hia que, em vez de abrir simplesmente uma porta escusa, pronunciára as magicas palavras: «Abre-te, Sésamo», que, no conto celebre das *Mil e uma noites*, mostram de subito ao estupefacto Ali-Baba as riquezas maravilhosas da caverna dos quarenta ladrões.

Effectivamente o interior da casa contrastava de um modo notavel com a sua mesquinha apparencia. Ricos

tapetes forravam as escadas, as salas eram uma maravilha de luxo e de gosto. Atravessando-as sem se demorar um instante, D. Carlos levantou enfim um reposteiro, e entrou n'um camarim, verdadeiramente encantador, forrado de seda azul, onde uma senhora, elegantemente vestida, recostada n'uma ottomana, parecia entregue a profundo scismar. N'um dos cantos do aposento uma harpa indicava as predilecções artisticas da dona d'esse recinto encantado.

A tarde era de outubro, já por conseguinte pequena e de si pouco luminosa. N'aquella rua estreita e escura, o sol não fazia senão curtas visitas, e os pesados cortinados das janellas ainda cerceavam o minguado esplendor que elle derramava alli. Immersa na sombra do aposento, a physionomia formosissima de Thereza (os leitores já a reconheceram) tomava não sei que vagos tons de melancholia, que até ahí lhe eram estranhos. Estremeceu quando viu desviar-se o reposteiro, porque o tapete, abafando o ruido dos passos, não a deixára sentir a aproximação de D. Carlos. Ao reconhecê-lo, ergueu-se, soltando um grito de alegria, e correu a elle, passando-lhe os braços á roda do pescoço.

— Julguei que não vinhas, Carlos, disse-lhe ella no tom da verdadeira paixão. Porque me deixaste por tanto tempo só?

— Queridinha, creio que não imaginas que havemos de passar a vida arrulhando como dois pombos sempre mettidos no ninho; ou não suppões de certo que eu seja um Tircis como o das eglogas do cabelleireiro, que deva cantar na frauta rude, ou na branda avena, *per omnia secula seculorum*, as perfeições de Amaryllis.

Thereza reciou, soltando um suspiro.

— A tua zombaria é cruel, Carlos.

— Eu não zombo, menina, respondeu elle; agora o que sou é um homem positivo e pratico.

— Depressa morreu o teu amor, continuou Thereza offendida.

— Não morreu tal, estás enganada, acudiu Carlos

receiando ter ido mais adiante do que lhe convinha no seu desprendimento, pelo contrario cada vez se torna mais violento e intenso. O que é necessario é que tu comprehendas a vida como ella é, e não como a sonham Garção e os seus companheiros da Arcadia, que por desgraça frequentavam a tua casa e te encheram a cabeça de sonhos ridiculos e de pastoraes ineptas. Queres uma choupana e o meu coração? O teu desejo é facil de satisfazer. Vendemos todo este luxo que nos rodeia, e vamos viver para Loures, tu fazendo queijos, e eu guardando o manso gado. Nunca saio de ao pé de ti, acompanhas-me quando as vaccas forem pastar, e eu digo versos do Quita quando tu as ordenhares. Serve-te isto?

Thereza ficou silenciosa.

— Não te serve, bem sei, continuou D. Carlos, porque a tua alma é muito superior a esses disparates. Amas o luxo e tens razão, porque o luxo dá um realce admiravel á tua gentileza, é a moldura predestinada do teu rosto encantador. Gostas de sentir o ranger das sedas, de afastar com as mãos delicadas os pesados reposteiros de damasco; pois tudo isso, minha querida Therezinha, não se alcança facilmente, quando não se tem uma riqueza hereditaria. E eu quero que tu goses todos os prazeres, que te illuminem todos os esplendores da opulencia. Dize ainda que não te amo, louquinha.

— Perdôa-me, Carlos, tornou ella, affagando-o de novo. Perdôa-me, mas olha... custa-me tanto a solidão! Estas longas horas que aqui passo retirada, escondida, ouvindo apenas os vagos rumores das ruas distantes, porque esta é um sepulchro, e o lidar da preta na cozinha, pungem-me deveras. Acorda então a memoria do passado, e quasi tenho remorsos, Carlos.

— Remorsos! remorsos de que? Remorsos de ter abandonado uma familia, que, pelo facto de te haver dado pão e abrigo, que nunca te faltariam, porque a Misericordia velava por ti, queria contrariar as inclinações

dó teu coração! Mas, olha, Therezinha, se, em vez de sentires remorsos, o que tu sentes são saudades, estás ainda a tempo. Luiz Correia procura-te por toda a parte, e estou certo que te receberá de braços abertos, se correres, de lagrimas nos olhos, a pedir-lhe perdão da tua fuga.

D. Carlos disse isto n'um tom de fingido resentimento; mas a sua voz secca e aspera dava um tom insultante ás palavras, que elle queria que simplesmente exprimissem o despeito de um homem apaixonado. Por isso Thereza, franzindo o sobr'olho, em vez de fazer protestos amorosos, exclamou:

— O que! pões-me fóra, Carlos! Abandonar-me-hias assim depois de... E atiras-me aos braços de Luiz como uma concubina de que se está farto, e que se entrega como esposa a um homem honrado, que, julgas talvez, terá a... generosidade de a aceitar... Isso é infame, Carlos.

— Quem te diz semelhante coisa, filha? Deus! que genio o teu! Pois eu podia lá nunca abandonar-te! Eu que estou prompto a fazer por ti os mais penosos sacrificios!

— Ai! continuou elle mudando o tom da conversação, e fallando com jovialidade, creio que não é das coisas mais agradaveis estarmos a inventar assumptos de discordia, quando o jantar nos espera. Vamos, louca, vamos, e lembra-te sempre que eu só desejo que sejas feliz, rica, adorada e soberana.

E, passando o braço á ródá da cintura de Thereza, levou-a quasi suspensa para a sala de jantar. Ella deixou-se ir enlevada, e captiva d'aquelle homem, que a fascinára, desde que o vira. Em mutuos beijos, em protestos apaixonados correram os primeiros momentos do jantar; ainda o amor sobrepujava o appetite. Mas Carlos não era homem que olvidasse as exigencias do estomago. Quando entendeu que já arrulhára sufficientemente para acalmar as primeiras susceptibilidades de Thereza, passou a exercicios gastronomicos, muito mais substanciaes do que osculos apaixonados. A so-



bremeza fôra já necessário accender luz; o clarão das vellas scintillava nas garrafas de cristal, onde brilhavam os vinhos mais generosos. Então entre o tinir dos côpos, D. Carlos soltou a sua veia cynica; as theorias mais aventurosas, expostas na linguagem mais original, pullularam-lhe dos labios. Thereza ria, ainda que ás vezes sentia como que um calefrio nas costas ao escutar certas doutrinas. Mas a animação dos vinhos, o reflexo das luzes faziam verdadeiramente gentil aquelle depravado moço; brilhava-lhe nos olhos um fogo estranho, parecia o archanjo das trévas, bello de orgulho e sarcasmo, como o sonhou, como o viu Éloa, a apaixonada virgem de Vigny. E Thereza olhava-o, e deixava-se arrastar na esphera da sua attracção fatal e corruptora de todos os sentimentos bons.

—Thereza, disse Carlos quando já tinham acabado de jantar, e ella com as faces incendiadas e os olhos brilhantes se recostava mollemente na cadeira e o ouvia com enlevo, Thereza, tu tens a formosura ardente e endoidecedora de uma antiga bacchante. Se ha existencias anteriores, foste por força em tempo uma das que despedaçaram na Thracia o pobresinho do Orpheu, como hoje devorarias qualquer poeta que viesse arrulhar-te aos pés endeixas apaixonadas. Que de chammas que ha no teu olhar! Que ardente organisação a tua! És uma d'essas tentadoras legendarias, cujo nome resôa através dos seculos como resumindo em si todo o prestigio indefinivel da formosura feminina. Se vivesses nos tempos mythologicos serias a Omphale que obrigou a fiar a seus pés o Hercules aventureiro, nos tempos da Odysseá serias a Circe cujos philtros tiveram seduzido Ulysses, nas épocas biblicas serias a Dálila que rendeu Sansão. Nas tuas pupillas ha o reflexo vago de todas as voluptuosas chammas que enlouqueceram os heroes, os deuses e os reis.

—Mas que te não enlouquecem a ti, não é verdade? disse *coqueteando*, mas interiormente cheia de ufania, a vaidosa menina.

—Que me enlouqueceram a mim, e a outros mais poderosos do que eu.

—Que me importam os outros? disse Thereza com verdadeira paixão.

—Ah! sim, sim, despreza-os, mas domina-os. Oh! a organização humana é de uma complexidade espantosa. No amor, ainda o mais apaixonado, ha sempre uma parcella de orgulho. Se dissessem a um homem que a mulher que elle adora devia, pelo prestigio de uma fada, parecer a todos os outros hedionda e repugnante, acreditas que esse amor não diminuiria forçosamente? Que immenso orgulho, que intima voluptuosidade não sentimos quando vemos os outros curvados aos pés da deidade que possuímos, e nós, escondidos n'um canto da sala, pensamos que o amor tão cubiçado d'essa mulher é nosso e só nosso, que, d'ahi a um momento, quando esses cortezãos da formosura se afastarem, levando nos olhos e no coração a imagem d'essa mulher; ella se aproximará de nós, e, passando-nos os braços á roda do pescoço, nos dirá: Amo-te só a ti, a ti só, entendes?

—Pois nunca suppoz, Carlos, que seriam essas as tuas predilecções; disse Thereza rindo.

—Porque?

—Porque, desde que abandonei tudo por ti, não me tens exposto muito á admiração do mundo.

—Fatiga-te o viver aqui isolada, n'esta solidão profunda?

—Se estivesses ao pé de mim, não me cançava, mas sósinha, sósinha sempre, e tão sosinha que estes momentos que hoje me concedes são já quasi como um oasis no deserto da minha existencia actual...

—Disse-te que era necessario, filha, e depois, tu bem sabes, a borboleta, antes de espanejar ao sol as azas iriadas, vive muito tempo escondida na chrysalida. Esta casa fria e escura, que procurei tornar ao menos, para ti, um ninho macio e fofo, é a tua chrysalida, borboleta.

—O que! disse Thereza batendo as palmas, e não tardarei a sair d'aqui?

—De certo.

—E poderei dar-te ufana o braço, e apparecer nas salas, e ir ao Terreiro n'uma carruagem, levando-te ao meu lado, ou n'uma cadeirinha, indo tu á portinhola, montado garbosamente n'um bonito cavallo? É o meu sonho, sabes?

—Julguei a tua phantasia mais audaciosa! Pois nunca levantaste mais alto as tuas aspirações?

—Mais alto?

—Sim; parece-me que a tua phantasia vâo muito terra a terra. Rasteja no Terreiro do Paço! Pois as tuas azas não a erguem ao menos, como a passarola do padre Bartholomeu de Gusmão, até ás janellas do palacio da Ribeira?

Nos olhos de Thereza fulgurou um relampago de alegria.

—Ah! sim, disse ella com voz trémula, entrar no Paço; atravessar áquelles salões doirados, vêr de perto o soberano, viver no meio dos esplendores da realesa, poder erguer ali a fronte, como tua esposa, D. Carlos, oh! esse, bem o sabes, apesar de nunca ter ousado dizer-t'ó, porque não queria que suppozesses que te regateava o sacrificio, esse é o meu desejo mais querido.

—Como minha esposa! exclamou D. Carlos friamente. Olha, é necessario que me entendas bem; não tenho duvida alguma em casar contigo, ainda que acho essa cerimonia absolutamente ridicula. A ligação de duas almas escusa de outra sancção que não seja a do livre amor. Algemar essa liberdade por um contracto é como que suspeitar que não basta o affecto para manter indissolúvel esse laço, e tomar garantias para o futuro.

—Comtudo pareceu-me, balbuciou Thereza, que não reputavas completamente frívolo e ridiculo o matrimonio, porque hontem a esses fidalgos que vieram vêr-nos apresentaste-me como tua esposa.

—Porque não fui eu que fiz a sociedade, e dictei as leis que a regem, e um homem superior tem forçosamente de se conformar com os preconceitos do meio em que vive. Mas entre nós acharia escusada, acharia desnecessaria essa cerimonia. Comtudo, se assim o de-sejas, dize uma palavra, e vamos a S. Paulo. O que eu não quereria porém era que esse sacramento, como dizem os beatos, fosse para ti fonte de escrupulos que te prendessem, e te inhibissem de subir até onde pôde levar-te o teu destino.

—Não te percebo, Carlos, murmurou ella com um certo terror.

D. Carlos hesitou um instante; por muito depravada que fosse a sua indole, por muito que elle houvesse procurado imbuir Thereza nas suas theorias perversas e desmoralisadoras, por muito pouco que acreditasse nos seus bons sentimentos e no seu pudor era necessario fazer um esforço de coragem para dizer a essa mulher, que no fim de contas o amava, o que d'ella pretendia.

Por isso procurou ainda alguns circumloquios.

—Sabes, disse elle, emquanto Thereza o encarava com anciedade, sabes quem era aquelle fidalgo meu amigo, que hontem se mostrou tão teu admirador, e que te devorava com os olhos, quando tu cantavas admiravelmente, acompanhando-te com a tua harpa?

—D. José de Portugal?

—D. José de Portugal, sim. Não sabes quem elle era?

—Algum fidalgo da familia Vimioso ou Valença. Não é raro esse appellido na aristocracia.

—Bem sei. Esse appellido comtudo não seria usado, por D. José, se vivesse ha pouco mais de um seculo. Então chamar-se-hia simplesmente D. José de Bragança.

—Ah! exclamou Thereza; porque?

—Porque o homem, que esteve hontem em nossa casa, era D. José I, rei de Portugal.

—El-rei!

E um instante a vaidade predominou acima de todos os outros sentimentos no espirito da formosa menina;

foi um instante só. Os sobr'olhos franziram-se-lhe, e uma lagrima tremeu-lhe na franja das assedadas pestanas.

—El-rei! continuou ella. E que vinha cá fazer? Porque o trouxeste?

—Não o trouxe eu, redarguiu D. Carlos um pouco perturbado. Pedro Teixeira, de quem sou antigo amigo, e que é criado particular d'el-rei, disse-me que me havia de visitar com um fidalgo que lhe era muito afeiçoado e que desejava muito tratar-me. Assim que elles entraram, reconheci logo o soberano. Calei-me, e fiquei a scismar no motivo, que podia levar sua magestade a aventurar-se nos lamações de uma rua de detrás de S. Paulo. Esse motivo não me foi difficil adivinhal-o. Era a fama da tua belleza que o attrahia aqui.

—Mas mudemos de residencia, Carlos, saiamos de Lisboa, vamos visitar o teu paiz. Viajar! viajar era o meu enlevo. Ó Carlos, fujâmos!

—Fugir! Para que? Estás louca? Temes que el-rei te metta n'um carcere? Captivo está elle de ti, captivo e doido de paixão.

—Mas eu não o amo a elle, nem quero amal-o. Amo-te a ti, a ti só!

—Tambem Leonor Telles amava o conde Andeiro, tambem Maria Stuart amava David Rizzio, e isso não impediu aquella de se deixar adorar por D. Fernando, esta de se deixar adorar por Henrique Darnley, e de fazerem servir o prestigio das suas resplandecentes formosuras para darem aos escolhidos do seu coração as honras e as riquezas.

—E para os levarem tambem a cair apunhalados aos pés d'ellas.

—Se é essa a sorte que me espera, acceito-a sem tremer, respondeu D. Carlos; que eu morra a teus pés, beijando a fimbria do teu vestido, chorado pelos teus olhos formosissimos, mas depois de termos saboreado ambos todas as alegrias, todas as glorias d'este mundo, depois de termos calcado aos pés os poderosos do mundo, de termos escarnecido das ambições cortezãs,

depois de termos bebido a largos tragos a taça da existencia risonha e feliz. A morte do conde Andeiro, a morte de David Rizzio, oh! mas é essa morte exactamente a que eu anhele; como a mulher que me hade ter sempre a seus pés hade ser a que possuir, como Leonor Telles ou Maria Stuart, a aureola do prestigio e da fascinação, a que souber ser peccadora, porque preferi sempre, quando visitava os museus de Roma e de Veneza, as pallidas Magdalenas do Guido, as ardentes cortezãs do Ticiano ás inspidas Madonas de Raphael.

—Oh! mas isso é infame, exclamou Thereza com os labios cerrados e brancos de colera, roubaste-me de casa então para me vender? não é assim?

—Não, exclamou D. Carlos procurando dar ás suas palavras um tom apaixonado, e caindo-lhe aos pés, roubei-te de casa porque te amava ardentemente, e porque ainda te amo, é que não posso resignar-me a vêr-te aqui, sepultada n'esta casa obscura e misera. cujo luxo ephemero não posso sustentar, quando desejava que tu fosses rainha e opulenta, que podesses esmagar todas as rivaes com a tua formosura realçada por todos os esplendores da existencia. Quero que subas ao pinaculo mais alto da sociedade, a que póde subir uma mulher que não nasceu n'um throno, embora eu chore lagrimas amargas ao pensar que outro homem te possue, embora eu deseje ir apunhalal-o á porta da tua alcova. Mas acima de tudo está a tua felicidade, e contentar-me-hei com a esmola do teu amor, com um aperto de mão furtivo, com um olhar enternecido. Sê feliz, sê grande, governa, tu que juntas a uma belleza deslumbrante uma alta intelligencia, governa este paiz miseravel, sê a Ignez Sorel d'este Carlos VII indolente, a duqueza de Châteauroux d'este Luiz XV effeminado. Que os ministros te consultem, e se reunam nos teus aposentos, como se reúnem em França nos quartos da Pompadour. Está-te aberto o caminho, sobe ás alturas do poder, da riqueza, da felicidade, e eu irei para bem longe d'aqui, se tu quizeres, esconder-me na som-

bra, alegre por ter chamado sobre a tua cabeça intelligente e gentil as benções de um povo, alegre por te haver arrancado da obscuridade, e ter-te feito, como mereces sel-o, poderosa, rica e feliz.

—E deshonrada, esqueceste-te de o dizer! exclamou Thereza, não podendo conter as lagrimas que lhe saltavam dos olhos.

—Thereza!

—Oh! cala-te. Não me illudem já os teus sophismas. Percebo agora que sempre me despresaste, que, vendo a facilidade com que acolhi os teus galanteios, a facilidade com que te segui, imaginaste que eu era uma mulher sem escrupulos, sem honra, sem pundonor, uma mulher venal que seria nas tuas mãos um instrumento de ambição e de riqueza. Enganaste-te, entendes? porque eu sou louca, mas não sou vil. Segui-te sim, sem hesitação, porque te amei, porque a minha organização ardente e rebelde encontrou em ti o ente que a domaria e a fascinaria sempre, se quizesse. Pretendi a liberdade, e despresei as leis, as considerações do mundo. Gosto de tudo quanto brilha e seduz, amo os bailes, os espectaculos e os applausos da multidão, mas amo sobretudo a independencia. Tudo o que é vil me repugna, tudo o que é baixo me enoja. Seguiria o homem que eu amasse até ao inferno, e hoje mesmo, entendes? apesar de reconhecer a villania do teu character, seria capaz de te acompanhar na miseria e na proscricção, mas não daria um passo para me ir entregar a um homem que não amo, mas apunhalar-me-hei antes do que consentir que me negociem assim. Se fundavas na minha supposta acquiescencia alguns planos de ambição, podés abandonal-os, porque eu não consinto que me vendas, percebes?

Thereza estava sublime de indignação dizendo isto; a colera affogueava-lhe as faces, purpureava-lhe os labios, e fazia-lhe scintillar chammias nos olhos. D. Carlos erguera-se lentamente, e, sombrio, impassivel, encarava-a de sobr'olho franzido.

Quando ella acabou, D. Carlos cruzou os braços, e, com uma voz um pouco secca e rude, que contrastava com os tons suaves e acariciadores que ainda ha pouco empregára, exclamou friamente :

—Engana-se, senhora, se suppõe que eu desejo vendel-a. Já que a sua nobre indignação me obriga a jogar jogo franco, a pôr as cartas na mesa, fal-o-hei, e talvez depois de haver lançado os olhos para o abysmo da minha alma, se arrependa de ter querido satisfazer a sua febril curiosidade.

—Não ha abysmos que me assustem, respondeu altivamente Thereza.

—Pois talvez sinta vertigens ! redarguiu D. Carlos de Mendoza.

Houve um instante de silencio. Thereza sentára-se, e, encostando o cotovello á mesa, n'uma attitude desdenhosa e serena, preparava-se para o ouvir.

D. Carlos passou a mão pela testa e soltou um suspiro profundo. Tinha as feições contrahidas, e no seu olhar como que se espelhavam as paixões selvagens que lá dentro rugiam, e que habitualmente se denunciavam só por esse sorriso cruel e sarcástico, que caracterisava tão profundamente a sua physionomia.

Sentou-se e encostou a cabeça á mão. Depois ergueuse de novo, passeiou um instante na sala, e parou emfim diante de Thereza.

—Vou ter com a senhora a maxima franquesa. Depois, se eu lhe causar horror, fuja de mim, evite-me, que lhe dou a minha palavra de honra que não tornarei a perseguil-a.

—Falle, Carlos, disse ella gelada de terror, apesar da intrepidez que affectára, com o estranhô modo do homem a quem sacrificára tudo.

Era uma comedia ainda que D. Carlos representava ? Quem sabe ? N'estas organizações complexas não ha bem que o mal não manche, não ha mal que não seja doirado por uns reflexos de verdade e de justiça.



## X

### Os filhos da cigana

—Se te amei ou não, começou D. Carlos, é o que pouco deve importar-te. As indoles como esta minha, os destinos semelhantes ao meu, não podem deixar-se dominar completamente pelo amor. O amor, por mais tempestuoso que seja, é o furacão a agitar um lago, e a minha alma é um mar onde rugem vendavaes oppositos.

«Comtudo é certo que nenhuma mulher me produziu tamanha impressão como tu. Attrahiu-me para ti uma irresistivel *sympathia*, e durante alguns mezes da minha existencia não pensei senão em conquistar o teu affecto, sem ir mais longe o meu pensamento, sem levar as minhas aspirações a mais do que ao bem supremo de possuir-te.

«Consegui ser amado, e amado como sabem amar

as organizações semelhantes á tua. Vieste para mim, e durante alguns dias julguei ter entrado no Paraizo. Mas Satanaz não volta nunca ao logar das eternas delicias, e, se o seu vôo audacioso consegue por um instante leval-o a contemplar de perto as ethereas claridades de que se viu para sempre privado, não tarda a chamal-o a attracção do abysmo, e as suas azas negras e pesadas fazem-no cair de novo na eterna tempestade do inferno.

«Vendo-te assim tão bella, tão intelligente, superior emfim a todas essas beatas de acanhado espirito que enxameiam em Lisboa, o pensamento de vingança, que toda a minha vida me tem perseguido, tornou a salteiar-me, e tive a idéa de te associar aos meus projectos, de fazer de ti ao mesmo tempo a mais rica, a mais respeitada de todas as mulheres de Portugal.

— Mas que vingança era essa? mas que projectos eram esses? disse Thereza, olhando com espanto para o seu estranho interlocutor.

— Para que os percebas, precisas de saber quem eu sou. Chamam-me D. Carlos de Mendoza, foi o nome que eu tomei, e os escrupulosos genealogistas, que por ahí abundam, escravos não só dos fidalgos, mas de todos os que têm dinheiro bastante para lhes comprarem vinte avós nobres, riem-se ás escondidas do meu nome hespanhol, e espalham que sou um plebeu que se pavoneia com um appellido que lhe não pertence. Não é meu effectivamente, mas o nome que me competiria sôa bem mais alto do que o de Mendoza, o nome que me competiria seria o de D. Carlos de Portugal ou o de D. Carlos de Bragança.

— De Bragança! exclamou Thereza estupefacta.

— Sim, de Bragança, porque eu sou filho d'el-rei D. João V.

Thereza encarou pasmada o rosto do seu amante. Não encontrou nem uma sombra da sua habitual expressão de sarcasmo e de ironia. Os olhos lançavam-lhe chispas de fogo. Uma contracção amarga franziu-lhe

os lábios, e as sobrancelhas carregadas augmentavam-lhe o aspecto sombrio. N'esse momento não mentia de certo; a sua historia lia-se-lhe na fronte annuviada, na colera do olhar, na expressão cruel e violenta dos lábios cerrados como para reprimirem a torrente de palavras amargas que lhe irrompiam do coração.

— Filho de D. João V, sim, repetiu elle, mas fui um dos desherdados, fui um dos infelizes que o seu regio capricho semeou pelo paiz, e de cuja existencia não se lembrou mais. Ah! é que nem todos os galanteios dos monarchas pódem ser confessados á luz do dia e aos olhos da côrte. Quando a amante é alguma fidalga das primeiras familias do reino, ou alguma freira dos conventos aristocraticos, então é licito á mulher que assim olvida os seus deveres mostrar publicamente a sua deshonra, ufanar-se d'ella, e apresentar ao respeito do mundo os fructos d'esse vilipendio. Então é-se quasi rainha, é-se madre Paula, tem-se um palacio extra-conventual, e o favor do monarcha ostenta-se como um titulo de gloria, ou então, se o soberano, n'uma hora de bom humor, quiz ter junto de si os fructos de algum capricho menos elevado, esses rapazes, reconhecidos officialmente como possuidores de sangue regio, recebem honras, titulos, dignidades e largas rendas, são os meninos de Palhavã; os outros são lançados á margem, como os filhos de qualquer misero camponez, e por ahi vagueiam obscuramente, provas vivas de que n'esta sociedade carcomida o acaso hade presidir sempre ao destino dos homens; primeiro o acaso do nascimento, depois ainda o acaso do capricho paternal de um rei!

Teve uma pausa. Com os punhos cerrados, girava a passos largos pelo aposento. Depois parou de novo diante de Thereza.

— Sou filho de um rei, entendes? continuou elle, e com essas palavras malditas me embalou minha mãe. Quando tinha fome, porque a tive e muitas vezes, quando caminhava de pés descalços, fatigado, exausto por essas estradas aridas e desertas da Hespanha, minha

mãe, acariciando-me, dizia-me: «És filho de um rei!» e eu não sentia a fome, porque essas palavras alimentavam-me de sonhos, e não sentia o cansaço porque julgava sempre que ao cabo da jornada me abriria as portas algum palacio faustoso, onde dormiria em leitos de ouro com amplas cobertas de seda. Filho de um rei! essas palavras echoavam-me nos ouvidos, e os hespanhoes riam-se quando me viam embuçado com ares sollemnes e magestosos nos meus immundos farrapos. Filho de um rei! mas fôra esse verdadeiramente um escarneo do destino que me negaceava com um pedaço de purpura, como os matadores negaceiam o touro com a capa escarlata que os enfurece. A infancia povoou-se-me assim de devaneios radiosos, e, quando veio a mocidade, quando fui homem, julguei que todas as portas se abririam diante de mim, que não teria senão o trabalho de apparecer para que a vida se me transformasse n'um risonho paraizo matizado de flores. Succedeu-me o contrario; eu era dos proscriptos. Quando vim a Portugal, quando pronunciei o meu nome, quando invoquei os direitos da minha gerarchia, escarneceram-me, expulsaram-me a chicote, ameaçaram-me com a cadeia. E eu que, ufano com o meu destino glorioso, entendera que me devia tornar digno d'elle, eu que nas digressões que emprehendi pela Europa, tinha sempre em vista o papel que viria a desempenhar na vasta scena do mundo, e me preparava para o representar com dignidade, quando cheguei a Portugal, encontrei... o latigo dos esbirros. E não fui só eu o insultado, foi minha mãe enxotada do reino, como se poderia enxotar uma leprosa.

Um soluço, que não pôde reprimir, veio como que rasgar o peito do homem que fazia tão estranhas revelações. Thereza involuntariamente pegou-lhe na mão, e apertou-lh'a em silencio. Os olhos da gentil menina estavam marejados de lagrimas.

Carlos soltou a mão d'entre as d'ella, e, desempenhando mais a sua alta estatura, proseguiu:

— E entretanto, vagueando, com olhos avidos, em torno do paço da Ribeira, podia vêr á noite, atravez das janellas illuminadas, as sombras de meu pae e de meus irmãos passarem altivas e erectas entre duas fileiras de cortezãos ajoelhados, que lhes beijavam respeitosaente a mão. E eu, sumido nas trevas, tiritando de frio no terreiro do Paço, sentia uma amargura profunda invadir-me o espirito, e o fel trasbordar-me em torrentes, e, azedando-me o coração, dar origem a um odio profundo, intimo e cruelissimo, que se tornou em breve a minha preocupação predominante. Pois não me cabia tambem, por direito de nascimento, um quinhão n'aquelles esplendores? Não fôra eu um dos escolhidos? Não me girava nas veias o sangue real, se o sangue que nos gira nas veias tem de influir nos nossos destinos? Porque motivo era eu o desherdado? Eu que sentia em mim a força de character, a intelligencia a dizerem-me que me havia de sentar, mil vezes melhor do que esse automato que hontem viste, no throno de meus maiores? Outras vezes via eu parar á porta do Paço umas carruagens esplendidas, guiadas por criados de vistosas librès, e apeiarem-se uns moços da minha idade, de physionomias estupidas e beatas, diante dos quaes todos se curvavam tambem. Quem eram elles? Eram d'el-rei, bastardos como eu, nascidos fôra filhos do thalamo regio. Mas a esses favorecia-os o destino, a esses queria-os seu pae nos degraus do throno, e eu... eu era proscripto, desprezado, expulso, eu era o filho da cigana!

— Da cigana! exclamou Thereza com um gesto de doloroso espanto.

Mas D. Carlos nem reparou na interrupção.

— Jurei vingar-me, continuou elle, das injustiças, dos escarneos da sorte. Esse logar, que me pertencia e que me não deram no banquete da grandeza e da opulencia, determinei conquistá-lo por todos os modos. Arrojavam-me para a lama, na lama me arrastaria até subir ás eminencias d'onde me despenhavam. Sai de Portu-

gal, voltei a Hespanha, segui o caminho de Gil Blas, o aventureiro heroe de Lesage, fui como elle lacaio e secretario. Tomei o nome de D. Carlos de Mendoza; ninguem me perguntou d'onde elle me vinha, quando me viram valido do ministro, senhor das graças e das mercês. Mas não era em Hespanha que eu queria conquistar a preponderancia. Demais, o ministro que me protegia, foi desterrado e eu recai na miseria mais profunda, na obscuridade mais densa. Vim para aqui, seguro de franquear dentro em pouco as portas douradas do Paço. Mas em Portugal perseguia-me sempre a fatalidade. Em vez dos ministros ignorantes, desleixados, cuja confiança tão facilmente conseguiria captar, encontrei um homem de um caracter de ferro, de uma intelligencia a um tempo flexivel e robusta, de um trabalho incançavel, que tudo quer ver, que tudo dirige, e cuja indole absorvente ha de concentrar em si todos os negocios do reino de Portugal. Estavam-me cerradas as portas; era necessario viver, e viver com luxo, porque eu não me podia já habituar de novo ao pão secco da minha infancia. Tornava-se para isso indispensavel descer ainda mais baixo; descí. Fui ao extremo da abjecção. Entre o ministro e os jesuitas começa uma lucta surda. Hesitei no partido que devia abraçar, e qual seria o que mais depressa me levaria ao ponto a que eu aspirava. Os jesuitas estão enervados, a decadencia penetrou no instituto; em frente d'elles ergue-se um homem que ha de quebrar tudo o que se lhe erguer como obstaculo no seu caminho. Estas vontades inflexiveis têm sempre segura a victoria. Fiz-me instrumento de Sebastião de Carvalho, instrumento tanto mais util quanto antigas ligações contrahidas em Roma me dão entrada franca em Santo Antão e S. Roque. Já estou senhor dos segredos do ministro. Um passo mais, e entro de cabeça erguida no palacio da Ribeira. Entro porém como satellite do actual secretario d'estado dos negocios da guerra, e satellite que hade desaparecer forçosamente na sombra do grande vulto. Não me convem isso. Derrubal-o seria

difficil. Foi então que pensei em associar uma mulher, uma mulher amada, a esta grandiosa empreza, uma mulher que se apoderasse do espirito fluctuante de meu irmão, d'el-rei, que exercesse sobre elle uma influencia mais poderosa do que a d'essa pobre marquezita, escondida na sombra da alcova, sempre com medo do marido, e que parece não acceitar do logar de favorita senão a vergonha sem os esplendores, uma mulher que inspirasse ao rei coragem para se sublevar contra o ministro, para o despedir, e que lhe escolhesse depois outro de sua mão. E eu, dominando o rei pela amante e pelo ministro que saberia apresentar, saborearia com entusiasmo os deleites da vingança. Então n'aquelle Paço, de cujas escaldas era minha mãe expulsa, entrariam commigo a deshonra e as lagrimas. Ah! se eu pudesse levar a realeza para um abysmo, onde se despenhasse desconjuntando-se essa machina monarchica! Oh! se eu conseguisse... ou talvez antes, relegando na sombra esse fantasma de rei, exercendo eu mesmo o papel providencial a que Sebastião de Carvalho aspira... Não sei... arde-me a cabeça!... Mas dêem-me o poder, uma parcella d'elle... e eu mostrarei... eu mostrarei quem é... quem é o filho da cigana.

Prostrado pela febre que lhe aquecêra as ultimas palavras, Carlos deixou-se cair prostrado n'uma cadeira. Thereza nem o ouvira. As palavras «filho da cigana» foram as unicas que lhe vibraram dolorosamente no coração, e a despertaram do extasi cruelissimo em que parecia embebida.

—Filho de uma cigana! repetiu ella. É singular! tambem eu... tambem eu sou filha de uma cigana.

—Tu! exclamou Carlos com espanto. Pois não és engeitada?

—Sou, redarguiu Thereza concentrando o seu pensamento em factos que pareciam quasi apagados de sua memoria. Mas antes de entrar no hospicio, vivi, lembra-me bem, n'uma casa que tinha á porta uma latada... aqui, não longe de Lisboa... ao pé de um

convento... sim de um convento... que muitas vezes passavam os frades por diante da porta, e acariciavam-me dizendo: Que olhos negros tem a pequena!

—Uma casa com latada! tornou Carlos tambem com anciedade, ao pé de um convento... nos arredores de Lisboa... mas, em Bemfica... então?

—Sim! sim! exclamou Thereza lembrando-se de subito... Bemfica sim! é isso... Mas... como o sabe?

—Continua, insistiu D. Carlos sem lhe responder. E vivias com tua mãe?

—Não, uma ama... que me tratava mal, que dizia que eu tinha pacto com o demonio... e que me batia ás vezes... Depois um dia appareceu uma mulher... alta... de grandes olhos desvairados... com os cabellos já em parte brancos... tenho-a tão presente... como se a tivesse agora diante de mim... Quando chegou estava eu a brincar... Ella viu-me, e, sem me dizer palavra, começou a beijar-me, e a chorar em silencio... que as suas lagrimas caiam-me boga a boga nas faces... E eu deixava-me beijar, espantada, e encarando-a com os olhos muito abertos... Lembras-te de mim? disse ella entre soluços. Respondi com a cabeça negativamente... Filha, filha, disse ella, pois não vês que sou tua mãe?

—Oh! Deus vingador! exclamou Carlos caíndo sentado n'uma cadeira, com a cabeça encostada ás mãos.

—Não longe d'ella, continuou Thereza, procurando lembrar-se e tão embebida n'essas recordações da sua mais remota infancia que nem dava tento do que se passava em torno de si, não longe d'ella um homem cujas feições se apagaram completamente da minha memoria, mesmo porque mal o vi, contemplava em silencio aquella scena. N'isto appareceu a minha ama, que recebeu muito seccamente a mulher que se dizia minha mãe. Apartaram-se ambas a conversar em segredo, eu ficára pasmada no sitio onde estava, sem brincar, e scismando, parece-me, na doçura d'aquellas palavras que até ahí nunca ouvira. Em fim separaram-se. A mulher alta chegou-se a mim, tomou-me nos bra-



ços, apertou-me ao peito, beijou-me e afastou-se depois, dizendo-me: Até amanhã.

Carlos olhava para ella com estranho desvairamento no olhar. Thereza ia a perguntar-lhe o que tinha, mas elle não a deixou fallar, exclamando com voz impetuosa:

—Continua.

—De pouco mais me lembro, disse Thereza. Perguntei á minha ama quem era aquella mulher que me chamára sua filha.—É o demonio, respondeu ella, puxando-me violentamente por um braço, e mettendo-me em casa á força. Depois sahiu, e voltou d'ahi a instantes. N'essa tarde um frade, que era seu confessor, e a quem votava a maior veneração, veio a casa. Conferenciou muito tempo com ella e partiu. No dia seguinte a ama vestiu-me e saiu commigo.—Eu quero vêr a minha mãe, disse eu.—Has-de vel-a no inferno, filha da cigana. Calei-me. Depois de andar muito, entrei em Lisboa. Era a primeira vez que via a grande cidade. O tumulto da capital, o movimento das ruas deslumbraaram-me. Fiquei no hospicio, e fiquei satisfeita. Depois os brinquedos e os habitos da casa em que entrava obliteraram completamente a scena que só agora com esforço reconstrui. Mas o que nunca se me apagou da memoria foi a imagem d'aquella mulher alta e meiga que se dizia minha mãe; e as palavras que me resoaram sempre nos ouvidos, atravez das vicissitudes da minha existencia ainda tão curta e já tão atravessada de dissabores, foram as que a minha ama me vibrára como um insulto: «Filha da cigana!»

Thereza calára-se, e levantára para Carlos os seus olhos interrogadores, como a pedir-lhe a explicação do modo estranho como elle provocára e ouvira as suas confidencias. Carlos, com o olhar sombrio cravado no tapete, a cabeça encostada a uma das mãos, disse com voz cava e profunda e sem mudar de attitude, como se continuasse a narrativa de Thereza:

—E, enquanto a tua ama te levava para o hospicio,

porque o seu confessor provavelmente lhe dissera que era uma impiedade entregar uma filha a mulher de raça excommungada, tua mãe voltava anciosa a Bemfica a procurar-te para te levar comsigo. Não te encontrou já, mas encontrou essa mulher, que recebêra, para te crear, no tempo em que... teu pae arrojava o oiro ás mãos cheias aos pés da mulher que o fascinára, uma somma que lhe deu decerto com que viver por largos annos... encontrou essa mulher que lhe chamou cigana e excommungada, que a ameaçou com dois familiares do Santo-Officio, que ella prevenira n'esse mesmo dia, e que felizmente ainda não tinham chegado. Aos brados dilacerantes de tua mãe, acudiu gente, mas, apenas a tua ama disse: É uma cigana! uma excommungada! os espectadores começaram a agitar-se de modo tal que tua mãe não pôde fazer mais do que fugir. E fugiu e saiu de Portugal, até que a dôr, o desengano, todas as afflicções moraes que tinham envelhecido a mulher outr'ora tão formosa, a mataram n'uma pobre choupana dos arredores de Caceres. Ah! pobre martyr, quando as desillusões a saltaram em Portugal, quando viu que nada podia esperar do homem que tivera outr'ora a seus pés devorado por uma paixão violenta, resumira toda a sua esperança, toda a sua felicidade em poder levar-te comsigo. Até essa mesma consolação lhe foi negada, e a unica que lhe restou foi a da morte, a da morte angustiosa na soledade e no desamparo.

Saltavam lagrimas como punhos dos olhos de D. Carlos. Thereza, estupefacta, não querendo ainda dar crédito ás indicações do seu raciocínio, olhava para elle com um desvairamento sinistro. Afinal as palavras saíram-lhe, como que meio estranguladas, da garganta.

—Mas... como sabe... isso? Conheceu minha mãe? Quem era minha mãe então?

—Quem era tua mãe? pois não adivinhaste ainda, desgraçada? Era a cigana que um dia logrou enfeitiçar

um rei, mas que por isso também foi expulsa de Portugal como bruxa, apenas o amor de D. João V se apagou quando se apagaram as chammas dos desejos; era a formosa, a arrebatadora Margarida, enlevo de todos os fidalgos de Lisboa, e enlevo acima de tudo do monarca; era... era minha mãe emfim!

—Ah! bradou Thereza caindo como fulminada no chão.

Fôra um vágado apenas. A sua energica organização reagiu contra o golpe que recebêra em cheio, e amparou-a n'aquelle tremendo instante. Olhou para Carlos, que a contemplava de braços cruzados, com um horror profundo, e só pôde balbuciar:

—Por amor de Deus, deixe-me sair d'aqui! deixe-me fugir d'este lugar maldito.

—Para onde, infeliz? e que culpa tenho eu, e que culpa tens tu da desgraça que nos fulmina? Aqui estão dois desgraçados, que a infamia dos homens arrojou ao acaso do destino; encontraram-se, amaram-se, e um dia descobriram que tinham sido gerados nas mesmas entranhas, e que, amando-se portanto, haviam commetido um d'esses crimes por tal fórma terriveis que na antiguidade os julgavam um castigo dos deuses... um incesto!... De quem é a culpa? é d'elles que se não conheciam, que podiam chegar á hora da morte sem se conhecerem, ou é do pae desnaturado que os expôz, despresando-os, a todas essas combinações horrorosas do acaso? É d'elle e só d'elle, é mais uma atrocidade a juntar ás tantissimas de que fui victima.

—Carlos! disse Thereza estendendo a mão como que pedindo-lhe que se calasse, rogo-lhe que não prosiga. Eu não entendo, não quero entender essas subtilidades. Sei apenas que tenho sido castigada cruelmente dos erros, a que me arrastou a minha indole rebelde aos bons conselhos e aos bons exemplos. Achei fria, e prosaica, e insípida a vida de familia que o destino me offerecera como guarida segura, desprezei o amor de um homem honrado, porque o julgava pouco vehemente,

porque sonhava as grandes paixões e as grandes tempestades, e o bulício do mundo e os caminhos fóra do trilho vulgar. Com os olhos fitos n'uma miragem fatal, cujos esplendores a sua perfida voz ainda me exaltava n'essas noites malditas em que tão loucamente o escutei, dei o primeiro passo para o abysmo, e caí logo até ao fundo, até os extremos limites da abjecção e da miseria. Na estrada romanesca da paixão e da aventura, encontrei... o que? a deshonra, o vilipendio supremo, o crime... o crime horroroso, o crime que profana os labios. Estou saciada de torpezas, asphyxia-me-a atmosphera d'esta casa. Deixe-me fugir, deixe-me ir pedir asilo a um convento, que é o unico refugio para as desgraçadas como eu sou.

—Tu para um convento! exclamou D. Carlos sorrindo com desprezo. Estás louca? pois tu és passaro que viva entre grades? És a filha da cigana, e os ciganos querem acima de tudo a liberdade.

—Mas sou mulher, mas no fundo d'esta alma perdida resta-me ainda um fermento de tédio por tudo o que mancha e avilta.

—Acceitas então as humilhações impostas ás arrependidas que buscam aos pés da Cruz o perdão de Deus e o esquecimento dos homens?

—Tudo, menos a villania d'este viver!

—Onde está a villania, senhora? Em me ter amado, em ter sido amada por mim, ou em sermos uma d'estas familias tragicas, como a de Edipo na Grecia antiga, que não podem dar um passo, sem que brotem em torno d'ellas as situações violentas e excepcionaes? Não, nós somos as victimas da fatalidade, mas o instrumento d'ella foi o homem que nos arrojou ao abysmo. Tens a alma elevada e grande que eu sempre te suppuz? Vingate. És apenas uma beata escrupulosa e tímida que não comprehende os lances arrojados da existencia? pede perdão e humilha-te.

—Vingar-me, e de que me heide vingar, e como?

—Do desprezo a que te condemnaram, filha de D.

Jaão V. Tu que devias ter um palacio em que vivesses, tiveste uma cabana humilde e o hospicio dos engeitados. Pois recupera os bens de que te privou a injustiça. Vingá tua mãe, tu que és tão formosa e mais intelligente do que ella, vingá-a penetrando na alcova régia, e calcando debaixo dos teus pequeninos e implacaveis pés os orgulhos da realeza.

—É um outro crime que me propões, infame?

—Sim, é outro. O que! pois tambem n'isto ha-de querer o destino que seja privilegiado esse homem que se senta no throno? Pois não basta que fossem para mim as miserias, os desprezos, as abjecções, as infamias, para elle as glorias, as riquezas, os respeitos, as doçuras da existencia, ainda n'este caso especialissimo, quando o crime de nosso pae nos colloca a ambos na borda do abysmo do crime, hei-de ser eu o impellido pela fatalidade a despenhar-me, e ha-de ser elle o que hade ficar a rir-se da minha desventura, ou mais ainda, indifferente a ella, porque nem sequer a conhece?! Oh! não; Thereza, estás ligada a mim por laços indissolueis. Não invoco os da natureza, invoco os da cumplicidade. Em parte nenhuma te receberiam, porque não és mais do que uma engeitada que se perdeu como tantas outras. Se me quizeres fugir, repara que o meu braço é poderoso e vai longe. Reflecte na situação em que nos achamos. Tens a escolher entre dois caminhos: ou o da riqueza, do poder, do brilho, ou o da miseria e da solidão, porque nunca mais saes d'esta casa, emquanto eu não encontrar tumulto mais sombrio em que te esconda. Pensa bem: ou rainha da mão esquerda, vendo a teus pés os mais fidalgos cortezãos, mirando com desdem a propria rainha exilada pelo teu prestigio do coração e do thalamo do rei; ou mulher morta para o mundo, tendo-me a mim por carcereiro, porque não quero que vás, em saindo d'aqui, ser instrumento da minha perdição. Ou minha alliada n'esta lucta, ou minha inimiga implacavel, e eu sei annullar os inimigos que me incommodam.

A voz de Carlos era vibrante e rude. Todos os maus instinctos da sua natureza infernal despertavam de novo, passada a ephemera commoção, que lhe produzira a lembrança da morte da sua mãe, e das amarguras da sua infancia. A ambição, que o devorava e enlouquecia, despertára com um ardor mais selvagem, agora que via os seus planos em parte desfeitos. Fazer d'aquella mulher, em quem suppunha ter uma decidida influencia, a amante do rei, fôra o seu sonho predilecto; empregára todos os meios para o conseguir. Quando vira que as seducções da riqueza e do poder não tinham actuado no espirito endoidado, mas não pervertido da menina, quizera arrastal-a pelo lado romanesco do seu character, pintando-lhe o seu projecto como uma vingança que tinha o seu que de grandioso. Mas a fatalidade fôra ahi erguer-lhe um outro obstaculo. Thereza era sua irmã, e era irmã do rei. Arrastal-a a commetter conscientemente um incesto era impossivel. Então D. Carlos, perdidos todos os recursos, lançou-se com desespero no ultimo de todos os expedientes—a intimidação.

Mas esse tambem não podia actuar no espirito da energica menina.

—Ah! disse Thereza, erguendo-se e cravando n'elle um olhar feroz, se põe a questão n'esses termos, declaro-lhe desde já que acceito a lucta, e que tem em mim uma inimiga implacavel, inimiga que não recuará diante de meio algum para fazer conhecida de todos a sua infamia e a sua indignidade, que irá, sendo necessario, lançar-se aos pés do rei, e contar-lhe em que laços o queriam prender.

—Ah! isso te juro eu que não fazes.

—Veremos.

—Não luctes commigo, Thereza; esmago-te.

—Quem sabe?

—Estás em meu poder, disse D. Carlos estendendo as mãos para ella, e apertando-lhe os pulsos com tal força que a fez cair de joelhos, estás em meu poder, e ju-

ro-te que nem a força nem a astúcia conseguirão arrancar-te d'aquí. Reflecte e vê se te convem mais accederes ao que te aconselho, ou morreres sepultada n'esta casa.

E, impellido-a de modo que ella foi cair de costas sobre um tamborete, D. Carlos saiu fechando a porta com força.

— Que irmãos! murmurou Thereza com uma ironia acerba na voz, e que amantes!

Soltou um grito de raiva e de dôr. Levantou-se, e, depois de olhar um instante em torno de si como que desvairada, foi sentar-se n'uma cadeira, encostando os cotovellos á mesa, e deixando cair a cabeça sobre os punhos cerrados.

N'isto um som grave e pausado fel-a estremecer. Era o sino da vizinha egreja de S. Paulo que dava dez horas da noite.

A essa hora, em casa de D. Maria de Jesus, terminava o serão e iam todos deitar-se. A boa senhora levantava-se da mesa de costura, punha as mãos e resava uma curta prece, todas as pessoas de familia a acompanhavam no cumprimento d'esse piedoso dever, sem exceptuar a boa criada Dorothea, que, vindo lá da cosinha, parava á porta, resava tambem a sua oração, e dizia: Boas noites nos dê Deus nosso Senhor. Depois Thereza beijava a mão da sua madrinha, recebia d'ella um beijo na fronte, despedia-se de Luiz que a seguia com um olhar em que transpareciam a ternura, e a suave e benevola protecção, e dirigia-se tranquillamente para o seu quarto virginal. E agora... oh! o contraste era pungente de mais; Thereza sentiu no coração uma amargura profunda, e, caindo de joelhos para dirigir a Deus uma prece fervorosa, a prece das arrependidas, não pôde fazer mais do que derramar uma torrente de lagrimas.

Mas as lagrimas são oração tambem.





## XI

### Duelle de morte

E Thereza comtudo não era esquecida na casa onde fôra por tanto tempo o amor e a alegria de todos. Lá se tinham chorado tambem bastantes lagrimas, e D. Maria de Jesus nunca olvidára o nome da peccadora nas suas orações, nem a Dorothea deixava de soltar de vez em quando no fundo da cosinha alentados suspiros, que lhe não eram de certo inspirados pela lavagem da loiça, ou pela manipulação do jantar.

Luiz esse não parava nas suas investigações. Estava transtornado completamente ; magro, pallido, triste, excitava a compaixão dos seus amigos, que debalde procuravam dissuadil-o do empenho em que andava, e que até, diziam elles, era incompativel com a sua dignidade de homem. Mas Luiz respondia aos mais intimos como Garção, ou o padre fr. Domingos, que entre-

vimos apenas no principio d'esta narrativa, mas que era um dos familiares de sua casa, que só queria libertar Thereza das garras de um homem que não podia senão fazer a sua infelicidade; que não amava já a desgraçada que lhe fugira, mas que era responsavel perante Deus por aquella alma, e que não descansaria, emquanto não empregasse todos os meios para a impedir de se perder de todo.

Admiravam os amigos de Luiz Correia a dedicação do joven official, e o seu zelo pela salvação de uma alma. Garção dizia ao padre Antonio Delphim que o seu commum amigo era um «tenente de Plutarcho.» Só uns olhos de mulher, que raras vezes se enganam, e olhos de namorada que não se enganam nunca, mostravam, pela vermelhidão indicativa do muito que choravam, que se não illudiam ácerca dos verdadeiros sentimentos de Luiz, e que sabiam bem que Luiz amava ainda e amava profundamente a mulher que o traíra. Eram os olhos de Anninhas.

Mas o empenho de Luiz era baldado. D. Carlos de Mendoza desapparecêra da casa onde morava, e ninguem sabia para onde transferira a sua residencia. Um dia Garção, testemunha do desespero do seu amigo, aconselhou-lhe que fallasse ao ministro. Sebastião de Carvalho, em cuja casa o hespanhol tinha entrada franca, saberia de certo dar noticias d'elle e até poderia forçal-o a restituir a menina que roubára de casa de sua mãe adoptiva.

Luiz acceitou com alvoroço o conselho de Garção, e este, que não quiz deixar ficar em meio o serviço prestado, levou-o a casa de seu pae, a quem pediu que apresentasse Luiz ao secretario d'estado. Philippe Correia, que era muito amigo do seu joven parente, vendo o empenho que seu filho tinha n'esse negocio, ainda mais promptamente satisfez o pedido que se lhe fazia. Mas estava-se na noite de 31 de outubro de 1755. El-rei fôra para Belem, e no dia seguinte de manhã cedo Sebastião de Carvalho tencionava ir ter com D. José. Portanto era

indispensavel que fossem de madrugada ao palacete da rua Formosa.

N'esses bons tempos uma visita a horas tão matinaes não era tão impropria como o seria nos nossos dias, e demais Philippe Correia tinha bastante intimidade com o ministro, para não duvidar apresentar-se-lhe a qualquer hora.

Apenas rompeu portanto o dia 1 de novembro de 1755, Luiz Correia foi bater á porta do pae de Garção, e esperou impacientemente que elle se vestisse para o acompanhar a casa de Sebastião de Carvalho. Razão tinha para isso, porque, apesar de Luiz Correia ter vindo de sege, quando chegou com o seu parente ao predio da rua Formosa, já encontraram uma carruagem á porta, e entrando no pateo, sentiram os passos do ministro que vinha descendo a escada.

— Por aqui a estas horas, Philippe Correia! disse elle para o primeiro official da sua secretaria, assim que o vio, temos negocio de expediente que resolver?

— Não, senhor, respondeu o interpellado, mas este meu amigo e parente, que tenho a honra de apresentar a v. ex.<sup>a</sup>, deseja fazer-lhe um pedido tão justo e de tanta pressa, que eu resolvi-me a abusar da bondade de v. ex.<sup>a</sup>, vindo apresentar-lh'o a estas horas.

Sebastião de Carvalho relanceou os olhos soberanos e perspicazes para o apresentado, que se curvava com respeito diante d'elle. Agradou-lhe, ao que parece, a physionomia do joven official, porque respondeu com benevolencia :

— Para fazer justiça são boas todas as horas. Creio, sr. tenente, continuou elle encarando mais o protegido de Philippe Correia, que não é esta a primeira vez que nos vemos.

— Tive a honra de conhecer pela primeira vez v. ex.<sup>a</sup>, respondeu modestamente Luiz Correia, n'um dia bem terrivel, no dia em que ardeu o hospital de Todos os Santos.

— Ah! lembro-me agora, foi o senhor que deu mos-

tras de inexcedível coragem na salvação dos enfermos. O seu procedimento honrou o nosso exercito n'essa occasião. Bem! bem! Esta lembrança é uma recomendação excellente. Dirá pois da sua justiça.

Luiz Correia hesitou. Ali n'aquelle sitio, a dois passos dos criados, no fundo de uma escada, é que havia de revelar o segredo do seu coração? Apesar de saber que Sebastião de Carvalho não gostava de ser contrariado, não pôde deixar de dizer:

—Meu Deus! sr. secretario d'estado, estou devéras afflictissimo por vir importunar v. ex.<sup>a</sup> n'esta hora e n'esta occasião, e por ter de corresponder ainda á benevola attenção que me presta com importunidades não vãs mas...

—Diga.

—Desejava fallar mais particularmente a v. ex.<sup>a</sup>

—Oh! oh! acudiu Sebastião de Carvalho franzindo levemente o sobr'olho, o negocio é grave, ao que parece. Bem! Siga-me. Venha tambem, Philippe Correia.

—Se v. ex.<sup>a</sup> m'o permite, prefiro ficar aqui a respirar o ar da manhã, que não parece de inverno.

—Sim! sim! disse Sebastião de Carvalho subindo já a escada, o mez de outubro correu extraordinariamente quente e o mez de novembro quer imital-o. Não ha inverno este anno, e lord Tirawley, allegando que temos necessidade d'elle, é capaz de nos querer mandar para cá as brumas de Londres, com as mesmas condições que o *sabio* tratado de Methwen arbitra aos lanifícios.

Philippe Correia riu complacientemente do bom dito do seu chefe, e este, que decididamente acordára n'esse dia de bom humor, chegando ao cimo da escada, dirigiu-se ao seu gabinete, e, abrindo a porta e entrando, fez signal a Luiz para que o acompanhasse.

Luiz entrou, e ficou de pé defronte do ministro, que, atirando com o chapéu para cima da secretaria, se sentou na poltrona, onde já o vimos n'um dos capitulos anteriores.

—Exponha o seu negocio, disse o ministro brevemente.

Luiz Correia começou a fallar. Foi rapida a sua narração, mas as longas angustias da sua alma transpareciam em cada palavra. Á medida que proseguia a frente do ministro ia-se annuviando. Quando acabou, houve um instante de silencio. Os raios do sol nascente, entrando pela janella, e batendo de chapa no rosto de Luiz, punham em evidencia a sua assustadora pallidez. O coração precipitava-lhe no peito as ansiosas pulsações.

—Essa mulher é indigna de si, disse o ministro. Para que se preoccupa com o seu destino ?

—Senhor, é uma desgraçada que cahiu nas mãos de um homem que a hade precipitar, de miseria em miseria, no extremo da abjecção. Em minha casa, junto de minha mãe, tem um asilo seguro, onde poderá visital-a o arrependimento. E, senhor, é uma menina de dezoito annos, que ainda não tem a completa responsabilidade dos seus actos, que se pôde arrancar do abysmo onde a irreflexão a precipitou... d'aqui a pouco será tarde. O homem fatal, que a seduziu, fará d'ella uma creatura perdida, e nem eu, nem minha mãe nos podemos conformar com o pensamento de que essa intelligencia que nós cultivavamos, essa alma que iamos formando com tanto carinho e zelo, poderão para sempre sumir-se no abysmo odioso, para onde esse homem, que não tem nem pundonor, nem brio, nem uma sombra de elevados sentimentos, não tardará a precipital-as.

Sebastião de Carvalho ouvia-o em silencio, voltando uma penna entre os dedos, com as sobranceiras ligeiramente franzidas e os olhos cravados no chão. Depois pareceu tomar uma resolução definitiva, voltou-se para a mesa, puxou para si uma folha de papel, escreveu rapidamente algumas palavras, e estendendo a ordem a Luiz estupefacto, disse-lhe :

—Vá a S. Paulo, ao sitio indicado n'este papel, que põe ás suas ordens para effectuar a prisão de que o

encarrego, os soldados que requisitar no quartel do seu regimento, conduza D. Carlos de Mendoza para o forte da Junqueira, onde, agora que vou caminho de Belem, mandarei que lh'o recebam. A Therezinha que escolha entre uma d'estas tres alternativas : acompanhar o amante para a cadeia, metter-se n'um convento, ou tornar para a casa d'onde fugiu. Vá ; está a sua audiencia terminada.

Luiz Correia só então voltou a si do assombro em que o tinha lançado a rapidez da resolução do ministro. Ajoelhando-lhe aos pés :

— Senhor, disse elle, sempre julguei que nunca ajoelitaria senão diante de Deus ou do rei, mas v. ex.<sup>a</sup> foi para mim a Providencia que me salvou da loucura ou da morte. Beijo-lhe as mãos pela mercê que acaba de conceder-me. Foi justiça, senhor, asseguro-lhe que foi justiça, porque nunca animal mais venenoso do que esse D. Carlos de Mendoza pisou o solo portuguez.

— Vamos, vamos, levante-se, sr. Luiz Correia, redargui o ministro sorrindo com bondade ; diz muito bem não foi uma mercê que lhe fiz, foi um acto de justiça que pratiquei. Ha muito que o governo de sua magestade fidelissima seguia com vista attenta esse estrangeiro suspeito, que frequentava com singular assiduidade as casas professas e collegios e noviciados dos jesuitas, que andava de manhã n'uma roda viva de Santo-Antão para S. Roque, de S. Roque para a Cotovia, e que de noite brigava com a ronda na volta das orgias. Agora esta ultima façanha fez trasbordar o vaso ; roubar aos seus protectores legitimos uma menina de dezoito annos para a perder, para a prostituir!... Nada ! é necessario que o castigo fulmine o crime como um raio vingador.

• E, sem querer ouvir mais os agradecimentos do joven official, Sebastião de Carvalho pegou no chapéu, e desceu a escada com passo ligeiro e decidido. A porta estava ainda o pae de Garção.

— Venha commigo para Belem, Philippe Correia, dis-

x

se o ministro batendo-lhe levemente no hombro. O seu protegido vai satisfetissimo, hoje estão as repartições fechadas, venha tomar ares de campo. Previno-o que lhe dou de jantar.

—Agradeço muito o amabilissimo convite de v. ex.<sup>a</sup>, mas, se v. ex.<sup>a</sup> m'ò permite, deixe-me estar em Lisboa. Hoje é dia de Todos os Santos; meu filho Pedro ficava mal commigo, se não jantassemos juntos.

—Pedro?... ah! sim... o poeta? Elle faz versos, sim?

—Sim senhor.

—É certo... já tenho ouvido gabar-lh'os... Mas em todo o caso diga-lhe que se deixe d'isso... Versos são frivolidades indignas de homens sérios e pensadores... e depois podem trazer máus resultados... Veja o Diniz! Perito em leis, com a mania de fazer versos zombeteiros, é capaz de levantar contra si alguns rancores que lhe transtornem a carreira... Máu sésstro! máu sésstro!

—Mas meu filho não é satyrico, está longe de ser virulento...

—Ah! mas que não seja ao menos comó o Quita que me endoidece com os seus pastores e pastoras... Eu então sou uma victima do cabelleireiro, que, achando no meu nome «Carvalho» assumpto para inspirações bucolicas, não me deixa um momento... Lá nos versos d'elle ando sempre transformado em arvore... E não me sae de graça a transformação, de modo que afinal de contas a poesia o que faz é concorrência á mandriice.

—Meu filho tem character muito independente, re-darguiu Philippe Correia um pouco offendido pelo modo despresador do ministro, e a sua musa nunca hade ser cortezã.

—Pois que se livre de ser opposicionista, como d-ria lord Tirawley com os seus habitos parlamentares. Eu não consentirei que as musas façam opposição... Se o tentarem, os poetas vão para os fortes que por ahi ha, e as musas que regressem ao Parnaso, se assim lhes

aprouver. O melhor é não fazer versos, mas, se teimar em fazel-os, que não passe dos sonetos a Anarda. Vi algumas odes de seu filho, e pareceram-me austeras de mais; havia n'ellas como que um sopro da velha Roma republicana. Isso poderá ser muito bom como poesia, mas eu é que não tolero inspirações libérrimas.

Depois, vendo que Philippe Correia parecia mortificado e inquieto:

—Está bom, está bom, disse elle, não vá agora assustar-se. Sei que seu filho é um excellente moço, temente a Deus e ao rei, e incapaz de advogar idéas perturbadoras; basta que tenha cautella para que os seus versos não dêem logar a interpretações malevolas, que estariam muito longe do seu intento. Mas, pela ultima vez, quer vir para Belem e jantar hoje commigo?

—No dia de Todos os Santos, senhor secretario de estado...

—Está bom, está bom, respeito e comprehendo os seus escrúpos. Eu tambem tenho filhos, e sei quanto é agradável vel-os á roda da mesa, onde nos sentamos. Adeus! adeus! Sr. Luiz Correia, continuou elle, approximando-se do tenente, escuso de lhe dizer que deve guardar o mais absoluto segredo ácerca do negocio que lhe foi incumbido por mim, antes e depois da execução das minhas ordens.

—Póde v. ex.<sup>a</sup> estar descansado, respondeu Luiz Correia, curvando-se respeitosamente.

Sebastião de Carvalho metteu-se na carruagem, que, a um signal do secretario d'estado, partiu como um relampago pela rua Formosa abaixo.

—Então está satisfeito, meu amigo? perguntou Philippe ao seu parente.

—Mais do que suppunha possível. Tudo lhe daria se o ministro me não houvesse recommendado o mais absoluto sigillo, que entendo que não posso quebrar de modo algum. Mas pelo obsequio que me fez ficar-lhe-hei, acredite-o, eternamente grato.



—Não tem de que, meu amigo. Vá, vá, tome a sege que eu vejo que está impaciente.

—Vou levá-lo primeiro a casa.

—Para que? Faz-me bem este ar da manhã, vou saborear-o muito do meu vagar.

Os dois parentes abraçaram-se com effusão. Luiz percebeu que um tremor convulso agitava o velho official de secretaria.

—Que tem, meu amigo? perguntou elle inquieto.

—Não sei, respondeu Philippe Correia; é uma tristeza vaga, causada talvez pelas palavras do ministro relativas aos versos do Pedro. Que quer! preocupações da idade.

Não eram; eram presentimentos da morte. Apertando a mão de Luiz Correia, o pae de Garção afastou-se vagarosamente. Davam nove horas da manhã. Mal diria elle que d'ahi a uma hora estaria transformado em cadaver, mal pensava decerto, quando regeitava um logar na carruagem do ministro, que estava regeitando a salvação e a vida.

Mas sigámos nós Luiz, que, mettendo-se na sege, sem se importar com os solavancos d'esse instrumento de martyrio, cantado lamentosamente annos depois por Nicolau Tolentino, dá ordem ao holieiro para que siga a todo o trote na direcção de S. Paulo. Devora-o uma febre intensa; aperta com mão convulsa o papel que encerra nas suas dobras a salvação de Thereza e a sua propria vingança. Nem pensa em ir ao quartel buscar os soldados que Sebastião de Carvalho lhe recommendou que levasse, tem uma espada ao lado, a colera duplica-lhe as forças, e Luiz julga desnecessario um auxilio qualquer para prostrar, para calcar aos pés o homem que lhe roubou a felicidade.

Chegando á porta da casa indicada, Luiz apeou-se e bateu uma forte aldravada. Logo a criada preta foi abrir, e do alto da escada, perguntou com a sua voz roufenha:

—Quem é?

—Da parte d'el-rei! respondeu Luiz, subindo os degraus a quatro e quatro.

Ouvindo essas palavras magicas, o dono da casa appareceu com alvoroço á porta dos aposentos, perguntando ao mensageiro cujas feições não distinguia, pela escuridão da escada:

—Que recado traz?

—O de conduzir a uma prisão do Estado o sr. D. Carlos de Mendoza, respondeu Luiz que se achava já n'essa occasião defronte do seu rival.

Conhecendo a voz detestada e as feições do homem que pronunciára essas ultimas palavras, D. Carlos recuou estupefacto, exclamando:

—O sr. aqui? o que vêm cá fazer?

—Arrancal-o d'esta casa, e arrastal-o para uma cadeia onde possa expiar os seus horrorosos crimes.

—Prender-me? com que authoridade?

—Com esta.

E Luiz, com os dentes cerrados, com a raiva a transparecer-lhe nas feições convulsas, mostrou a ordem a D. Carlos.

—Assignada por Sebastião de Carvalho! Impossivel! Elle bem sabe que, perdendo-me, se perde a si tambem.

—Não sei se se perde se não, redarguiu Luiz, sei que me encarregou de o prender, e de lhe arrancar das garras a pobre menina que seduziu. Onde está The-reza?

—Não sei, nem me importa, nem conheço essa mulher. Mas agora, continuou elle, que fôra recuando, recuando até chegar a um canto da casa onde tinha encostada a espada, sou eu que mando aqui, mais do que o sr. Sebastião de Carvalho ou qualquer apaniguado seu. Saia de minha casa.

Brandia na mão a espada desembainhada; no mesmo instante outro ferro lampejou nas mãos de Luiz.

—Sair eu! Não me conhece ainda, sr. D. Carlos de Mendoza. Responda cathegoricamente: Onde está The-reza?

—N'um sitio d'onde não conseguirá arrancar-a. Isso lhe juro.

—Não obedece ás ordens do ministro d'el-rei? insistiu Luiz.

—Cumpra-as, se póde. Eu não obedeco, e farei arrependo o sr. Sebastião de Carvalho da sua cega temeridade.

Mas Luiz não lhe redarguiu.

—Thereza! bradou elle com voz de estentor, onde estás? responde-me! sou eu, é Luiz.

Respondeu-lhe um flebil gemido, que parecia vir dos quartos interiores. Desorientado, Luiz Correia nem se lembrou das ordens do ministro, e correu para o sitio d'onde vinha o grito indicativo da presença de Thereza. D. Carlos entretanto poderia fugir, mas elle é que não era homem d'essa tempera. Agil como um tigre, correu a collocar-se diante da porta por onde Luiz queria penetrar.

—Deixe-me, exclamou Luiz desvairado, deixe-me salvar essa infeliz.

—Isso fia mais fino, meu amigo, tornou D. Carlos zombeteiramente. Ah! mancebo virtuoso! vieste lançar-te, com as armas da legalidade, na caverna do tigre. Pois vais-lhe experimentar as garras, que é para veres o caso que eu faço da lei.

Uma vigorosa cutilada completou a frase, mas a espada de Luiz acudiu prompta á parada, e os dois ferros feriram lume, batendo um no outro. Então começou o duello, silencioso e mortal. Eram dois jogadores de armas talvez de igual força. As espadas encontravam-se sempre, enlaçavam-se como duas serpentes de aço, não achavam porém nunca descoberto o corpo do adversario. D. Carlos manobrava de modo que pudesse chegar á porta, Luiz procurava impedil-o. Os gemidos de Thereza ouviam-se já ao longe, mas distinctamente, pela porta que D. Carlos conseguira empurrar com o pé. Luiz apertava-o devéras. De olhos scintillantes, nos labios uma espuma sanguinea, os dois adversarios mi-

ravam-se mutuamente com anciedade, desejando encontrar uma aberta, por onde rompesse o ferro em busca do coração. Emfim D. Carlos conseguiu metter meio corpo na porta entre-aberta, e ia a empurrar-a com força para lhe correr os ferrolhos, quando Luiz, largando a espada que não fazia senão embaraçal-o, entalou-se na porta, e, arrojando as mãos ao pescoço do seu adversario com força sobrehumana, fê-lo ir ao chão, sem se poder esquivar a ir também arrastado na quêda.

Então começou n'essa porta interior uma lucta corpo a corpo, mais feroz do que o duello antecedente. A espada fugira das mãos de D. Carlos, porém os pulsos nervosos do filho da cigana obrigaram Luiz a largar-lhe o pescoço. Carlos ficára debaixo do seu adversario, mas possuia n'esse novo combate grandes vantagens sobre elle. Sem ser debil nem pesado, Luiz não tinha comtudo a agilidade e o desenvolvimento muscular do seu competidor, habituado na sua vida errante a servir-se mais dos punhos do que da espada, para resolver as questões que travava nas feiras de Hespanha ou nas tabernas da Cité em Paris.

Largando o pescoço de D. Carlos, Luiz pôde comtudo suster-lhe os braços no momento em que procuravam affogal-o. Enlaçaram-se então estreitamente, braço com braço e perna com perna. Sentiam nas faces vermelhas de fadiga a respiração offegante um do outro, os olhares cruzavam-se, scintillantes e implacaveis como dois punhaes. Houve um momento em que os dois contendores conseguiram neutralisar-se mutuamente, e em que ficaram na mais perfeita immobillidade.

N'esse instante de silencio e tranquillidade cheio de ameaças, o sino da igreja de S. Paulo deu vagarosamente meia hora depois das nove.

Involuntariamente Luiz, que não se lembrava que estava proximo da igreja, ao ouvir a primeira badalada, por um movimento natural e instinctivo, afastou um in-

stante os olhos dos do seu contendor. Foi o que bastou. Rapido como uma setta, o braço direito de D. Carlos soltou-se das mãos de Luiz, e foi apertar-lhe a garganta como uma tenaz de ferro, a perna direita deu um impulso ao corpo do joven tenente, e voltou-o no chão, e, em menos tempo do que levamos a descrevel-o, Carlos achava-se de cima de Luiz, com um dos joelhos sobre o seu peito, a mão direita affogando-lhe as guelhas, a esquerda pregando-lhe no chão o braço direito. Nos olhos do filho da cigana scintillava um prazer cruel; não havia que esperar misericordia. A morte de Luiz era inevitavel. Só Deus o podia salvar.

Tambem Luiz pronunciou mentalmente os nomes queridos de sua mãe e de Thereza, e, cravando o seu olhar sereno nas pupillas inflammadas de D. Carlos, esperou a morte com altiva serenidade.

De subito sente-se um rumor subterraneo longo e pavoroso. Debaixo dos corpos dos dois contendores a casa oscilla, como um navio batido pelo vendaval. O rumor augmenta chegando a uma intensidade espantosa, ouve-se na rua um grito immenso de misericordia, o sobrado da casa estala com fragor medonho e logo abre um boqueirão enorme, as paredes fendem-se de alto a baixo, rangem as vigas do tecto e desabam, e os dois adversarios, que n'um momento se erguem, pallidos e estupefactos, acham-se por um verdadeiro milagre em pé n'um pequeno espaço que ficou incolume, no meio de um monte de ruinas, em que de subito se transformaram as salas, ouvindo o immenso clamor de Lisboa fulminada pelo inesperado cataclysmo.

Era a catastrophe terrivel de 1 de novembro de 1755.



## XII

### O terremoto

Nunca um desastre mais formidavel e mais subitaneo caiu sobre uma cidade. Quem podia prever minutos antes aquelle sinistro acontecimento? O céu estava azul e sem mancha, soprava brandamente uma aragem suavissima, era regular a temperatura, os sinos das egrejas tocavam por toda a parte á missa, e nos templos a multidão agglomerada assistia ao santo sacrificio n'esse festivo dia de Todos os Santos. Pairavam sobre a capital a serenidade e a alegria; inundava a atmospherá uma radiosa claridade, e tudo isso era substituído de um momento para o outro pelas trévas, pela morte, pela ruina, pelo gelado pavor!

Um ligeiro intervallo de remissão succedeu ao primeiro abalo, e Luiz e D. Carlos, olvidando os seus odios n'aquelle momento supremo, correram á janella

da primeira sala que se conservára intacta por milagre, para d'ahi saltarem á rua. Um pensamento superior a todos os outros se apoderára de Luiz : correr a casa para salvar sua mãe. O primeiro andar não era demasiadamente alto, e as ruínas tornavam facil a descida. N'um momento se achou no meio da rua, seguido por D. Carlos, que não pensava senão na sua propria salvação. Mas, apenas tinham dado dois passos, o tremor repetiu-se com uma intensidade assustadora ; os gritos do povo atroaram os ares, ouviu-se de novo um estampido horrivel, novas ruínas se juntaram ás que já estavam accumuladas, ergueram-se nuvens de pó, e o balanço das casas obrigou-os a cerrarem os olhos, entontecidos por aquella visão infernal. Quando os abriram, acharam-se ainda sãos e salvos, mas a casa d'onde saíam desabára com medonho estrondo, e, agarrada ao parapeito de uma janella que se rasgava n'uma parede que ficára de pé, uma mulher desgrenhada soltava gritos dilacerantes de angustia e de terror. Luiz olhou e reconheceu Thereza, que lhe bradava :

— Luiz, por amor de Deus, salve-me ! salve-me !

Ao som d'aquella voz tão amada não pôde elle resistir ; trepando a custo pelos pedregulhos amontoados, dirigiu-se para ella anhelante, não cuidando senão em livral-a das angustias da morte horrivel que a esperava. Mas, quando chegou á altura da janella, quando já estendia as mãos para a salvar, viu-a desaparecer soltando um grito de afflicção. Julgou-a perdida irremissivelmente, e parava attonito, com os cabellos hirtos de horror, quando entre as ruínas da casa viu surgir, com os cabellos em desordem, o fato rasgado, o rosto e as mãos ensanguentadas, mas levando nos braços Thereza que se estorcía com raiva e que estendia para Luiz os braços supplicantes, o vulto sinistro de D. Carlos.

— Maldito ! exclamou Luiz precipitando-se atraz d'elle n'uma corrida vertiginosa.

Só lhe respondeu um grito de triumpho, e Mendo-



za, levando a presa cubiçada, desapareceu por entre as ruínas do terremoto.

—Perdida! bradou Luiz com desespero. E minha mãe, e minha pobre mãe! Ó que infame que eu sou que a olvidei por um momento!

E, reunindo todas as forças que lhe restavam, largou a correr na direcção do Rocio. Não via, não ouvia coisa alguma. As scenas que atravessava eram scenas de confusão medonha. Ao desembocar no largo de S. Paulo, repetia-se o tremor com intensidade ainda mais violenta, e a igreja desabava com uma detonação formidável. Um immenso grito de «Misericórdia, meu Deus!» atroou os ares. Não se escutavam senão confusos e sinistros rumores; era a quêda das casas, o doído badalar dos sinos, quando oscillavam, antes de cair, as torres dos campanarios, o rugido subterraneo que horrorisava todos, os gemidos dos moribundos, os gritos de angustia, os prantos. Incolume ainda no meio das ruínas, como se velasse por elle a mão da Providencia, Luiz foi topar na sua corrida com uma multidão desvairada que se agglomerava no largo fugindo das ruas adjacentes, mulheres com trajos descompostos, e não pensando nem de leve nos resguardos do pudor, homens atropellando-se uns aos outros, crianças chorando, pisadas, esmagadas, perdidas, um quadro horrível, d'onde saía um confuso rumor das mais encontradas exclamações.

—Meu filho! onde está o meu filho?

—Acaba-se o mundo! Misericórdia, Senhor!

—Ahi vem o mar sobre a cidade! Fugam! fugam!

—Minha mãe! ó minha mãe! acuda-me que eu morro!

—Anjos do céu, valei-nos!

—Ó Santissima Virgem, salvai este povo!

—Deus de piedade!

—Ó meu querido marido! morto! morto!

—Vai cair a torre! Senhor Deus, misericórdia!

—Perdoai-nos os nossos peccados, ó doce Jesus!

—Está-se a abrir o chão!

—O sol que se apaga! É o fim do mundo! é o fim do mundo!

E, os prantos, os gritos, os soluços irrompiam de toda a parte n'um concerto lamentavel. E Luiz corria, corria sempre, anhelante, quasi desejando que alguma d'essas pedras que lhe caiam em torno o esmagasse a elle, e lhe acabasse com a vida miseravel e odiosa, que não lhe servia ao menos para salvar os entes mais queridos que tinha na terra.

As ruinas accumulavam-se por toda a parte, o chão das ruas, aberto em boqueirões medonhos, exhalava fedidos miasmas, as nuvens de vapores que se exhalavam da terra escureciam o sol. A multidão, composta dos elementos mais diversos, vagueava á toa, querendo fugir e sem saber para onde. Cadaveres horripelmente mutilados appareciam por entre as pedras; homens meio esmagados nos destroços, mas ainda vivos, pediam soccorro que ninguem lhes dava. Freiras com as suas vestes monasticas andavam como que loucas sem saber o caminho que haviam de seguir, e sem que pessoa alguma tambem reparasse n'ellas. No largo do Corpo Santo alastravam-se as ruinas do convento de religiosos irlandezes, e causava dó vêr os pobres frades sobreviventes, pasmados, extaticos, diante das paredes prostradas do seu asilo, a chorar em silencio. Luiz olhou para o Tejo, e desviou a vista com horror; o rio, agitando-se em vagas enormes, baloiçava com furia os navios. Passando atravez da multidão desvairada, que ou rezava de joelhos, ou chorava, ou caminhava como que inconsciente fugindo para as egrejas desmoronadas, saindo logo d'ellas, correndo aos caes, mettendo-se em botes que se viravam, Luiz chegou ao Pelourinho atulhado das ruinas do Paço da Ribeira e dos outros edificios proximos, e ali encontrou carruagens quebradas, com os cocheiros, os passageiros e os cavalloos mortos. Tropeçava a cada instante n'um cadaver, e o pensamento horroroso de que podia encontrar tambem, quando chegasse a casa, o cadaver de sua mãe, é que

o incitava a correr doidamente por essas ruas sinistras.

Precedámol-e nós e vejamos o que se passára n'outro ponto do thêatro d'essa tragedia immensa.

Eram mais de nove horas da manhã quando D. Maria de Jesus, acompanhando a familia d'Anninhas, entrou na igreja do Soccorro para ouvir a missa da festa de Todos os Santos. A igreja estava cheia de gente e o altar adornado de flores brilhava com as innumeraz luzes dos tocheiros. Acabava de levantar a Deus, e todos os assistentes, ajoelhados e de cabeça curva, batião no peito com religiosa compunção, enquanto o sacerdote erguia a hostia; soltava cá fóra o sino as badaladas solemnes que annunciavam o momento, por assim dizermos, culminante do santo sacrificio, quando de subito se ouviu aquelle immenso rugido subterraneo, de que já fizemos menção, a igreja oscillou como se mão sobre-humana a sacudisse para a desarraigal do solo, os sinos baloiçados na torre soltaram como que lugubres gemidos, como que um grito immenso de dôr e de afflicção, as imagens dos altares desprenderam-se e caíram no meio da turba aterrada, despenharam-se do altar-mór os tocheiros com as velas accesas, e quando a turba dos assistentes, soltando um brado angustioso de misericordia, corria para a porta em tropel, o trovão subterraneo redobrou de intensidade e de estrondo, e o tectô da igreja, estalando com fragor, desabou esmagando debaixo de si os desgraçados fugitivos.

Não ha instrumento humano, ainda que o faça vibrar o genio de Meyerbeer, o cantor sublime das grandes paixões e das supremas angustias, que possa exprimir o brado doloroso e terrível que saiu d'aquella igreja tão subitamente mudada n'um monte de destroços, brado composto de gritos, de gemidos, de blasphemias, de supplicas, nota plangente e estridula que tinha por lugubre acompanhamento o rugido subterraneo que descrevemos já, e o desabar estrondoso das casas, egre-

jas e edificios publicos que enchiam essa Lisboa toda de ruínas e de confusão.

As pessoas que escaparam do desastre correram como loucas na direcção do Rocio. Entre ellas iam D. Maria de Jesus, Anninhas e sua mãe. Manuel Rodrigues d'Oliveira, o pae de Anninhas, esse lá ficara esmagado debaixo do tecto da igreja. As tres senhoras corriam por entre as ruínas, e Anninhas, que não perdêra de todo o accordo, amparava sua mãe e a sua amiga, e chamava com brados dilacerantes por seu pae. N'essas ruas estreitas porém o entulho accumulado offerecia obstaculos quasi invenciveis, e Anninhas com uma dedicação sublime ajudava as senhoras edosas que a Providencia confiára ao seu cuidado, aqui a saltar umas pedras, além a trepar penosamente um monte de ruínas, resguardava-as mais adiante de uma trave que desabava, porque o tremor não parava, e durante sete minutos, sete seculos, Lisboa oscillou doidamente nas garras do demonio subterraneo, durante sete minutos o cataclysmo horroroso demoliu os edificios soberbos, e semeou o terror e a desolação pela condemnada cidade. O quadro era sinistro, e os diversos estrondos davam-lhe ainda um toque mais lugubre e assustador. O trovão subterraneo rugia com um som rouco e profundo, confundiam-se com esse ruido o estalar dos vigamentos, o medonho estampido das casas que desabavam, o toque dos sinos que a agitação do solo sacudia, e que entornavam na atmospherá a sua urna de desesperados gemidos. Voavam as telhas de um para outro lado, como folhas desprendidas das arvores, o sol escurecia-se porque lhe extinguíam a luz as nuvens formadas pela concentração dos vapores que se exhalavam das fendas enormes em que a terra por toda a parte se rasgava. O desabar dos edificios levantava tambem do solo turbilhões immensos de poeira, que ainda augmentavam as trévas. As exhalações mephíticas povoavam de miasmas o ambiente. O rio fugia como horrorisado das margens, repellido para longe pela convulsão da terra, as

aguas da maré, encontrando-se com as que se retraíam das praias, luctavam em furioso embate, encastellavam-se em montanhas gigantes, e, arrojando-se de novo sobre as praias, desabavam na cidade e submergiam os caes, entravam por Lisboa dentro até distancias enormes, chegando ás portas de Santo, Antão, e de novo se retiravam e voltavam, mais agglomeradas, mais furiosas, mais espumantes, alagando as ruinas, quebrando nas paredes dos edificios, trazendo comsigo, enrolada nas ondas, a morte debaixo de um novo aspecto. Era a formidavel confusão da natureza, era a medonha lucta entre todos os elementos, era o horror debaixo de todas as suas fórmãs, a convulsão da terra, a tempestade das aguas, a lugubre escuridão, os boqueirões do inferno mostrando as fauces hediondas, o incendio que principiava, a imagem tremenda do chaos, o ideal sinistro do Barathro.

Anninhas caminhava, fechando ás vezes os olhos para não vêr o medonho espectáculo que a endoidecia.

—Meu pae! bradava ella de quando em quando, meu pae, onde está?

E a sua voz confundia-se com outros mil gritos semelhantes, que por todos os lados echoavam.

—Meu filho, exclamava D. Maria de Jesus, onde estará o meu filho?

—Animo, minha senhora, dizia-lhe Anninhas, está salvo decerto.

—Meu filho, repetia D. Maria de Jesus sem a ouvir nem attender.

Entravam n'esse momento no Rocio, todo alastrado com as ruinas do palacio da Inquisição, e de muitos outros edificios. Afluiam de todos os lados turbas de fugitivos, procurando o refugio d'esse espaçoso largo. Mas ahi esperava-os ainda, se é possivel, mais espantoso desastre, e mais horrivel espectáculo. Entre os diversos rumores do terremoto, ouviu-se de subito um estrondo sinistro e indefinivel, um como rugir de vagas. Olharam para o Terreiro do Paço, e o

que viram assombrou os mais intrepidos. O Tejo, encastellado n'uma onda immensa, coroada de espuma, galgava por cima das casas em ruínas e despenhava-se no Rocio com horrído fragor. A torrente enorme corria alagando a praça, e diante d'ella fugia a multidão desvairada.e louca.

—Ai minhã mãe! minha mãe! exclamou Anninhas, abraçando-se a chorar ás duas senhoras, ai, minha mãe! que é o fim do mundo.

Nem forças teve para fugir. D. Maria de Jesus e Josepha, quebradas por este ultimo golpe, contemplavam, com um olhar attonito e desvairado d'onde parecia ter fugido o lume da razão, a onda que avançava rugindo, espumando, enquanto a terra continuava a tremer furiosamente, e os predios desabavam, e se via por entre as trévas aqui e além brotar uma chamma sinistra a annunciar um começo de incendio. Emfim já vinha a dois passos a vaga; mais arrastadas pelo refluxo do povo, do que impellidas pela propria vontade, as tres senhoras fugiram emfim, mas a mãe de Anninhas tropeçou e caiu. Então a onda abraçou-a nas suas fauces monstruosas; ouviu-se um grito dilacerante, o da pobre filha que assim ficava orphã n'um momento... e nada mais. O rio chegára ao extremo limite do seu curso, e refluia de novo para o seu leito normal, levando comsigo as prezas que empolgára. O tremor abrandára, o solo parecia ter recuperado a primitiva firmeza, e os sobreviventes da catastrophe podiam contar-se uns aos outros, e enumerar as perdas horribéis que houvera n'esses sete minutos infernaes, que tinham tão de subito demolido Lisboa.

O quadro que o Rocio apresentava era devéras horroroso. Ruínas por toda a parte, nuvens densissimas de pó e de vapores mephíticos na atmosphaera; o sol, que de novo rasgára a cortina que o envolvera, apparecia no céu livido e amarellado, como se tambem sentisse o horror da catastrophe que presenciava. Grupos numerosos de infelizes gemiam, choravam e re-

zavam, e n'elles se viam freiras modestas e recatadas, unidas no mesmo terror e na mesma angustia com as meretrizes mais vis, mulheres chorosas abraçadas a crianças que tinham conseguido salvar, a dôr humana debaixo de todos os seus aspectos, a alegria em todas as suas manifestações, porque o encontrarem-se salvos depois de tão terriveis momentos era para os paes e para os filhos, para irmãos e irmãs, maridos e esposas, um jubilo infinito. O grupo onde se achavam Anninhas e D. Maria de Jesus era talvez o mais doloroso de todos. Parecia que nem uma só das pessoas que o compunham deixára de padecer cruelmente na catastrophe que fulminára a cidade. Anninhas, abraçada a D. Maria de Jesus, chorava perdidamente, exclamando:

—Ó minha santa amiga! estou só no mundo! sózinha! perdi a minha mãe! perdi meu pae; e de que modo, Deus do céu, de que horrivel modo!

Maria de Jesus olhava para ella sem parecer comprehendel-a.

—Perdeu-os! Ficaram no inferno? Coitadinhos! exclamou enfim D. Maria de Jesus em voz baixa e com os olhos vagos e attonitos. O meu Luiz, não sabe? está no céu. Hei-de encontral-o ainda!

—Que diz, minha senhora? bradou Anninhas aterrada, e prevendo novas desventuras.

—Sim! está no céu o Luiz. Nós saímos do inferno, e entrámos no purgatorio. Não viu? Foi a vaga que nos trouxe, aquella vaga enorme... enorme... onde vinham demonios a rir... a rir... fugiram e nós ficámos aqui no purgatorio, mas havemos de passar, havemos de passar para o céu onde o meu filho entrou.

—Oh! meu Deus! meu Deus! que está doida! soluçou Anninhas apertando com desespero as mãos na cabeça.

—Vamos para o céu, vamos, filha... Não vê? continuou D. Maria de Jesus com um sorriso vago nos labios, e apontando para uma criança que jazia morta nos braços de uma mulher sentada no chão com os

olhos seccos e ardentes cravados com uma expressão desvairada no pequeno cadaver, não vê? ali está o anjo que nos hade mostrar o caminho. Dorme agora, mas elle acordará, com azas brancas, com azas de luz e de oiro.

—Dorme! exclamou a mulher que tinha nos braços o cadaver. Não dorme, não! está morto, está morto, o meu filho. Vinha a fugir com elle da egreja, já o salvára, já o trouxera para a luz do dia, e vem uma pedra, desaba uma pedra e mata-m'o nos braços, e deixa-me ficar viva a mim, a mim que sou sua mãe! Que justiça é esta? Que Providencia é esta que mata um filho nos braços de sua mãe? Se este horrivel castigo foi chamado pelos nossos peccados, não os tinha o meu innocentinho, não os tinha decerto. Era eu, era eu que devia ser morta. E mata-ram-m'o a elle! Assassinos! assassinos! Não ha Deus, não ha anjos, não ha Virgem Maria, o céu está povoado, mas é de assassinos que me mataram o meu filho!

Ninguem fazia caso d'aquellas blasphemias, como ninguem fazia caso das queixas e dos gemidos. N'esse momento angustioso só predominava o egoismo. Um padre comtudo approximou-se e disse-lhe:

—Pobre mãe, tenha animo. Não blaspheme! para que? Não se irrita Deus com as suas blasphemias porque a misericordia infinita lhe permite avaliar a immensidade da sua dôr, mas a alma do seu filhinho, que está agora vestida de luz nos côros immortaes dos anjos, hade contristar-se ouvindo essas palavras. O que! pois nem tem uma lagrima para suavisar a esse pobre corpinho, ainda quente do calor da vida, a perda do espirito que o animava, não tem uma oração para mais depressa abrir á sua meiga alma infantil as portas luminosas do céu? Vá, chore e reze em vez de blasphemar, chore e dê-me esse corpo que não póde já aquecer com os seus beijos, olhe para o céu, reze, e veja, entre esta catastrophe terrivel que não foi produzida pelos nossos peccados—que para



castigar peccados lá estão as penas eternas—que é uma consequencia das leis immutaveis da natureza, veja, atravez do firmamento, que principia de novo a azular-se, a face misericordiosa de Deus.

E o padre Delphim, porque era elle, tirou brandamente o cadaver da criancinha dos braços da mãe, que, vencida pela sua doce e branda palavra, caiu de joelhos, rezando e chorando.

Quando percorria o grupo, levando as consolações da religião aos moribundos e aos afflictos, tendo uma palavra suave para cada dôr e um lenitivo para cada angustia, ouviu uma voz que chamava com desespero pelo seu nome. Era a voz de Anninhas, que lhe apontava para D. Maria de Jesus, a qual, sentada no chão com as pernas encruzadas e com um vago sorriso nos labios, olhava para tudo com o sorriso estúpido do idiotismo.

—O que é? disse elle afflicto. Anninhas, aqui tambem! E sua mãe e seu pae?

—Morreram ambos, sr. padre Delphim, e a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus enlouqueceu-me nos braços. Veja se me salva d'esta afflicção. E o Luiz sem apparecer! Que lhe terá succedido, meu Deus?

—Então, sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus, exclamou o sacerdote, não me conhece? sou eu, o padre Delphim.

—Sim, bem sei, redarguiu serenamente a pobre senhora, vem do céu, não vem? Viu lá o meu Luiz? Eu quero ir vê-lo! quero ir vê-lo!

E, com um modo infantil, D. Maria de Jesus começou a chorar mansinho, mansinho, mas com uma tristeza que cortava o coração.

—Coitada! Aqui não ha remedio algum que não seja a presença do filho! Vejamos, tentemos uma coisa que a reanimará talvez.

E, trepando acima de uma pedra, o padre Delphim bradou:

—Luiz! Luiz! vem cá a tua mãe.

D. Maria de Jesus levantou-se effectivamente como

se mola secreta a impellisse, mas ao mesmo tempo, por verdadeiro milagre, um homem que ia correndo direito ás portas de Santo Antão, parou, orientando-se, voltou-se para o sitio d'onde viera a voz, e, atravessando impetuosamente um grupo, caiu nos braços de D. Maria de Jesus.

Era Luiz Correia.

—Minha mãe! minha mãe! bradou elle. Encontro-a salva! salva! oh! não esperava já este raio de ventura.

Anninhas e o padre Delphim choravam commovidos por aquella situação, que a um lembrava tristemente as suas proprias desgraças, ao outro acordavam a sensibilidade nervosa, que as desventuras d'esse dia tinham vivamente excitado.

Mas logo D. Maria de Jesus, olhando em torno de si, e vendo as ruinas accumuladas, os edificios prostrados, os grupos de gente endoidada que soltava gritos lamentosos, sentiu escurecer-se mais a noite que lhe invadia o cerebro, e agarrando-se a Luiz, conchegando-se a elle como uma criança que tem medo, exclamou:

—Luiz, salva-me!... Não sabes?... Vieram uns demonios, uns demonios invisiveis que transformaram Lisboa n'um inferno. Tu vens do céu? Não vens? Leva-me para lá... para o céu sim... que não se póde viver aqui... O mar, não ouves o rugir das suas ondas?... Olha! como é pavoroso! O mar, Luiz, esteve aqui o mar!... Trouxe-o Satanaz n'uma concha immensa... E caíram as casas... e eu morri!... Morri, filho, mas tu tambem morreste, não é verdade, Luiz? E vens agora levar-me para o céu...

Luiz escutára com assombro. Quando ella acabou, soltou um grito de horror.

—Mas o que é isto?... Minha mãe, torne a si, sou eu... é o seu filho que lhe falla... o seu Luiz, não me ouve? não me conhece? O que succedeu foi uma desgraça horrivel, mas já lá vai, já passou. Reanime-se agora, minha querida mãe, tenha coragem!... então!

E ella não lhe respondia, e cada vez se aconchegava mais ao seu seio, deixando cair pelas costas os cabellos grisalhos, e fitando em tudo o que a rodeiava um olhar em que se pintava o mais profundo pavor.

—Mas, meus amigos, exclamou Luiz duvidando ainda do testemunho da sua razão, e voltando-se para o padre Delphim e para Anninhas, minha mãe enlouqueceu?

E o pranto saltou-lhe dos olhos copioso e amargo, e os soluços dilaceraram-lhe o peito.

—Luiz, exclamou de subito uma voz junto d'elles, voz conhecida e amiga que alteravam comtudo commoções profundissimas, Luiz, onde está meu pae? Que fez de meu pae?

—Garção! exclamou Luiz sem lhe ouvir a pergunta, a minha mãe! olhe a minha pobre mãe como está aqui nos meus braços, louca... louca, não vê?

—E meu pae? tornou Garção, porque era elle effectivamente que, pallido, com o fato em desordem, amparava uma mulher quasi desmaiada, e mal coberta com o trajo ligeirissimo de quem estava ainda na cama quando rebentára a catastrophe. Não me responde, Luiz! que é feito de meu pae?

—Seu pae!... ah! sim... seu pae!... oh! mas isto é horrivel... ha uma hora apenas que me separei d'elle, á porta de Sebastião de Carvalho. O ministro quiz levá-lo na carruagem para Belem... Elle não acceitou... por que ia jantar com os seus. Ha uma hora, e n'este intervallo, Deus do céu, morre uma cidade!... Oh! que temeroso dia!

—Vinha para minha casa! e morreu... morreu de certo... meus amigos, por amor de Deus, amparem minha mulher, protejam-n'a... confio-lh'a... que eu vou procurar meu pobre... meu desgraçado pae.

E, tambem soluçante, entregou sua mulher a uns braços amigos que a receberam, e que nem sabia quaes eram. Eram os braços de Anninhas, que, sentada no chão, tirára brandamente D. Maria de Jesus a Luiz, e a

deitára no collo e a affagava e amimava como se fosse uma criança, e que acolhia tambem agora, no seu reago angelico, essa outra mulher quasi inanimada, que tinha ainda\*no olhar vago, nas subitas convulsões, todo o deslumbramento da catastrophe terrivel.

—Teu pae! Não o procures... Animo, Pedro!... Teu pae morreu, esmagado pelas ruinas da torre de S. Roque... Vi-o eu com estes meus olhos em que tantas misérias, tantas agonias se tem hoje reflectido.

—Oh! meu Deus! meu Deus! exclamou o poeta irrompendo em soluços.

—Que é isso, Pedro? Que é isso, Luiz? continuou o padre Delphim com uma unção e uma gravidade solemne na voz, que mal suspeitariam os que conheciam o seu genio habitualmente jovial. Sou eu, pobre ministro do Evangelho, que devo aconselhar a constancia a um estoico, o valor a um official?! Choram ambos, tu Pedro, porque teu pae morreu n'esta catastrophe immensa que anniquilou uma cidade, e Luiz porque a razão de sua mãe não pôde resistir ás suas anciedades maternas, e ao cataclysmo horrivel que presenciou! Não passou o perigo, bem vêem; estamos em plena lucta com os elementos desencadeiados, e com a desordem que dentro em pouco virá acabar de partir todos os laços sociaes, que a catastrophe estalou! Não chorem como mulheres, cumpram o seu dever como homens de pundonor e de brio, como corações generosos e intrepidos que são! Choram, soluçam! olhem para os seus pés, e vejam essa pobre menina dar-lhes um extraordinario exemplo de abnegação e de sublime fortaleza. Essa menina que ahí está, Aninhas, perdeu hoje n'este horroroso desastre seu pae e sua mãe; vê-se orphã, vê-se desamparada, e, apesar d'isso, encontra ainda no seu coração thesouros de caridade e de ternura para consolar, para alliviar as misérias alheias! Terá ella de lhes ensinar o seu dever? Luiz, lembre-se que é official, lembre-se que a disciplina, que o patriotismo, que a honra militar o chamam

á outros sitios. Pedro, lembre-se que é cidadão, que é pae de familia, que é homem intelligente e instruido, e que tem o dever de dar o exemplo da coragem e do civismo a esse povo endoidecido que nos rodeia, e que não sabe como ha-de cuidar de si n'esta conjunctura atroz! Lembrem-se ambos que são christãos, que devem curvar-se em silencio perante os decretos inescrutaveis do Altissimo, que devem pensar, tu, Pedro, que a alma de teu pae está vestida de luz no seio da eterna gloria, e Luiz que sobre sua mãe vela agora, mais terna e mais propicia, a mão de Deus que não desampara os desventurados, que mais cura d'aquelles que um grande infortunio fere.

As palavras do padre Delphim produziram o seu efeito. Luiz ergueu a cabeça, e disse :

—Tem razão, meu padre. Diante d'esta immensa desgraça publica, deve desapparecer a consideração dos meus infortunios pessoaes. Parto para Belem a pedir ordens, a juntar-me aos que se reunirem em torno da pessoa d'el-rei, para o ajudar a cumprir o seu dever em presença d'esta catastrophe inaudita... Mas minha mãe, padre Delphim, quem velará por ella? quem a preservará dos perigos que a rodeiam?

—Anninhas lhe será guia e amparo, eu e Garção não a deixaremos um momento. Parta com o espirito tranquillo.

A voz do padre tinha uma doce authoridade, a que Luiz nem pensou em resistir. Curvou-se para Anninhas, ajoelhou, e, tomando a mão d'ella entre as suas, apertou-lh'a murmurando :

—Pobre martyr! martyr que transforma as suas agonias em thesouros de consolações para os outros, como hei-de eu pagar-lhe tanta dedicação?

Ainda Anninhas não tivera tempo de responder, quando uns gritos selvagens, que partiam de differentes pontos da praça, acompanhados por clamores de desespero e de afflicção suprema, fizeram com que todos os d'este grupo, até a esposa de Garção, se levantas-

sem e se apertassem uns aos outros, como receiando a repetição do immenso desastre. Mas a terra estava immovel, e a fuga das pessoas que soltavam os braços de desespero tinha decerto outra causa. Não tardaram a conhecê-la. Atravez da população densa que enchia o vasto quadrilatero do Rocio, uns homens de physionomia cynica, de pistola e de punhal na mão, passavam como uma alcatêa de lobos entre timidos rebanhos, perseguindo as mulheres, arrancando-lhes as joias, prostrando os homens para os roubarem. A exclamação de horror e de colera que Luiz ia a saltar expirou-lhe nos labios, quando viu tres ou quatro d'esses facinoras approximarem-se-lhe e puxarem violentamente pelo braço de Anninhas, que soltou um grito de afflicção.

Mais prompto que o relampago, Luiz correu a esses homens, que achavam em tão dolorosa occasião propicio ensejo para os seus crimes, com dois vigorosos murros prostrou um d'elles que brandia uma espada, e, arrancando-lhe a arma, abriu a cabeça a outro. Um terceiro disparou uma pistola, mas um movimento de Garção desviou a bala que se foi perder nas ruinas.

—Covardes! exclamou Luiz perseguindo com espadairadas e cutiladas os scelerados que fugiam, como fugiam sempre que encontravam resistencia, para irem proseguir n'outros logares a sua obra nefanda.

—Luiz, exclamou o padre Delphim, por quem é, parta, parta depressa; vá aonde o chama o dever, diga o que se passa n'esta desgraçada cidade, reclame providencias, faça sentir que, se mão energica não põe cobro nas desordens que vão surgir, Lisboa transforma-se n'um chaos sem nome.

—Partir! agora! exclamou Luiz torcendo as mãos de desespero. Sim! é o meu dever! mas eu não sou só cidadão, não sou só soldado, sou tambem filho, e não posso desamparar minha mãe.

—Luiz, não vê que velo por ella! exclamou a doce voz de Anninhas.

—Oh! obrigado, querida menina, obrigado! tornou o infeliz official. Mas ha perigos contra os quaes nada pôde. Se esses bandidos, se esses infames tornam...

—Estamos nós aqui, Luiz, bradou Garção, estamos nós aqui, morreremos para defender estas pobres senhoras, confiadas ao nosso desvelo.

—Conte que saberei protegê-las! concluiu o padre Delphim. A minha voz, a voz dos ministros do Evangelho é escutada. Aconselharei os que ainda conservam o uso claro da razão a agruparem-se e a resistirem a esses infames salteadores das ruínas.

—Cumpriremos pois todos o nosso dever! exclamou Luiz. Oh! minha santa mãe, continuou elle ajoelhando junto de D. Maria de Jesus que (privilegio estranho da loucura!) adormecera como uma criança nos braços de Anninhas, se nos não tornarmos a vêr na terra, que seja curta a nossa separação e que a morte nos reuna no céu... Anninhas, anjo de sacrificio, de abnegação, reza por mim... reza, accrescentou elle em voz mais baixa, reza por uma desgraçada que não pude salvar.

E, apertando ao peito estreitamente Garção e o padre Delphim que não podiam conter as lagrimas, Luiz largou a correr na direcção do Terreiro do Paço.

Era horroroso o aspecto da cidade. Destroços atulhando as ruas, e por toda a parte um concerto de gemidos, de gritos, de lamentações! Luiz procurava tornar-se cego e surdo para não vêr, para não ouvir tamanhos desastres, e corria cada vez mais rapidamente, tanto pelo menos quanto lh'o permittiam os obstaculos que lhe entorpeciam a marcha. No largo de S. Paulo viu um espectáculo doloroso. Um grupo numeroso de homens e de mulheres, uns meio despidos e outros vestidos com os trajos mais extravagantes, como quem se cobriu á pressa com as primeiras roupas que encontrou, estavam ajoelhados em torno de um sacerdote encanecido, de aspecto venerando, que, com as faces banhadas de pranto, entoava um psalmo de supplica e de misericordia. As vozes afflictas, e humidas

de lagrimas dos miseros que o cercavam, respondiam em côro ao seu canto. Nunca as vozes mais expressivas de cantores de igreja, acompanhadas pelas melodias plangentes do órgão, tinham produzido em Luiz uma impressão tão profunda, como a que lhe causaram n'esse momento os versiculos dos psalmos, entoados pela voz trêmula do padre, e repetidos com uncção, com fervor por todas aquellas vozes angustiadas! Era a humanidade confessando perante os grandes cataclysmos a sua immensa fraquesa, e erguendo a Deus a supplice voz a pedir-lhe protecção e amparo.

Luiz sentiu fundir-se-lhe o coração no peito, e as lagrimas saltaram-lhe dos olhos involuntariamente. Quantas viúvas, quantas mães orphanadas, quantos filhos sem paes estariam ali implorando do Deus misericordioso um lenitivo para as suas dôres immensas!

A commoção que sentiu não lhe fez comtudo affrouxar a carreira. Continuou correndo em direcção a Alcantara; em parte nenhuma encontrava um symptoma de ordem. Não havia quem velasse pela cidade. Luiz proseguia o seu caminho, mas sentia que lhe faltavam as forças e que não poderia ir assim correndo até Belem, quando, ao chegar á casa da moeda, construída por D. João V, e cujas ruínas alastravam o chão, reparou n'um vulto que, encostado a uma parede ainda de pé, se conservava immovel.

Ao approximar-se conheceu-o logo; era um moço alferes do regimento de infantaria do marquez das Minas, filho segundo de um fidalgo com quem tinha relações de amizade.

—Que faz aqui, sr. Gaspar de Athayde? Não vê que, se o tremor se repete, essa parede esmaga-o?

—Oh! meu caro sr. Luiz Correia, respondeu com tranquillidade de espirito surprehendente o joven official, que me diz a isto? Até agora dançavamos nós no chão firme, agora é elle que dança... «Dança o solo portuguez.» Olhe que mote para o Garção ou para o Quita, anh?



—Senhor Gaspar de Athayde, exclamou Luiz Correia assustadissimo porque se lembrava do estado em que ficára sua mãe, que está dizendo? Enlouqueceu?

—Porque? por me mostrar alegre? Ah! sr. Luiz Correia, se eu não reagir contra a impressão d'esta catastrophe immensa, enlouqueço devêras então! Que será feito de meu pae, de minha irmã?

—Pois vá procural-os, ande. Porque está aqui?

—Porque estou de guarda, respondeu com simplicidade o joven official.

—Está de guarda! exclamou com espanto Luiz Correia.

—Estou de guarda á Moeda! Os soldados fugiram todos, mas bem sabe que a bordo de um navio o commandante é sempre o ultimo que se salva. Ora n'um navio estamos nós, visto que tivemos balanço. Além d'isso aqui dentro estão dois milhões de cruzados pelos quaes sou responsavel, e portanto não arredo pé enquanto não apparecer pessoa a quem os entregue.

Luiz, quando elle acabou, lançou-lhe os braços á roda do pescoço e apertou-o ao peito.

—Meu amigo, disse-lhe, deixe-me abraçal-o. O seu procedimento é de um heroismo, a que dá ainda maior realce a simplicidade com que o pratica. Tem dezoito annos, sorri-lhe a vida, e não hesita um instante em sacrificall-a ao dever! É filho estremoso, não conhece ainda a sorte de seu pae, e não se afasta do posto em que o collocaram! É fallam os francezes do seu cavalleiro d'Assas! O seu nome devia de ser mil vezes mais cercado de elogios do que o d'elle, e comtudo... quem sabe? Talvez a historia ingrata lh'o olvide!

—Meu amigo, tornou Garpar, porque ha-de a historia lembrar-se de mim? Porque cumpri o meu dever?... Mas isso é natural e justo; se o não cumprisse, sim, então é que a historia devia vibrar-me todos os seus anathemas.

—Esse dever, sr. Gaspar de Athayde, hesitei eu em cumpril-o... Ah! mas o seu procedimento obriga-me

a envergonhar-me de mim mesmo. Adeus, sr. alferes.

Para diante de S. Paulo, começou Luiz Correia a encontrar cavallos soltos, que ou corriam á desfilada soltando relinchos exasperados, ou vagueavam como que espantados no meio d'essas ruinas que não comprehendiam. Eram os cavallos do regimento de Alcantara que tinham fugido da cavallariça e que ninguem pensava em reunir. Luiz lançou mão a um d'elles, montou, e partiu a galope, tanto quanto lh'o permittiram os destroços das ruas, que para esse lado não se accumulavam tanto como na cidade baixa.

Estava já no sitio da Junqueira, e encontrava a cada instante grupos de fugitivos que procuravam um asylo nos campos fóra da cidade, quando de subito ouviu de novo aquelle terrivel trovão subterraneo, que precedêra a primeira catastrophe, e, olhando para o rio, viu-o empinar-se, medonho e convulso, e arremessar-se á praia com um rugido soturno que produzia uma impressão horrivel. Nas aguas do Tejo os navios, sacudidos pela convulsão, jogavam no dorso das ondas como se fossem frageis cascas de noz. Luiz não teve tempo senão de fugir á redea solta para o interior das terras, perseguido por esses outros corceis espumantes e verde-negros, que galgavam pela praia em doida correria. Ao mesmo tempo ouviu ao longe um estrondo pavoroso, era a parte de Lisboa que ainda ficára de pé que desabava tambem. Um confuso clamor succedeu ao formidavel ribombo. O Tejo accrescentava ao concerto horrisono o seu bramido immenso, que parecia ter echos da voz do Oceano. Era o tremor de terra das onze horas.

O cavallo, em que Luiz ia montado, com as crinas erriçadas, soltou um nitrido longo e lugubre, e partiu em desenfreada carreira. Luiz, ao perceber a repetição do desastre, soltou um grito de desespero. O seu primeiro movimento foi voltar a cabeça do cavallo para Lisboa e partir a galope a procurar sua mãe. Quando ia porém a ceder a esta tentativa, o vulto firme, altivo

e sereno do joven official, encostado á parede da casa da Moeda, representou-se-lhe na phantasia.

— Não! disse elle, não! repelle as inspirações do affecto filial como tiveste de esmagar as aspirações de um amor ardente! És cidadão e és soldado.

E, apertando os joelhos, e affrouxando as redeas, comprimindo as pulsações do coração, tornou a partir n'um galope insensato na direcção de Belem.



### XIII

#### Para grande naufragio grande piloto

Forçoso é que voltemos atraz, que salvemos de novo n'um pulo o abysmo que separa a Lisboa de antes do terremoto da cidade arruinada d'onde Luiz Correia acaba de sair, para que possamos ligar entre si os episodios d'esta multipla narrativa.

Deixámos Sebastião de Carvalho, ás oito horas da manhã, descendo na sua carruagem a rua Formosa, depois de ter dado a Luiz Correia a ordem que lhe restituia Thereza e punia D. Carlos. Acompanhemol-o indiscretamente, e oiçámos, com magicos ouvidos, o monologo sem palavras que se lhe desenrola na mente.

—Ora bem! pensava elle. Aqui está uma boa acção que me aproveita. Livro-me d'aquelle infame D. Carlos, que seria a mais perigosa das creaturas, se um dia conseguisse ser um dos instrumentos da minha eleva-

ção. Se elle, só por estar na confidencia dos meus planos, ousa mostrar-se insolente, o que seria depois? Nada! nada! Não tenho geito para desempenhar o papel de Choiseul, e felizmente parece-me que el-rei não se assemelha muito a Luiz XV. O seu amor pela marquezinha de Tavora não é dos mais perigosos! Deixemo-nos de favoritas. Para alcançar a influencia suprema basto eu

Eu só, *sem* meus vassallos, e com esta

E, parodiando o verso de Camões, o futuro marquez de Pombal batia na testa, sorrindo-se do seu bom dito.

Estava decididamente de bom humor n'esse dia o sr. Sebastião José de Carvalho e Mello.

Quando chegou a Belem, disseram-lhe que el-rei já se levantára e que estava ouvindo missa com a familia real na capella. Sebastião de Carvalho para lá se dirigiu, metteu-se por entre os cortezãos, e foi ajoelhar ao pé do marquez de Alorna. Os dois fidalgos comprimentaram-se friamente.

Quando acabou o officio divino, Sebastião de Carvalho dirigiu-se para a porta. Instantes depois, os cortezãos, formados em duas alas, curvavam-se respeitosa-mente. El-rei, acompanhado por sua mulher, sua filha, e seu irmão D. Pedro, sahia para se dirigir aos seus aposentos. Atraz d'elle vinha Pedro da Motta, arrastando-se a custo e encostando-se ao braço do seu collega Diogo de Mendonça Côrte-Real, que parecia radiante de jubilo.

El-rei reparou logo em Sebastião de Carvalho, que se approximou para lhe beijar a mão. O olhar, que dirigiu para o seu ministro, não era comtudo dos mais affaveis.

—Por aqui! disse elle. Temos despachos?

—Sim, meu senhor, tenho de submetter varios negocios á real assignatura.

—De que repartição? dos negocios estrangeiros, ou da guerra?

—De ambas, meu senhor!

—Ah! de ambas! redarguiu D. José pronunciando vagarosamente a frase. Parece-me que não é lá muito bom que andem juntas as duas repartições. Corre o ministro o perigo de confundir a guerra com a diplomacia.

Um riso abafado correu nas filas dos cortezãos. Aplaudiam a conceituosa observação do soberano, e festejavam o signal da queda de Sebastião de Carvalho.

Diogo de Mendonça pavoneava-se todo ufano, e dizia segredinhos ao ouvido de Pedro da Motta.

Sebastião de Carvalho fez-se excessivamente pallido; teve comtudo forças para se sorrir, e respondeu com affectada serenidade:

—É que a diplomacia é uma guerra tambem, guerra em que as armas são os estratagemas, e em que os luctadores principalmente nunca devem deixar-se illudir pelos ataques simulados.

O espirito de D. José não era para estes apertos. No primeiro tiro gastára a polvora toda.

—Bem! bem! disse elle. Procure-me d'aqui a uma hora. Tenho tambem que lhe fallar.

E passou.

Os cortezãos seguiram-n'o, e estavam todos n'essa occasião tão myopes que raros foram os que repararam em Sebastião de Carvalho, que desempennára comtudo com altivez a sua elevada estatura, e que, seguindo com uma das mãos no chapéu, e com a outra mettida na abertura do collete, olhava com desdenhosa sobranceira para os satellites da realza que diante d'elle desfilavam.

Quando se achou só, Sebastião de Carvalho cerrou os punhos com raiva; nos olhos chisparam-lhe lampejos de fogo, relampagos da procella interior.

—É a intriga de Diogo de Mendonça! murmurou elle de si para si. Tanto melhor! trave-se abertamente a lucta, joguemos as ultimas e ai do que perder a partida!

Saiu da capella e dirigiu-se para a praia. O dia estava alegre e sereno; soprava um ligeiro vento que enrugava mansamente as aguas azuladas do Tejo. Sósinho, Sebastião de Carvalho passeiou algum tempo á beira do rio, com as mãos atraz das costas, contemplando ao longe o vulto de Lisboa que se mirava descuidosa e serena no espelho formoso das aguas que lhe banhavam os pés.

—Não seria uma imprudencia, murmurava elle, agora que a batalha se trava com mais intensidade, quebrar eu mesmo uma das armas que tinha na mão? A prisão de D. Carlos foi talvez uma loucura. Se a rapariga se lembra de se queixar ao rei, estou perdido.

Encolheu altivamente os hombros.

—Que importa? Quanto mais difficil fôr a lucta, mais interessante será! E realmente, se não faço como os jogadores de bilhar, se não dou partido aos meus adversarios, elles são de tal inepecia que nem merece a pena acceitar o combate.

Parou, e, encostando-se á muralha do cáes, cravou os olhos vagamente em Lisboa que zumbia ao longe, accumulada nas suas collinas. No Tejo deslisavam serenamente alguns botes, com a vela branca aberta, como a aza de um cysne, á viração matinal.

Na torre de uma egreja proxima deram nove horas e meia da manhã.

De subito, Sebastião de Carvalho, que continuava a contemplar distrahidamente Lisboa, levantou-se soltando um grito de espanto e de horror. A terra tremalhe debaixo dos pés com uma convulsão prolongada e ameaçadora; um rugido, como que de trovão longinquo, corrêra pelo sub-solo, o Tejo erguera-se e viera açoitar com as aguas espumosas a muralha do caes a que se encostava Sebastião de Carvalho, obrigando-o a fugir precipitadamente, algumas casas desabavam, e um grito de terror soava na praça que se estendia diante do palacio; mas não era isso o que fizera em-



pallidecer Sebastião de Carvalho, o que lhe fizera afiluir o sangue todo ao coração fôra a visão terrível, que lhe passára diante dos olhos n'um momento de assombro profundo, visão sinistra do Apocalypse, visão semelhante ás que o solitario de Pathmos contemplára nas suas noites de lugubre insomnia, quando assistia, em sonho febril, ao desmoronamento do universo, e via apparecer os cavalleirós pallidos, e abrir-se o livro dos sete sellos, e recolher-se o céu como um livro que se enrola, e cairem as estrellas na terra, como quando a figueira, sendo agitada por um grande vento, deixa cair os seus figos verdes.

E a visão de Sebastião de Carvalho não era menos horrorosa para olhos mortaes. Vira de repente ao longe a cidade baloiçar-se como se baloiça a funda que vai despedir a pedra nas mãos do fundibulario, e o Tejo erguer-se até á altura dos mais elevados edificios, e ennegrecer o sol, como um sacco de cilicio, ainda segundo a comparação do Apocalypse, e com um estrondo pavoroso desabar, subverter-se, como que desaparecer, transformando-se n'um monte de ruinas, a cidade rainha, que, momentos antes, dominava o Tejo do alto do seu throno de montanhas.

Em Belem o tremor de terra, principalmente na primeira convulsão, a das nove horas e meia, sentira-se pouquissimo, mas ainda assim todas as pessoas tinham fugido de casa e no terraço da antiga quinta do conde de Aveiras, agora quinta real, apparecera de subito D. José, muito pallido e trêmulo, perguntando para todos os lados o que fôra aquillo.

Mas a repercussão do immenso estrondo, que produzia o desabamento de Lisboa inteira, chegava a Belem e regelava o sangue nas veias das pessoas que corriam pelas ruas como doidas. D. José, lívido e atterrado, sem saber para onde havia de fugir, percorria ao acaso a quinta regia, e perguntava sem ter quem lhe respondesse:

—O que é isto? Que castigo foi este?

O resto da familia real saíra tambem para os terraços, e a rainha D. Marianna Victoria e a princeza da Beira soltavam gritos clamorosos, chamando por seu esposo e seu pae. Viram-n'ò apparecer emfim, desembocando de uma das ruas para onde dirigira o seu vago caminhar. Abraçaram-se a elle, chorando, e exclamando:

—Que desgraça, meu senhor, que desgraça!

—Mas o que foi isto? perguntava convulso e attonito o monarcha.

—Um terremoto, senhor, respondeu sua filha. Um terremoto horrivel! um castigo do ceu! Rezemos, senhor, rezemos uma *Magnificat* para que Deus nos proteja e nos acuda.

Ajoelharam todos na areia da quinta, e principiaram a rezar, ao tempo que chegava tambem o infante D. Pedro, o qual, sempre hesitante, quizera primeiro fugir para a rua, depois quizera ficar no sitio onde estava, depois dirigira-se para a quinta, e tivera tempo emfim de morrer cem vezes, se o terremoto derrubasse o palacio de Belem, como derrubára os paços de Lisboa.

O egoismo do perigo fôra mais poderoso do que os sentimentos cortezanescos, e a familia real achava-se completamente desamparada. Quando emfim o solo pareceu descançar, fatigado das terriveis convulsões, quando passaram os primeiros sustos, e quando os fugitivos de Lisboa começaram a apparecer em Belem, loucos, desvairados, narrando em frases entrecortadas e com a voz cheia de lagrimas os horrores da capital, principiaram os fidalgos a procurar el-rei para se agruparem em torno d'elle e pedirem ao poder régio protecção contra os desastres, que ameaçavam ainda Lisboa e os seus arredores.

Mas, quando o rei, depois de ter rezado, se levantou e, relanceando os olhos em torno de si, se viu sósinho com sua mulher e sua filha e seu irmão, teve um movimento de susto. Julgou por um instante que o terremoto lhe subvertêra tambem a realleza, que entre as ruínas se lhe perdêra a corôa, e, achando-se desampa-

rado, bradou com voz em que se sentia o terror mais profundo:

—Os meus ministros? Onde estão os meus ministros?

—Aqui, meu senhor, respondeu uma voz pausada e grave.

D. José voltou-se e viu na porta de vidraça, que deitava para a quinta, a alta estatura, e a physionomia severa de Sebastião de Carvalho e Mello.

Correu para elle de braços abertos.

—Ah! Sebastião de Carvalho! Bem vindo seja! Que desgraça esta! Que desgraça! O que foi este estrondo que eu senti?

—O desmoronamento de Lisboa, real senhor! A capital dos reinos de vossa magestade é agora apenas um montão de ruínas. Não ha catastrophe mais tremenda na sua historia! Mas a Providencia ainda foi misericordiosa, porque permittiu que se salvasse a preciosa vida de vossa magestade e da real familia.

—É verdade; é, felizmente estamos salvos! Foi uma inspiração do céu não ter eu ainda voltado para Lisboa. Mas, que desgraça! Deus do céu! o que irá lá pela capital! o que se hade fazer?

—Enterrar os mortos, meu senhor, cuidar dos vivos e fechar os portos! respondeu laconicamente a voz serena de um homem, que entrára, sem ser visto, no terraço onde se agrupava a familia real.

—Ah! o marquez de Alorna! disse el-rei. Nos perigos encontro-o sempre a meu lado. É um dos raros fieis, marquez. Bem vê que n'este momento os cortezaes são poucos.

—O sr. marquez, tornou Sebastião de Carvalho friamente, acaba de resumir n'uma frase conceituosa e feliz os conselhos que eu tencionava dar a vossa magestade. Mas n'este momento as frases, por muito felizes que sejam, são o menos; as obras são tudo. O sr. marquez de Alorna tomou já algumas providencias para reparar os desastres que devem ter occorrido na capital?

—Não tenho a honra de ser ministro d'el-rei, respondeu seccamente o marquez de Alorna.

—É justo! e eu que, apesar de indigno de tão alta posição, exerço esse cargo, não esqueci os deveres que me tocam, e peço desculpa ao sr. marquez de Alorna, se tomei a liberdade de lançar mão de dois ajudantes de campo de s. ex.<sup>a</sup>, que foram os primeiros officiaes que encontrei, para irem levar ordens necessarias aos generaes Manuel Freire de Andrade e marquez de Marialva.

—Que ordens? perguntou el-rei.

—Ao marquez de Marialva ordenei em nome de vossa magestade, que mandasse marchar para aqui immediatamente os regimentos de Setubal, de Peniche e de Cascaes, a Manuel Freire de Andrade ordenei que desse o mesmo destino ao regimento de dragões de Evora. São necessarios soldados em abundancia para cuidar dos vivos e para enterrar os mortos, como diz o sr. marquez de Alorna.

—O que! pois já pensou n'isso? exclamou estupefacto el-rei.

—Era o meu dever, real senhor. Não me esqueci tambem de mandar ordem aos governadores das torres para que não deixassem sair do Tejo navios que não fossem competentemente authorisados. Já vossa magestade vê que já cuidei dos vivos, já tratei do enterramento dos mortos, já mandei fechar os portos, e que portanto sou completamente da opinião do sr. marquez de Alorna, o que é para mim sem duvida uma grande honra.

—Admiravel! murmurou o soberano estupefacto.

O marquez de Alorna não dizia palavra.

—Que ordena mais vossa magestade? continuou Sebastião de Carvalho, curvando-se respeitosaente diante d'el-rei.

—Que ordeno? Que tome todas as providencias necessarias, que decida o que se ha-de fazer. Entrego a minha pobre capital nas suas habeis mãos, Sebastião de Carvalho. Salve-a e salve o reino!

—Vossa magestade confia bastante em mim para me dar assim carta branca e plenos poderes?

—Confio de certo. O que fizer será bem feito.

—Beijo as mãos de vossa magestade por tão insigne mercê, tornou Sebastião de Carvalho radiante de orgulho. Mas, para que não haja as minimas hesitações, para que se sinta n'esta batalha que vamos travar com o cataclysmo a unidade do commando, elemento indispensavel de successo, como aqui o sr. marquez de Alorna, grande capitão que fez as suas provas na Catalunha e na Asia, póde confirmar a vossa magestade, duvida el-rei passar com o seu regio punho um decreto que ponha debaixo das minhas ordens todas as authoridades d'este reino?

—Não duvido, não. Papel e penna!

D. José não se atrevia a voltar para uma das salas do palacio. Tinha muita confiança em Sebastião de Carvalho, mas deixára de a ter na solidez dos tetos.

O futuro marquez de Pombal correu ao palacio, e voltou logo com uma folha de papel, tinteiro e uma penna.

D. José escreveu sobre o joelho algumas linhas, firmou-as com a sua assignatura, e entregou o papel a Sebastião de Carvalho.

—Descance Vossa Magestade, exclamou o grande ministro com voz vibrante e altiva, tudo quanto humanamente se poder fazer para a salvação de Lisboa, hade fazer-se.

Beijou-lhe a mão e saiu correndo. Começava o seu reinado.

D'ahi a alguns instantes Sebastião de Carvalho estabelecia o seu quartel-general, por assim dizermos, n'uma pequena dependencia do palacio que ficava á beira do rio, cercava-se de secretários improvisados, mandava formar as tropas que havia em Belem, ordenava que todos os officiaes, fugidos da cidade e dispersos por aquelles arrabaldes, o fossem procurar, sob pena

de serem declarados desertores, e dava começo ao seu improbo trabalho.

N'uma sala com janellas para o rio, passeiava o grande ministro de frente erguida, com o fogo do genio e da audacia a scintillar-lhe nos olhos; e a sua voz sacudida e rapida dictava a um tempo a uns poucos de secretarios as ordens mais variadas.

— Escreva! dizia elle para um seu secretario particular, em cuja intelligencia confiava bastante para lhe entregar o cuidado de redigir os officios e decretos, que ia mandar lavrar; escreva uma ordem ao regedor das justiças, D. Pedro de Bragança, duque de Lafões, n'este sentido: que manda el-rei nosso senhor que reuna as companhias militares, e que as empregue já no enterramento dos cadaveres de homens e de animaes. Se alguma houver que se recuse a obedecer, que empregue a força para fazer respeitar as ordens do nosso previdente soberano n'este critico momento. Vá! isso sem floreos de redacção, dizendo o que quer dizer e nada mais. Em o acabando, leia-me o officio. Senhor tenente, continuou voltando-se para um dos officiaes que esperavam as suas ordens, tem ahí cavallo á porta?

— Sim, senhor.

— Muito bem! parta a galope, procure o sr. Rodrigo Antonio Miranda, e traga-m'o aqui immediatamente. Ha ahí mais officiaes de cavallaria que o conhecem?

— Nós, senhor secretario d'estado, responderam quatro ou cinco vozes.

— Os srs. alferes, proseguiu Sebastião de Carvalho designando dois dos officiaes, montam já a cavallo, e combinam alli com o sr. tenente as direcções que hão-de tomar. Repartem-se de modo que possam encontrar o sr. Miranda no mais breve espaço de tempo. Vão!

Os emissarios saíram precipitadamente.

— O officio está prompto? tornou Sebastião de Carvalho com impaciencia, voltando-se para o secretario que encarregára de escrever ao duque de Lafões.

— Falta pouco, respondeu o secretario, cuja penna corria vertiginosamente no papel.

— Isso depressa! Entretanto, continuou Sebastião de Carvalho, dirigindo-se a uns sargentos que lhe serviam de amanuenses, digam-me se se julgam capazes de redigir uns officios, dando-lhes eu a substanciado que desejo?

— Sim senhor, respondeu um dos sargentos, moço de physionomia decidida e intelligente; faremos o possível para agradar a v. ex.<sup>a</sup>

— Para servir o paiz e el-rei meu senhor, que não esquecerão os serviços prestados n'esta conjunctura. Lembrem-se que d'ora ávante as espadas de official não serão unicamente para ornar a cinta dos fidalgos de nascimento, mas para recompensar o merito. Bem, mãos á obra. Escreva pois, accrescentou o ministro falando com o sargento que lhe respondera, escreva ao duque de Lafões para que eleja um procurador por cada bairro da cidade, e que lhes ordene que convoquem os padeiros e forneiros dispersos, reunam todo o trigo que encontrem, juntem-n'o n'um deposito geral, e que façam o mesmo a todo o oiro e prata ou amoedados ou lavrados.

— O senhor, tornou elle voltando-se para o outro sargento, officie a S. E.<sup>ma</sup> o cardeal patriarcha, o sr. D. José Manuel, convidando-o a que faça procissões e a que use de toda a influencia religiosa para persuadir as pessoas fugidas de Lisboa a que voltem a suas casas, a fim de se encorporarem nas companhias empregadas em todos os serviços indispensaveis n'este enesejo, em que dá provas de máo cidadão quem abandona o seu posto.

— Senhor capitão, continuou Sebastião de Carvalho voltando-se para um dos officiaes que ainda estavam á porta, tome esses subalternos de cavallaria que estão ao seu lado, reuna uma escolta de cincoenta soldados, faça ahi por Belem uma batida geral, e traga-me, por vontade ou por força, quantos cirurgiões, enfermeiros e boticarios encontrar. Aqui tem a ordem.

Escreveu rapidamente algumas linhas, e entregou o papel ao official, que, seguido pelos seus collegas, desceu a escada a correr.

Houve um momento de silencio. Ouvia-se apenas o ranger de dez ou doze pennas correndo rapidamente no papel. Sebastião de Carvalho passeiava scismando.

De subito estrondeia novo rumor subterraneo, sente-se bater nas paredes da casa a onda tumultuosa do rio, que galga á janella, mostrando aos aterrados secretarios as suas fauces verde-negras, e volta ao seu leito, depois de ter inundado a sala de um jorro de agua espumosa. Treme o edificio nos seus alicerces, erguem-se da rua novos clamores, ouve-se o desabar das casas, porque o segundo tremor foi mais funesto a Belem do que o primeiro, sem ter ainda assim a intensidade do de Lisboa. Secretarios e amanuenses aterrados deixam cair as pennas, e fogem espavoridos, mas encontram á porta o vulto de Sebastião de Carvalho, que não os deixa passar, e que lhes ordena com severidade que voltem a occupar os seus logares.

— O terremoto! senhor! o terremoto! Estamos perdidos!

— Perdidos! tão perdidos aqui como na rua, exclamou Carvalho, e, quando assim fallava, ainda o chão lhe tremia debaixo dos pés. Isso é motivo para fugirem? São militares, e abandonam o seu posto na batalha! São militares, e fogem quando lhes treme o solo debaixo dos pés! Não treme elle tambem quando ribomba a artilheria? Não vem a morte nas bombas como póde vir nas oscillações do solo, e julgam-se por isso authorisados a fugir, quando passam as bombas silvando por cima das suas cabeças? Já para os seus logares! e declaro que fusilo o primeiro que abandonar o seu posto debaixo de qualquer pretexto.

O tremor parára; os secretarios voltaram de cabeça baixa para as mezas, e com mão tremula continuaram a redigir ou a copiar os officios de que estavam encarregados.



N'este momento sentiu-se um tropel de passos na esca-  
cada, a porta abriu-se, e Luiz Correia appareceu, com  
o fato rasgado, com o cabello em desordem, diante de  
Sebastião de Carvalho.

— Senhor secretario d'estado, disse elle, venho de  
Lisboa collocar-me ás ordens de v. ex.<sup>a</sup> Não corri logo  
no primeiro momento, porque... desculpe-me v. ex.<sup>a</sup>...  
não pude deixar de me lembrar que era filho, antes de  
pensar que sou soldado.

— Folgo de o vêr salvo, sr. Luiz Correia, respondeu  
Sebastião de Carvalho. Que novas nos traz de Lisboa?

— Horrosas, senhor. A's devastações da natureza,  
juntam-se agora as devastações dos homens. Atulham  
os cadaveres as ruas já alastradas de ruinas, uma po-  
pulação louca de pavor vagueia sem norte nem destino  
pelas praças, procurando debalde e em toda a parte a  
salvação. Quebraram-se os laços sociaes, e os laços de  
familia. Não se ouvem por toda a parte senão gemidos  
e prantos e soluços. Para cumulo de desventuras, uma  
horda de salteadores sem fé, nem lei, nem coração,  
uma turba selvagem de bandidos, caiu sobre a cidade,  
como um bando de corvos sobre um campo de batá-  
lha. Roubam, matam, violam as mulheres. Não ha au-  
thoridade, não ha força que os cohiba. A cidade está  
entregue a si mesma, quer dizer, está nas garras de  
todos os demonios que podem brotar do chaos, do in-  
ferno em que o cataclysmo a converteu.

— Que me diz, sr. Correia? Assassina-se e rouba-se  
em Lisboa? E ninguem pensa em reprimir esses incre-  
ditaveis excessos? E as tropas o que fazem? o seu re-  
gimento?

— Senhor, os soldados, os officiaes vagueiam disper-  
sos. O meu quartel é um monte de ruinas como o do re-  
gimento de Alcantara. A disciplina partiu-se como todos  
os outros laços sociaes. Chamei alguns soldados do meu  
regimento, que encontrei pelo caminho, nem me conhe-  
ceram, nem que me conhecessem me obedeceriam.

— Hão-de-lhe obedecer, eu lh'o juro, exclamou Se-

bastião de Carvalho. O que! pois não basta o cataclysmo da natureza, ainda ha quem o agrave com similiaes infamias! E... é verdade, diga-me, continuou Sebastião de Carvalho em voz mais baixa, D. Carlos de Mendoza?

— Salvou-o o terremoto, respondeu Luiz com amargura. Separou-nos a convulsão do solo.

— Ah! exclamou Carvalho com despeito, pois esteja certo que não sairá de Lisboa. Entre os bandidos, que saqueiam a cidade, ha-de-se encontrar por força o nobre hespanhol. Sr. Luiz Correia, componha o seu uniforme, reuna uma escolta de cem soldados de cavallaria que voluntariamente se apresentem, volte a Lisboa, e prenda-me quantos bandidos encontrar. A' medida que me forem chegando tropas, eu as enviarei para a cidade com as mesmas ordens. Sr. secretario, continuou voltando-se para o seu mais intelligente auxiliar, ordeno ao sr. duque de Lafões que mande levantar patibulos em todas as praças de Lisboa, e enforque, sem mais processo, os bandidos que lhe forem entregues pelos commandantes das patrulhas que passo a enviar para a capital.

N'esse instante o moço e decidido sargento, de quem já fallámos, apresentava a Sebastião de Carvalho o projecto de officio, cuja redacção lhe fôra confiada. O ministro percorreu-o, soltando ligeiras exclamações approvativas:

— Bem! bem! proseguiu elle, faça copiar e remetta, e agora passe immediatamente a redigir uma circular a todas as authoridades do reino para que prendam todas as pessoas suspeitas, ou que sairem de Lisboa sem passaporte do regedor das justiças.

Acabava de fallar quando entrou na sala um fidalgo de aspecto grave e sisudo.

— Ah! bemvindo! bemvindo! sr. marquez de Alegrete, exclamou o ministro, estava ancioso pela sua chegada. Precisamos de tomar medidas energicas para salvar Lisboa da destruição completa.

— Eu vinha pedir providencias a v. ex.<sup>a</sup>

— Estão sendo dadas, sr. presidente do senado, mas o seu concurso é-me indispensavel. E' necessario levantar hospitaes provisorios, tratar do abastecimento da cidade. Já vou mandar pessoas da confiança d'el-rei a todos os pontos do reino juntar generos, que sejam enviados a Lisboa. V. ex.<sup>a</sup> queira reunir os seus vereadores para presidirem e fiscalisarem a distribuição de mantimentos, para assistirem á sua entrada. Sua Magestade precisa do concurso de todos os bons cidadãos.

— Mas v. ex.<sup>a</sup> sabe que reina uma desordem terrivel em Lisboa?

— Sei, e tomei as providencias indispensaveis. Sr. Luiz Correia, parta immediatamente... Se encontrar D. Carlos, continuou o ministro em voz baixa, não o mande para o patibulo, fuzile-o sem mais ceremonias. Tranquillise-se, continuou o ministro vendo que Luiz tivera um sobresalto, por isso não ha-de ter remorsos, que D. Carlos não é homem que deixe de justificar o seu procedimento com a sua resistencia á prisão.

— Tanto melhor! murmurou Luiz.

Ia sair quando se sentiu na rua um immenso clamor. Contudo o solo estava firme, o abalo não se repetira.

— O que é isto? disse o ministro correndo para a janella do rio.

Recuou com um grito de espanto. Ao longe, um immenso clarão vermelho affogava o horisonte; nuvens de fumo negro toldavam, e escureciam o ceu. Lisboa inteira ardia.



## XIV

### Ultima catastrophe

Voltemos ao Rocio, onde deixámos a pobre louca, D. Maria de Jesus, entregue á vigilancia affectuosa de Garção e do padre Delphim, e aos carinhosos desvelos de Anninhas.

A vasta praça apresentava um aspecto cada vez mais horroroso, porque á multidão enlouquecida, que alli se agglomerava, tinham-se accrescentado os doentes dos hospitaes, cujos dolorosos gemidos cortavam o coração. O ar que se respirava era um ar mephitico, impregnado em todas as emanações insalubres do sub-solo escancarado com as fendas produzidas pela convulsão do terremoto, e em muitas outras exhalações funestas, entre as quaes devemos ennumerar as que resultavam da accumulção de tantos enfermos n'aquelle ponto.

— Meus amigos, disse o padre Delphim, é necessario que cobremos animo, que procuremos cicatrizar as

feridas que ainda vertem sangue, e que tratemos das necessidades habituaes da existencia. O futuro de todos nós não se limita ao dia de amanhã; a sr.<sup>a</sup> D. Maria de Jesus e a nossa Anninhas devem ter nas suas casas recursos que se torna mister salvar, para que não fiquem de todo arruinadas. Sou de voto que vamos ás casas uns dos outros, e que procuremos haver á mão o que fôr possível, para que, depois de termos escapado ao terremoto, não morrámos de fome.

— Acho justissimo, respondeu Garção, comecemos pelas casas mais proximas, que são as d'estas senhoras.

Anninhas fez com a cabeça um signal de acquiescencia, e conseguiu que D. Maria de Jesus a acompanhasse como que inconscientemente. O grupo dirigiu-se para a rua de Santo Antão, atravez dos mil obstaculos de que estava alastrado o caminho.

A rua padecêra bastante, muitos predios derrocados attestavam a passagem do horrivel cataclysmo; as casas de D. Maria de Jesus e de Anninhas tinham escapado, porém, ao desastre geral. Um pouco arruinadas, mas de pé, parecia que se saudavam uma á outra, como conhecidas e amigas, por cima das ruinas dos predios intermedios.

D. Maria de Jesus começou a olhar para a sua habitação, muito attenta, muito attenta, e os olhos arrazaram-se-lhe de lagrimas. Era a razão que voltava? Os seus companheiros miravam-n'a com anciedade. Anninhas chorava reprimindo os soluços, e, sem chamar a attenção de D. Maria de Jesus, designou em silencio ao padre Antonio Delphim um cadaver estendido no meio da rua. Era o cadaver de Dorothea. A infeliz mulher, ao fugir de casa, fôra esmagada por uma pedra da habitação contigua. O projectil prostrára-a, e esmagara-lhe a espinha dorsal. As mãos, estendidas para diante, amparavam a cabeça, que d'essa fórma se erguia um pouco, e mostrava aos que passavam as faces, contrahidas e desfiguradas pela agonia, da pobre criada velha.

Estavam ainda parados a pouca distancia da casa,

quando de subito sentiram o chão oscillar-lhes debaixo dos pés, e as casas, que se mantinham erguidas, cahiram por terra com um fragor espantoso. Ficou levantada ainda a casa de D. Maria de Jesus; apenas lhe abateu o tecto, produzindo estragos interiores, mas as paredes permaneceram intactas, e intacto ficou tambem o pequeno grupo, graças a essa miraculosa preservação de muros que poderiam esmagal-o.

A penna já se recusa a descrever os sentimentos de terror, e de angustia que se apossaram dos miseros espectadores da catastrophe. Resoou de novo pela cidade o afflictivo grito de «Misericordia». Anninhas, ao vêr cair diante de seus olhos a casa em que nascêra, soltou um grito de dôr profundissima, e cahiu desmaiada; mas no cerebro escurecido de D. Maria de Jesus, aquelle novo infortunio accendeu um raio de luz, que lhe mostrou a medonha extensão do cataclysmo, que ella nos ultimos momentos atravessára com a ignorancia feliz dos loucos.

Um grito rouco lhe acudiu aos labios. Olhou espantada para todos os lados, passou a mão pela testa como para apagar esse delirio que lhe escaldára o cerebro com a sua febre intensissima, e, cravando os olhos na sua habitação, por cujas paredes fendidas, por cujas arruinadas janellas, se viam os confusos destroços do interior, soltou de novo um grito estridulo, que denunciava a um tempo a sua afflicção intensa, e a faculdade, não sei se dolorosa se feliz, que recuperára, de a conhecer e de a sentir.

— Ai! Jesus! bradou ella. Ai Jesus! que perdi a minha querida casa, a casa onde nasceu o meu Luiz. O Luiz? O Luiz? Onde está elle?

— Está salvo, minha senhora, está salvo, exclamou Garção, emquanto o padre Delphim fazia tornar a si a desgraçada Anninhas. Que feliz que elle vai ser, sabendo que o Omnipotente lhe restituiu a razão, se é que lh'a não reserva para lhe dar a consciencia de novas e mais terriveis catastrophes!

— Sr. Garção! bradou D. Maria de Jesus, deixe-me ir á minha pobre casa tirar alguns objectos mais queridos! Deixe-me beijar pela ultima vez estas paredes, testemunhas das minhas dôres e dos meus jubilos, da minha viuvez consolada pelo amor de meu filho! Mas onde está elle? O meu filho onde está?

— Está em Belem, minha senhora, com o seu regimento, longe d'este theatro de horrores.

— Bemdito seja Deus que m'o salvou. Mas depressa; deixe-me passar, sr. Garção.

— Eu acompanho-a, senhora, acompanhamol-a todos.

Entraram na casa arruinada. Quando chegaram ao patamar, passando por entre os destroços que se accumulavam por toda a parte, ouviram de subito um gemido fraco, quasi indistincto, mas profundamente doloroso.

— Ha um ente vivo aqui, exclamou Garção quasi com terror, tão funebre lhe soava aos ouvidos esse lamento que se exhalava d'uma casa que devia estar absolutamente deserta.

— E' a minha pobre Dorothea, exclamou D. Maria de Jesus.

Não quizeram desilludil-a. Impelliram a porta aberta de um quarto, d'onde parecia sahir o gemido, e que fôra outr'ora o quarto de Thereza, e todos recuaram a um tempo, com um grito de pavor, como se tivessem visto um ente sobre-natural.

Em cima de um leito, quasi suffocada por um monte de calça e de vigamento, estava estendida, com uma profunda expressão de dôr no rosto contrahido e ainda formoso, a antiga habitante d'esse quarto, a louca e infeliz Thereza.

— Tu aqui! exclamou Anninhas ao vê-la, enquanto Garção e o padre Delphim, sem investigarem o mysterio d'essa apparição, desembaraçavam a infeliz dos materiaes que a tinham esmagado, e soltavam um grito de horror, vendo que o corpo de Thereza era uma immensa chaga, e que parecia que se lhe refugiára a vida



apenas na cabeça livida, mas illuminada pela luz suave da resignação.

— Filha! como venho aqui encontrar-te? exclamou D. Maria de Jesus debulhada em lagrimas, esquecendo tudo o que se passára, e beijando com soffreguidão o rosto da filha prodiga, que voltára para morrer á casa paternal.

— Minha doce mãe... murmurou Thereza... perdôe-me... Fugi d'este ninho de ventura para ir ser uma desgraçada sem nome... Voltei para morrer... mas Deus é bom, que me concedeu vê-la ainda... e a ti, Anninhas... Sois os dois anjos que elle me envia... para ensinarem... para ensinarem á arrependida o caminho do céu... O Luiz?... onde está o Luiz?... Quero vê-lo.

— O Luiz está longe, Therezinha, acudiu Anninhas, mas esse bem sabes tu que te perdôa de certo.

Uma lagrima brilhou nos olhos de Thereza.

— Perdôa... sim... bem sei... quiz salvar-me... era uma lueta entre o céu e o inferno... e o inferno triumphou... O demonio, o amaldiçoado, fugiu, levando-me nos braços... Em torno de nós cahia a cidade... rasgava-se a terra... escurecia-se o ar... perseguiam-nos as ondas... e elle sempre a arrastar-me, apesar dos meus gritos, das minhas supplicas... das minhas maldições... Cançou emfim... poz-me no chão para poder trepar um monte de entulho... e eu fugi, fugi desapoderadamente... com uma idéa só... uma idéa fixa, constante... morrer... mas morrer aqui... n'este quarto... o puro asylo dos meus sonhos, das minhas esperanças... Depois de mil obstaculos, cheguei emfim... Que felicidade!... a casa estava de pé, e serena entre as ruinas... O meu quarto pareceu-me que o deixára na vespera... Entrei, deitei-me aqui a chorar... a chorar... á espera da morte que não vinha... veio afinal, graças a Deus, e veio com a consolação suprema de as poder vêr a ambas, de poder dar o ultimo beijo nos meus dois anjos protectores.

E, puxando para si com os braços ensanguentados as

cabeças de D. Maria de Jesus e de Anninhas, que tinham escutado com avidez a narrativa quasi inintelligivel de Therezinha, beijou-as fervorosamente.

— Vamos! vamos! disse o padre Delphim que juntára entretanto quantos objectos preciosos podera encontrar, e que os entregava a D. Maria de Jesus, agora não é tempo de ouvir historias mais ou menos commoventes. De um momento para o outro pôde repetir-se o tremor.

— Eu é que não abandono Therezinha! exclamou Anninhas com firmeza. Ella não pôde andar. Eu hei-de salva-la...

— Não, não, Anninhas, não quero... Deixa-me morrer aqui.

— Morro contigo.

— Estás louca? Oh! não, não! Essa abnegação sublime é um martyrio para mim, torna mais pungente o sentimento da minha indignidade.

— Está bom! está bom! basta de phrases, exclamou rudemente Delphim para disfarçar a sua commoção. Saiamos! a Therezinha vem connosco.

— Como?

— Como? Vae no colchão! Eu e o Pedro a levamos.

— São dois anjos de bondade, disse Anninhas commovida. Ah! teem ao menos de bom estas catastrophes... o fazerem com que se possam avaliar bem os quilates de certas almas.

Apezar das supplicas, dos rogos e das lagrimas de Thereza, os dois amigos levantaram o colchão e sahiram com ella, dirigindo-se ao Rocio para a confiarem aos cuidados de algum medico, que de certo não tardaria, ou espontaneamente, ou por ordem da authoridade, a vir tratar os enfermos accumulados no Rocio.

Quando, porém, sahiram da casa em ruinas, ouviram um clamor confuso, um crepitar estranho, que lhes annunciava novidade. Apressaram o passo, e, ao chegarem ao Rocio, viram um espectáculo medonho ainda depois

de tantos horrores, terrivelmente grande ainda depois de tão formidável cataclysmo. Por cima d'aquelles montes de ruínas ondulavam agora grandes penachos de chammás, o Rocio era um mar de fogo, ouvia-se o crepitar das labaredas, o estalar das madeiras, viam-se subir aos ares os vastos rolos de fumo que iam toldar o céu. Aos horrores do terremoto, vinham juntar-se os do incendio.

As ruínas de tantas casas, onde pela maior parte havia lumes accesos para misteres domésticos, e o desabamento de tantas egrejas, onde os altáres estavam illuminados por velas e tocheiros, produzia forçosamente uma conflagração geral. No meio das ruínas lavraram as chammás occultas; onde o incendio primeiro irrompeu foi no convento de S. Domingos e no palacio do marquez de Louriçal; não tardaram, porém, a manifestar-se fogos n'outros pontos, mas a população, entregue a um terror que a paralytava, nem esforços fazia para atalhar os progressos das chammás; quando cahiu a noite e que as labaredas illuminaram com seu sinistro esplendor por varios sitios a cidade arruinada, poderam vêr os habitantes a immensa extensão do desastre. O quadro era sinistro: escombros por toda a parte, nas ruas uma multidão lacrymosa, cortando os ares com as queixas e os gemidos, e o incendio envolvendo ainda na sua vasta purpura a desgraçada Lisboa.

O aspecto do Rocio era realmente aterrorador, as chammás silvavam por todos os lados, sem que pessoa alguma pensasse em combatel-as. O convento de S. Domingos, quasi completamente desmoronado, estava sendo um lago de chammás. Quando passava o grupo que temos acompanhado na sua lugubre excursão atravez das ruínas, uma voz, que parecia sair das labaredas, chamou: — Padre Delphim!

Este levantou a cabeça com espanto, e viu a uma janella de um dormitorio já lambida pelas chammás, e que de quando em quando columnas de fumo escureciam, a physionomia grave e serena do dominicano fr.

Domingos da Assumpção, com quem travámos conhecimento no principio d'este livro.

— Salve-se! fuja, fr. Domingos! disse cá de baixo Delphim; o que faz ahí?

— Estou no oratorio, meu amigo, respondeu a voz tranquilla do dominicano. Não tenho sahida. A escada está em fogo, esta janella, como veem, deita para um mar de chammas.

E effectivamente as ruinas, que formavam um monte diante das paredes, ainda preservadas, do mosteiro, ardião, porque debaixo do entulho é que lavrava o fogo, e cercavam com linguas farpadas de chammas, e rolos espessos de fumo, a janella do primeiro andar onde fr. Domingos estava.

— Mas tente! bradou Garção. Arroje-se á escada!

Fr. Domingos abanou a cabeça com um triste sorriso.

— A morte é inevitavel! Quero morrer ao menos com serenidade christã! supponho que foi Diocleciano quem accendeu esta vasta fogueira, e que eu morro pela fê. Seja feliz, Garção! A sua benção, padre Delphim, a sua absolvição *in articulo mortis*.

O padre Delphim, profundamente commovido, deu a absolvição que lhe era pedida, e, como se as chammas só esperassem esse momento, irromperam logo pela janella, d'onde fr. Domingos teve que recuar, e que se transformou immediatamente n'uma verdadeira fresta do inferno, abertura vermelha e negra rasgada na parede já oscillante.

— Sigâmos! sigâmos! exclamou Delphim. Salvemos os que podem salvar-se, e entreguemos á misericordia divina aquelles que ella chama do mundo ao ceu pela estrada do martyrio. Garção, o que havemos de fazer?

— O Rocio está inhabitavel, respondeu o poeta que poisara no solo o colchão em que Thereza vinha deitada. Chammas por todos os lados, ruinas, uma multidão immensa. Não será melhor atravessarmos, procurarmos chegar ao Terreiro do Paço, onde, se já se aplacou a fu-

ria do rio, podemos encontrar um barco que nos leve para longe d'este foco de horrores?

— Tens razão, Pedro, acceto o teu alvitre.

E o pequeno grupo poz-se a caminho do Terreiro, atravessando as ruas labyrinticas da baixa, onde estavam as casas caidas todas, desmoronadas, mas onde ao menos não lavrava o incendio, porque esse, como se seguisse um itinerario traçado de antemão, descrevia uma curva perfeitamente geometrica, e, principiando em S. Paulo, ia depois pela margem do rio até ao paço da Ribeira, saltava em seguida a Alfama, de Alfama ao Castello, descia á Mouraria, atravessava o Rocio, subia a S. Roque, seguia pelo Loreto, Chagas, encostas de Santa Catharina, a entroncar de novo com S. Paulo, formando um cinto de chammas que abraçava Lisboa inteira no seu amplexo devorador.

Ao grupo de Garção tinham-se juntado no Rocio algumas pessoas conhecidas, que, principiando a recordar-se dos primeiros terrores, procuravam emfim não fugir ao acaso, mas unir os seus esforços para a salvação commum.

Não foi inutil esse reforço, porque as ruas que atravessavam estavam infestadas de salteadores infames, que não só roubavam tudo o que podiam apanhar, cortando orelhas ás mulheres para lhes arrancar os brincos, e praticando emfim toda a casta de atrocidades, mas que inclusivamente nem respeitavam n'esse momento supremo, n'esse momento angustioso, as leis instinctivas do pudor, e tinham a ignobil coragem de violar damas e donzellas, no meio d'esse spectaculo horrivel, sobre essas ruinas ardentes, como se o spectaculo de todo esse cataclysmo immenso não fosse mais do que um excitante para os seus sentidos embotados. Outros havia que procuravam, com selvagem deleite, aggravar mais o estado miserando de Lisboa, e que ateiavam elles proprios o incendio, para que augmentasse o chaos, a confusão que lhes estava sendo tão proveitosa.

Mas esses infames, em grande parte estrangeiros, relé e espuma de todas as nações, que vinham á tona d'agua n'estes momentos de tempestade social, eram naturalmente covardes. A attitude decidida do grupo em que ia Garção impoz-lhes respeito, e elle e os seus companheiros poderam chegar ao Terreiro do Paço sem receberem o minimo insulto.

Ahi, porém, o espectáculo era outro. As ordens de Sebastião de Carvalho começavam a ser cumpridas. N'um dos extremos da praça erguia-se um patíbulo. O incendio dos Paços da Ribeira combatia-se com ordem; no vastissimo terreiro, as pobres senhoras que acompanhavam o padre Delphim e Garção, poderam respirar emfim. As bocas das ruas estavam guardadas por tropas; havia sentinellas ao longo do caes; a turba, que alli se agglomerava, observava um silencio relativo. Sentia-se, emfim, em tudo, a influencia energica do principio da authoridade.

Subito, ouviu-se um passo cadenciado de tropas, e um pelotão de soldados de cavallaria apeiados entrou na praça, trazendo adiante de si um bando de homens de physionomias selvagens, nos quaes não era difficil reconhecer especimens dos mais completos da turba vil que profanava o cadaver de Lisboa. A' frente d'esse pelotão de soldados, caminhava um joven official, cuja aparição fez soltar um grito de alegria a D. Maria de Jesus, que olhava com anciedade para todos os militares.

— Luiz! exclamou ella.

Era Luiz Correia effectivamente, que respondeu a esse grito com uma exclamação de jubilo, e que, entregando o commando ao seu subalterno, correu, louco de felicidade, a lançar-se nos braços de sua mãe.

Não se descreve a scena. Era um raio de alegria do céu no meio das trevas do inferno d'aquelle dia. Quando, porém, Luiz viu Thereza, ficou de tal modo assombrado, a um tempo, de contentamento e de dôr, que não pôde fazer mais do que cair de joelhos junto d'ella, choroso e soluçante.

— Thereza... Tu aqui... E n'esse estado!...

Thereza olhou para elle, e saltaram-lhe as lagrimas dos olhos seccos, e queimados. Como o seu leviano espirito despedaçara a felicidade que se lhe debruçara quasi sobre o berço, que a esperára á porta do hospicio, e que ella doidamente repellira! Sempre lhe apparecêra entre os cataclysmos terriveis que lhe tinham atravessado a existencia o dôce vulto de Luiz, para lhe salvar a vida no incendio do hospital, para lhe levar as consolações da indulgencia e do affecto n'este momento angustioso. Vencida por tão pungentes commoções, Thereza chorava mansinho, e a sua mão trémula acariciava brandamente os cabellos do joven official.

— Vou morrer, Luiz, disse ella... Ah! mas como é doce ver-te... Faltava-me ainda o teu perdão...

— O meu perdão, querida, o meu affecto mais ardente...

Thereza soltou um grito de horror.

— Não! não! seria uma profanação essa palavra se a applicasses a mim... Não, a morte vem ahi felizmente... para me livrar de novas angustias... quero... desejo que cumpras a minha ultima vontade... A ventura que eu não poude, que não podia nunca dar-te... lego-t'a... ao menos. Anninhas, a tua mão... Luiz, a tua... Vá, unam-se, unam-se e pensem ambos em mim!...

Deixou cair a cabeça fatigada. Emtorno d'ella todos choravam.

— E esse desgraçado... esse infame? perguntou ella, erguendo de novo o rosto banhado de pranto.

— D. Carlos! exclamou Luiz. Escapou-se-nos das mãos. E' um dos que andam saqueando a cidade.

— Infeliz! murmurou Thereza. Até onde elle desceu.

Houve um instante de silencio, quebrado apenas pelas lagrimas dos circumstantes. Garção partira, deixando sua mulher entregue ao padre Delphim, para ir salvar em sua casa o que as chammas não houvessem devorado, ou o terremoto destruido. Os outros, a pouca distancia do palacio em fogo, estavam sendo resguar-

dados do aperto da multidão pela escolta que Luiz commandava, e que se approximára d'elle, dirigida pelo subalterno que esperava a alguma distancia que se abrandasse mais a commoção d'aquelle drama de familia, para pedir ordens ao seu superior. Descia um pouco a noite, e no meio das sombras incipientes mais terriveis pareciam as labaredas que avermelhavam o rio e o céu, e faziam oscillar os seus reflexos assustadores por entre a confusa massa da multidão, que se agglomerava cheia de pavor no terreiro. Trabalhava-se com ancia para se extinguir o fogo, e as companhias militares, dirigidas por officiaes intrepidos, arrojavam-se ás opulentas salas procurando salvar os objectos mais preciosos que estavam sendo prezas das chammias, que descuriosamente devoravam as maravilhas de arte e de riqueza, accumuladas successivamente n'aquelle admiravel palacio por umas poucas de gerações de reis, desde D. Manuel que tivera á sua disposição as magnificencias do Oriente, até D. João V que podera dispôr dos thesouros do Brazil.

N'esse heroico trabalho, em que andavam empenhados, por mais de uma vez tinham encontrado os soldados, que se lançavam ao fogo, homens suspeitos, que pareciam antes atear as labaredas do que procurar extinguil-as. Entre outros apparecêra um negro que fôra positivamente apanhado a alimentar o fogo, e que os soldados tinham entregado immediatamente aos beleguins do duque de Lafões.

A prisão do negro tornára mais vigilantes os soldados, que não tardaram a encontrar um homem, ainda moço, que se occupava conscientemente a atear o fogo nas tapeçarias de uma sala, onde ainda não tinham penetrado as labaredas. Correram sobre elle, e o homem fugiu, mas rindo com um riso selvagem, e sacudindo o facho que ia, de um lado e de outro, pelos corredores ainda intactos onde se accumulavam as sombras, deixando atraz de si o rasto implacavel do incendio.

Os soldados, que o perseguiam, fizeram-lhe fogo,



mas as balas, mal dirigidas, perderam-se na amplidão das salas, e o incendiario continuou a sua vertiginosa carreira. Comtudo affluíam soldados de todos os corredores, que cortavam a retirada ao infame, e, este já não tinha outro recurso, senão precipitar-se na praça, onde cairia tambem infallivelmente nas mãos das tropas.

A parte do palacio, junto da qual estava o grupo de Luiz Correia, ainda se conservava intacta. Era a que correspondia, pouco mais ou menos, aos aposentos hoje occupados pelo ministerio das obras publicas. Fôra para esse lado que o acaso dirigira a fuga do perseguido.

De subito o incendio rompeu com inesperada furia n'esse pavilhão do palacio, até ahí silencioso e sereno; abriu-se uma janella, e o vulto sinistro de D. Carlos appareceu, cercado de chammas, que aureolavam terrivelmente a sua frente, ainda bella.

Mas ao mesmo tempo abria-se outra varanda mais distante, e um official, offegante da corrida, bradou:

—Prendam, prendam esse homem, que anda ateiando o fogo no palacio!

—Infame! incendiario! bradou Luiz que logo o reconheçêra. A mim, soldados!

—Ah! ah! gargalhou da janella que ficava a pouca distancia do grupo o filho da cigana cruzando os braços, chama os soldados, meu virtuoso tenente, que já não salvam nem esta sociedade villissima, nem esse corrompido rei que vae arder no seu ninho de infamias, como a monarchia devassa na sua Babylonia incendiada.

—O rei! respondeu Luiz. O rei está em Belem, são e salvo. Erraste o golpe, infame.

—Em Belem! exclamou Carlos com desespero. Ah! maldito! Ao menos não me escapas tu.

Engatilhou uma pistola, disparou mas fahou-lhe o tiro.

—Soldados... bradou Luiz.

Mas Thereza soltou um grito, e, erguendo-se a meio do seu leito de dôr, exclamou:

— Luiz, não o mate! E'... é meu irmão!

— Teu irmão! bradou Luiz estupefacto.

Já D. Carlos engatilhára outra pistola. Souo o tiro, e a bala, passando de raspão pelos cabellos de Luiz, foi esmigalhar o craneo de Thereza.

Um grito de dôr unisono respondeu ao tiro. E os soldados, sem esperarem ordem, deram uma descarga de clavinas. Mal dirigidas, as balas como que respeitaram D. Carlos, que, immovel, ao vêr o que fizera, murmurou:

— Matei-a! Oh! que infamias da Providencia! Tambem ella amaldiçôa os filhos da cigana.

Foi esta blasphemia a sua ultima palavra. As chammas lambiam-lhe o rosto. O tecto da sala, em que estava, abateu, e n'essa immensa fogueira do palacio da realza desappareceu o vulto sinistro do filho de D. João V. Tivera ao menos um regio tumulo, já que não tivera o throno.

.....  
Estavam terminadas, emfim, as desgraças da capital do reino. O genio de Sebastião de Carvalho fez em poucos dias brotar a ordem d'aquelle chaos, e em poucos annos uma cidade mais bella d'essa cidade em ruinas.

D'ahi a algum tempo, Luiz e Anninhas cumpriam a ultima vontade da desgraçada Thereza. Casavam, e o grande poeta Garção compunha-lhes o epithalamio. Para elles foi um mysterio sempre o ultimo brado da infeliz engeitada. Por muito tempo a tristeza ensombrou com as suas nuvens a frente de Luiz, melancholia que só os beijos da sua primeira filha, á qual deram o nome de Thereza, conseguiram dissipar. D. Maria de Jesus viveu o bastante para poder beijar seus netos, mas ainda, nos ultimos annos da sua vida, a razão lhe oscillava no cerebro, quando alguem proferia diante d'ella estas terribreis palavras: «Terremoto de Lisboa».

# OBRAS EDITADAS.

PELA CASA DE

## MATTOS MOREIRA & C.º

Lisboa—68, Praça de D. Pedro, 68—Lisboa

### POR ASSIGNATURA

**Portugal antigo e moderno**—por Pinho Leal—Diccionario geographico em que se descreve tudo o que houve e ha de notavel nas terras do continente portuguez. Cada fasciculo 100 rs. Estão publicados o 1.º 2.º e 3.º vol., contendo as letras A, B, C, D, E, F, G, H, I, J. Preço do 1.º volume 2\$000 réis, do 2.º 1\$800, do 3.º 1\$500. No prélo o 4.º volume.

**As obras de misericordia**—por Enrique Peres Escrich—romance em 4 volumes com 32 gravuras de pagina. Cada entrega consta de 3 folhas e 1 gravura, preço 60 rs. **Valiosos brindees aos senhores assignantes.**

### À VENDA

**A mulher adúltera**—por Enrique Perez Escrich—4 volumes com perto de 200 gravuras no texto, 2\$000 rs.

**Casamentos do diabo**—por Enrique Perez Escrich—romance em 3 volumes com 30 gravuras de pagina, 1\$500 rs.

*Ainda se recebem assignaturas para estes dois romances.*

**De noite todos os gatos são pardos**—por Rebello da Silva—600. **Contos e lendas**—por Rebello da Silva—(com o retrato do actor), 600 rs.

**O demonio do ouro**—por Camillo Castello Branco—romance em 2 volumes, com gravuras originaes, 1\$000 rs.

**O regicida**—por Camillo Castello Branco—romance historico, 500 réis.

**Sermões ineditos**—do eminente prégador F. R. da Silveira Malhão. N.º 1 *Sermão de Penitencia*, n.º 2 *Sermão de Passos*, n.º 3 *Sermão de Nossa Senhora das Dóres*, n.º 4 *Sermão do Mandato*, n.º 5 *Sermão do Calvario*, n.º 6 *Sermão do Enterro*, n.º 7 *Sermão do Santissimo Sacramento*, n.º 8 *Sermões de Nossa Senhora da Piedade e Fugida para o Egypto*, n.º 9 *Sermão de Nossa Senhora da Salvação*, n.º 10 *Sermões de Paixão e Resurreição*.—Cada n.º 120 rs.

**O livro das flores**—por Alberto Pimentel—legendas da vida da Rainha Santa, 300 rs.

- O livro das lagrimas** — legendas da vida de Santo Antonio de Lisboa, por Alberto Pimentel—300 rs.
- O terremoto de Lisboa**—romance por Pinheiro Chagas—500 rs.
- Historia resumida de Hespanha, desde as epochas mais remotas até á actualidade**—por Carlos Lisboa—500 rs.
- Quadros da Independencia Nacional**—com 3 gravuras representando: *O condestavel Nuno Alvares Pereira, A capella do Bus-saco, e o palacio dos condes d'Almada*—120 rs.
- Almanach de caricaturas para 1874**—por Bordallo Pinheiro—(com perto de 200 desenhos originaes), 240 rs.
- Almanach de caricaturas para 1875**—desenhos de Bordallo Pinheiro, direcção litteraria do *nosso primeiro folhetinista*—200 réis.
- Compendio de grammatica franceza** — coordenado segundo o programma dos lyceus, e approvado pela junta consultiva de instrucção publica—por José Augusto Saraiva—300 rs.
- Guerra aos nunes** — comedia em 1 acto por Mattos Moreira — 400 réis.
- Os medicos** — comedia em 3 actos, imitação de Aristides Abran-ches—200 réis.
- A espadellada**—comedia em 1 acto, por Costa Lima—100 réis.
- Deus os fez... Deus os juntou**—farça em 1 acto, por Alfredo de Mello—100 réis.
- Othello tocador de realejo**—comedia em 1 acto, por Costa Lima —100 réis.
- O mestre Jeronymo**—comedia em 2 actos, por Aristides Abran-ches e Rangel de Lima—160 rs.
- Nova grammatica ingleza**—por Jacob Bensabat—600 rs.

## EM VIA DE PUBLICAÇÃO

- A filha do regicida**—romance por Camillo Castello Branco.
- Rosto e coração**—romance por J. B. Mattos Moreira.
- Os theatros de Lisboa**—por Julio Cesar Machado, com desenhos de Bordallo Pinheiro.
- Esboço de philosophia analytica**—por J. L. Hartt Milner.
- Diccionario de invenções e descobertas**—por Alberto Pimentel.
- A chave da sciencia, ou explicação dos phenomenos da natureza**—traduzido e ampliado por Marianno Cordeiro Feyo.
- Guia commercial e financeira para Portugal e Brazil**—por Carlos Lisboa.
- Curso de litteratura portugueza**—por J. M. de Andrade Ferreira.
- A morte e a immortalidade**—pelo abbade Berseaux—accommodada á lingua portugueza por Marianno Cordeiro Feyo.
- Diccionario da lingua ingleza**—por Jacob Bensabat.









